



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Letras

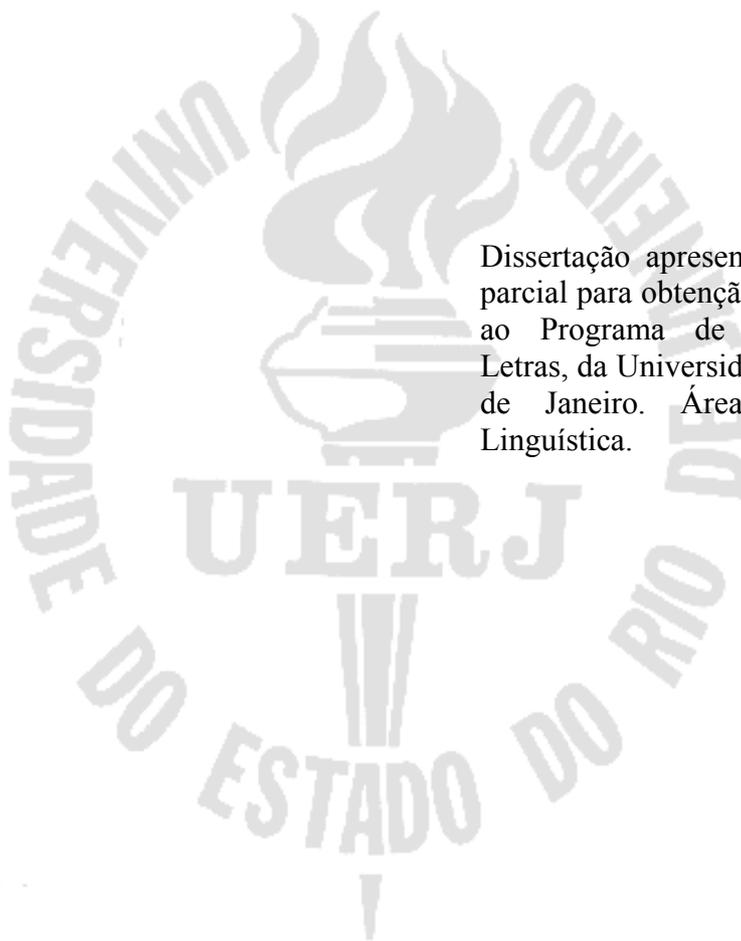
Rosane Augusta Fernandez

**Glossário Bilíngue de Termos Institucionais Universtários para a  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro  
2011

Rosane Augusta Fernandez

**Glossário Bilíngue de Termos Institucionais Universitários para a  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Alice Gonçalves Antunes

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

F363	<p>Fernandez, Rosane Augusta Glossário bilingue de termos institucionais universitários para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Rosane Augusta Fernandez. - 2011. 124 f.</p> <p>Orientadora: Maria Alice Gonçalves Antunes. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Terminologia – Teses. 2. Universidades e faculdades – Vocabulários, glossários, etc. – Teses. 3. Globalização – Teses. I. Antunes, M. Alice (Maria Alice), 1964-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 378.4(038)</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Rosane Augusta Fernandez

**Glossário Bilingue de Termos Institucionais Universitários para a  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovado em 31 de março de 2011.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Maria Alice Gonçalves Antunes - (Orientadora)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Profa. Dra. Maria Paula Frota  
PUC-Rio

---

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques  
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2011

## DEDICATÓRIA

À minha filha, **Ana Luísa**, presente de Deus, luz e inspiração em tudo o que faço.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me mostrar que os caminhos podem ser difíceis mas têm fim e que durante a caminhada, Ele nunca me deixa sozinha. Obrigada pela linda família e pelos amigos!

À **minha mãe Lucília e ao meu pai Ramon** (*in memoriam*) por me mostrarem o valor do conhecimento, do amor e da amizade.

A **meus queridos irmãos Dolores e Antonio** que, junto com minha mãe, foram, são e sempre serão tão essenciais na minha vida. Por lutarem por mim, mesmo quando nem sabem que é isso que estão fazendo.

À **Simone Vieira Resende**, amiga e companheira, por sua amizade, pelo bom humor e carinho sempre.

A **meus queridos amigos**, novos e antigos, por serem amigos ainda que a distância se impusesse. Em especial, **Rita de Cássia**, pela revisão relâmpago; **Marquinho e Flávia**, por me ajudarem com as tabelas infinitas; **Carla, Márcia, os D'Elia e os Fabri**, e os **inComuns Bruno, Lu Lorensone, Charby, Ana e Sandra** e a todos os que tenho a honra de chamar assim.

**Aos Professores e Colegas do Instituto de Letras**, na pessoa de sua Diretora, Professora **Henriqueta do Coutto Prado Valladares** e da Vice-Diretora, Professora **Maria Alice Antunes** e dos colegas **Kleber Pereira, Dorinha, Simone Coelho e Diana Aurora** que me acolheram como só os bons o fazem. Minha amizade e meu carinho. Contem comigo!

Às **Professoras Tânia Shepherd**, por ser incentivadora e um exemplo a seguir, e **Tânia Saliés**, pela palavra certa na hora certa e pelo carinho. Quero ser como vocês quando crescer.

À **aluna do ILE, Vanessa da Costa Câmara**, por organizar os primeiros arquivos do banco de dados para o glossário sair do papel.

À **equipe do DCI/UERJ**, sua Diretora Professora **Cristina Russi**, pela entrevista e pela disponibilidade e carinho. Ao funcionário **Elir Ferrari**, por não me deixar sem resposta nunca. À **Professora Kátia Dias**, ex-Diretora do DCI, pela sua disponibilidade em ser entrevistada e carinho.

Aos membros da banca examinadora: professores **Maria Paula Frota, Cláudio Cezar Henriques, Marcia Amaral Peixoto Martins e Gisele de Carvalho**, pelo tempo que dedicaram ao meu trabalho, esperando fazer jus a ele.

À minha orientadora **Maria Alice G. Antunes**, por ter sido mais que isso nesta caminhada, por acreditar em mim mesmo quando nem eu mesma acreditava, por tudo, minha amiga.

## RESUMO

FERNANDEZ, Rosane Augusta. *Glossário Bilingue de Termos Institucionais Universitários para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. 2011. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Este trabalho de dissertação tem como objetivo central a criação de um glossário bilíngue (português-inglês) de termos institucionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sua construção é de extrema importância para a tradução dos materiais institucionais que apresentam a universidade e permite que ela se comunique com o mundo globalizado. Ressalta-se, ainda, o valor do trabalho para a construção da identidade universitária e de sua memória institucional, pois apresenta os termos correspondentes aos utilizados pela UERJ para denominar suas estruturas e cargos, compreendendo sua Administração Central e Unidades Acadêmicas e Administrativas,

Para chegar ao glossário, dividimos nosso trabalho em capítulos. O primeiro trata do processo de globalização e seu impacto na universidade: a internacionalização. Utilizamos como exemplo do processo a internacionalização da UERJ não esquecendo de analisar a importância do uso da língua inglesa como língua franca e, conseqüentemente a relevância da tradução nesse contexto. No segundo capítulo, resumimos as teorias terminológicas, enfatizando a Teoria Comunicativa da Terminologia, de Maria Tereza Cabré e as características do bom glossário apontadas por Anna Julia Perrotti-Garcia, privilegiando o termo e seu contexto real de uso como ponto de partida. No terceiro capítulo, revelamos a macroestrutura e a microestrutura do glossário, apresentado logo em seguida. O glossário reúne, então, cerca de setenta termos em língua portuguesa, com exemplos acompanhados dos termos em língua inglesa, com seus exemplos de uso real.

Nas considerações finais, comentam-se os resultados da pesquisa, as adaptações necessárias e a contribuição do trabalho para a universidade e para a tradução e a terminologia. É um trabalho que pretende tratar da terminologia a serviço da tradução de textos institucionais, produzindo uma ferramenta importante para tal tarefa.

Palavras-Chave: Terminologia. Tradução. Glossário. Termos Institucionais Universitários. Universidade. Globalização. Internacionalização.

## ABSTRACT

This present work aims at building a bilingual glossary (Portuguese-English) of the institutional terms of the State University of Rio de Janeiro (UERJ). This work is extremely important to the translation of institutional materials which present the university and allows it to communicate with a globalized world. We must add that this work should contribute to the building of the university identity and its institutional memory, as far as it presents the terms the university uses, on an everyday basis, to nominate its structures and positions, bringing together its central administration as well as administrative and academic units.

In order to achieve the purpose of this work, that is, the glossary, we divided the dissertation in chapters. The first one deals with the process of globalization and its impact on the university: internationalization. We refer to the internationalization process, using as an example the process at UERJ, not leaving behind the importance of the use of the English language as a lingua franca and, therefore, the relevance of translation in this context.

In the second one, we sum up the terminology theories, emphasizing the Communicative Theory, by Maria Tereza Cabré and the characteristics of a good glossary pointed by Anna Julia Perrotti-Garcia, using the term and its real context of use as a starting point.

The second chapter reveals the macro and microstructure of the glossary, presented afterwards. The glossary contains, then, about seventy terms in Portuguese with examples, followed by the terms in English, also followed by their real use examples.

For final considerations, we discuss the results of the research, the necessary adaptations as well as the contribution of the work to the university, to translation and to terminology. It was a work worried about dealing with terminology serving the translation of institutional texts, when it produces such an important tool to that task.

**Key-words:** Terminology. Translation. Glossary. University Institutional Terms. University. Globalization. Internationalization.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 A UNIVERSIDADE E SUA PROJEÇÃO NO MUNDO GLOBALIZADO .....</b>	<b>14</b>
1.1 <b>Globalização e localização: fenômenos complementares.....</b>	<b>16</b>
1.2 <b>A internacionalização da universidade: processo integrado .....</b>	<b>21</b>
1.3 <b>A internacionalização na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – breve histórico .....</b>	<b>30</b>
1.4 <b>A importância do glossário para a apresentação da universidade .....</b>	<b>36</b>
1.5 <b>Língua inglesa como língua franca .....</b>	<b>39</b>
1.6 <b>A tradução e o mundo globalizado: a necessidade e o aporte da terminologia .....</b>	<b>42</b>
<b>2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS .....</b>	<b>46</b>
2.1 <b>Terminologia e termo – definições .....</b>	<b>46</b>
2.2 <b>Breve histórico das teorias terminológicas .....</b>	<b>49</b>
<b>3 DISCUSSÃO SOBRE O GLOSSÁRIO, MACRO E MICROESTRUTURAS .....</b>	<b>54</b>
3.1 <b>Definição de glossário .....</b>	<b>54</b>
3.2 <b>A macroestrutura .....</b>	<b>55</b>
3.3 <b>A microestrutura .....</b>	<b>58</b>
<b>4 GLOSSÁRIO .....</b>	<b>72</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RESULTADOS .....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO – Organograma da UERJ .....</b>	<b>124</b>

## INTRODUÇÃO:

Este trabalho visa à criação de um glossário bilíngue (português-inglês) de termos institucionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O glossário apresentará os termos correspondentes aos utilizados pela UERJ para denominar suas estruturas e cargos, compreendendo sua Administração Central e Unidades Acadêmicas e Administrativas, acompanhados de exemplos reais de uso retirado de textos autênticos publicados nos *sites* de cinco universidades britânicas e da própria UERJ. Para chegar a esse objetivo, definiremos os conceitos de globalização e internacionalização, destacando o processo de internacionalização da universidade como projeto institucional. Além disso, apresentará brevemente as teorias da terminologia, enfatizando o papel do contexto na construção do significado e do sentido para chegar aos termos mais adequados a serem utilizados no glossário.

A motivação para o trabalho surge da necessidade de produção de material institucional para a UERJ em língua inglesa e da falta de termos que a definam, seus cargos ou sua estrutura acadêmica e administrativa. Este material consiste de pôsteres, cartazes, e *sites* na *internet*, em que uma organização se apresenta, explicitando sua missão, valores e ações. Quanto à falta de termos, esse fato foi observado nos últimos dez anos. Trabalhando na Diretoria de Comunicação Social da UERJ (Comuns), a autora se deparou com a demanda da própria universidade e sua Administração Central, e ainda de seus pesquisadores, por materiais informativos em inglês para utiliza-los em visitas das delegações internacionais à instituição ou em suas viagens internacionais, seja como representante oficial da mesma em reuniões, ou apresentando seus trabalhos e pesquisas em congressos acadêmicos. Pôde-se notar, durante esse período, que, apesar do processo de internacionalização, foi detectado o problema na confecção desses materiais: a universidade não possui termos em língua inglesa que a representem ou a definam oficialmente e, conseqüentemente, cada unidade administrativa ou acadêmica utiliza termos variados para tratar a universidade, sua unidade ou setor. Vale acrescentar que as eleições realizadas a cada quatro anos, dependendo do novo gestor, podem criar novos termos ou rearranjar os já existentes. Mais que isso, observando-se textos sobre a universidade em língua inglesa na *web*, por exemplo, verificamos que vários setores são conhecidos por nomes diferentes, como a própria instituição, conhecida de tantas formas diferentes em que se possa combinar as palavras *university*, *state* e Rio de Janeiro.<sup>1</sup>

Assim sendo, o glossário de termos institucionais terá como objetivo designar cargos e órgãos de sua estrutura, em língua portuguesa e em língua inglesa, para comunicar-se com as

---

<sup>1</sup> Exemplos: *Rio de Janeiro State University*, *State University of Rio de Janeiro*, *University of Rio de Janeiro State*, *University of State of Rio de Janeiro*.

instituições com as quais mantém convênios nos cinco continentes ou apresentar-se a outras com as quais possa vir a construir tais relações. Com os termos de sua estrutura e de seus cargos definidos, objetivos específicos serão contemplados: (1) garantir auxílio ao tradutor para a produção de texto institucional em língua inglesa, tornando seu trabalho mais rápido, uniforme e eficaz. Desse modo, o glossário ocupará uma lacuna de trabalhos terminológicos, principalmente, no que diz respeito ao apoio a esse tradutor na direção tradutória português-inglês; (2) fazer com que a UERJ reconheça e seja reconhecida além de seus limites geográficos, como consequência da produção de textos com termos mais adequados à realidade e elevados à categoria de oficiais; (3) possibilitar a existência de um guia que possa cooperar também com os pesquisadores e suas tarefas internacionais, como a recepção de estrangeiros e apresentações acadêmicas em língua inglesa; (4) e contribuir para a memória da universidade, colaborando com as exigências legais para sua existência, a criação e a manutenção de seus órgãos e a elaboração e conservação de documentos, assim como a preservação da história da universidade.

Vale acrescentar que este trabalho reunirá os cargos e as estruturas principais da Administração Central e das Unidades Acadêmicas. O glossário é um primeiro passo para um trabalho maior e mais atualizado no futuro. Explicamos: o conhecimento da autora sobre a estrutura da universidade permite avaliar que a instituição está em constante mudança e evolução. Novas unidades e cursos foram criados nos últimos anos, como o Instituto de Geografia, a Faculdade de Oceanografia e o curso de Turismo na cidade de Teresópolis. Outras unidades administrativas também podem crescer, absorver outras tarefas e, em seguida, trocar de nome. Podemos ter como exemplo a Coordenadoria dos *Campi* Regionais (CCR) que, em 2009, quando os *campi* regionais já haviam se firmado como unidades independentes, se tornou a Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento (CEED), com a tarefa de cuidar da expansão do alcance da UERJ na sua missão de universidade do Estado. Missão adquirida pelo fato de ser uma instituição de ensino superior pública e gratuita, destinada a servir o Estado tanto na formação do profissional cidadão, na discussão e no questionamento das atitudes governamentais, quanto na promoção de serviços e atividades que cooperem com o desenvolvimento social e tecnológico do povo, em nosso caso, do povo fluminense.

Com esse compromisso estrutural em mente, a experiência da autora, como, digamos, “tradutora *in-house*”, colabora na organização do glossário até mesmo onde as mudanças ainda não foram suficientemente documentadas, mas já são consideradas no dia a dia da universidade. O glossário que desenvolveremos, conterá, assim, os termos básicos que

compõem a estrutura da UERJ, com a possibilidade de atualizações posteriores, sempre que necessário.

Para tanto, este trabalho está dividido em capítulos. O primeiro traça um perfil da instituição universidade no mundo globalizado, conceituando a globalização e o processo de internacionalização universitária. O histórico da UERJ é tomado como exemplo de processo de internacionalização, a partir da construção do seu Departamento de Cooperação Internacional (DCI) e as ações e mudanças derivadas de sua implantação. O capítulo termina comentando o papel da língua inglesa como língua franca no mundo globalizado e demonstrando a importância da construção de um glossário para o trabalho do tradutor.

No segundo capítulo, há uma revisão teórica dos autores que discutem a ciência da terminologia – definindo a noção de termos e seu uso na tradução. Sobre esse assunto, observamos que, em muitas teses e dissertações acadêmicas (Yinping Liu, 2006 e Viviane Ferini, 2006), a história da terminologia foi apresentada em detalhes. Assim, optamos por fazer apenas uma comparação entre as teorias mais importantes, quais sejam, a Teoria Geral da Terminologia, concebida por Wüster no início do século XX, e a Teoria Comunicativa da Terminologia, formulada por Maria Teresa Cabré e pesquisadores de Barcelona, na década de 1990. Apontamos também como a última influência de nosso trabalho com a noção de que o termo seja privilegiado no trabalho terminológico sem prescindir do contexto e do propósito comunicativo a que está atrelado e como está sendo usado.

No terceiro capítulo, definiremos o projeto base do glossário de termos institucionais universitários a partir da definição do projeto de um glossário. Estarão neste capítulo também a metodologia utilizada na produção do glossário, objetivos e público-alvo. Além disso, há a descrição da macroestrutura do glossário, incluindo apresentação, quantidade de verbetes etc. No mesmo capítulo, apresentaremos a microestrutura, com base na reflexão sobre as qualidades de um glossário realizada por Anna Julia Perrotti-Garcia (2004). Definiremos a estrutura dos verbetes e alertaremos para a adequação ao público-alvo e à coerência e coesão entre os termos que farão parte do glossário. Para estabelecer um conjunto de vocábulos que faça sentido como conjunto, estabelecemos os critérios de inclusão dos termos a partir do organograma da UERJ, como mapa conceitual deste trabalho, enfatizando a importância do contexto para a localização dos termos equivalentes mais adequados.

Em seguida, apresentaremos o glossário montado; o que significa apresentar os termos em português, acompanhados de exemplos de uso retirados do *site* da UERJ alinhados aos termos em inglês, também acompanhados de exemplos retirados dos *sites* das cinco universidades de língua materna inglesa, consideradas *top* segundo o *ranking* da *Academic*

*Ranking of World Universities* (<http://www.arwu.org/ARWU2010.jsp>), no ano de 2010, para a estruturação do corpus de trabalho. São elas, as Universidades de Oxford, Cambridge, College London (UCL), Imperial College e Manchester.

Para finalizar, na conclusão teceremos os comentários e considerações finais sobre o trabalho, a pesquisa engendrada e os resultados obtidos.

## 1 A UNIVERSIDADE E SUA PROJEÇÃO NO MUNDO GLOBALIZADO

A universidade é uma instituição de educação superior, pensada como lugar de produção e divulgação do conhecimento científico. É uma organização centrada no ensino e na formação de profissionais, mas que também se desdobra na prestação de serviços e na troca de conhecimento com a sociedade.

Para compreender a universidade como instituição, selecionamos a definição dada por Kaisa Koskinen (2008) para servir como ponto de partida. Para a autora, devemos olhar

as instituições como operando em três níveis diferentes: instituições abstratas (como a religião) constroem instituições mais formais (como a igreja) que são, por razões práticas, divididas em instituições concretas (como as paróquias locais) com seu espaço material determinado, membros e atividades recorrentes<sup>2</sup> (p.17).

Com essa definição em mente, podemos inferir que a instituição abstrata “Educação” constrói a instituição mais formal “Ensino Superior”, que se dividiu em instituições mais concretas: as Universidades, com espaço de atuação definido, membros e atividades recorrentes – as organizações. Para completar, a teoria das organizações acredita que “as organizações dão forma às instituições” (2008, p. 16). São, para Koskinen, “uma espécie de *container* no qual a instituição é colocada” (p. 16). As organizações são as instituições representadas concretamente, refletindo seus valores e ações. Porém, há uma intervenção a fazer de acordo com a instituição a que nos referimos: a universidade. Quando Koskinen afirma que as organizações são construídas apenas por razões práticas, acrescentamos que, em uma instituição tão complexa, sua construção também envolve razões políticas e pedagógicas. As primeiras porque são instituições fortemente influenciadas pelas políticas públicas de educação e pelas mudanças que as gestões governamentais trazem. As segundas pela organização do ensino em suas relações com a pesquisa e os projetos de extensão.

Assim, podemos dizer que a universidade é a organização onde a educação superior foi “colocada” para que lhe fosse dada vida na forma de um campo de atuação definido, de uma equipe e membros participantes de atividades específicas. Ainda nesse contexto, é preciso perceber como a universidade faz para cumprir seu papel na instituição Educação.

Outras definições interessantes sobre o papel da universidade podem auxiliar na compreensão da veia institucional da universidade. Eduardo Wanderley resume a universidade como

---

<sup>2</sup> A própria autora realizou o trabalho de tradução no decorrer desta dissertação.

lugar privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber; mas deve buscar uma identidade própria e uma adequação à realidade nacional. Suas finalidades são o ensino, a pesquisa e a extensão. Ela é a instituição social que forma, de maneira sistemática e organizada, os profissionais, técnicos e intelectuais de nível superior que as sociedades necessitam (Wanderley apud Kunsch, 1992, p.18).

Enquanto Arthur Gianotti define a universidade como

uma das formas mais cruciais pela qual o país se expõe ao mundo, encontra sua identidade na medida em que traduz suas experiências particulares na linguagem da civilização e da barbárie (GIANOTTI apud KUNSCH, 1992, p. 19).

Kunsch complementa, dizendo: “Ela [a universidade] tem um compromisso com o passado, preservando a memória; com o presente, gerando novos conhecimentos e formando novos profissionais e com o futuro, funcionando como vanguarda” (KUNSCH, 1992, p. 23).

Então, podemos resumir a ideia de universidade como organização a partir de suas funções sociais, quais sejam a produção de conhecimento, a formação de profissionais e a troca do conhecimento e tecnologia produzidos com o mundo do qual também faz parte. A partir de sua integração com os públicos que a compõem (professores, alunos e funcionários técnico-administrativos), e é com aqueles que estão à sua volta e utilizam seus serviços (a comunidade externa, outras organizações e o governo) que torna possível à universidade construir sua identidade. Em grande parte, essa identidade origina-se por meio de um processo de integração de suas estruturas, de como estas funcionam e de quem as opera de acordo com suas atividades-fim de ensino, pesquisa e extensão.

Não podemos deixar de lado também o fato de que tratamos neste trabalho de uma universidade pública. Esta deve primar por um ensino de qualidade, por disponibilizar serviços essenciais à população e, ainda, por colaborar com a criação de políticas públicas para as áreas essenciais. Esta missão está refletida nos seus estatutos. Como exemplo, temos artigos que abrem os estatutos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (i) e da Universidade de São Paulo (ii), respectivamente:

**(ii)** Art. 3º - São fins precípuos da UERJ a execução do ensino superior, da pesquisa e da extensão, a formação de profissionais de nível superior, a prestação de serviços à comunidade e a contribuição à evolução das ciências, letras e artes e ao desenvolvimento econômico e social.

§ 1º - A UERJ realizará seus fins por meio dos órgãos e serviços que integram sua estrutura e com a colaboração, em regime de convênio ou de mandato universitário, de instituições públicas ou privadas.

§ 2º - A UERJ contribuirá para a solução de problemas que interessam ao bem-estar da coletividade e ao desenvolvimento das instituições (Estatuto da UERJ, 1989, p. 3).

**(i) Artigo 2º** - São fins da USP:

I - promover e desenvolver todas as formas de conhecimento, por meio do ensino e da pesquisa;

II - ministrar o ensino superior visando à formação de pessoas capacitadas ao exercício da investigação e do magistério em todas as áreas do conhecimento, bem como à qualificação para as atividades profissionais;

III - estender à sociedade serviços indissociáveis das atividades de ensino e de pesquisa.

**Artigo 3º** - A USP, como Universidade pública, sempre aberta a todas as correntes de pensamento, reger-se-á pelos princípios de liberdade de expressão, ensino e pesquisa (Resolução nº 3461, de 7 de outubro de 1988, p. 1).

De acordo com sua missão, as trocas são imprescindíveis. E, no mundo globalizado em que vivemos hoje, elas acontecem o tempo todo, seja recebendo a comunidade do entorno para um curso de extensão, organizando um seminário internacional de pesquisa científica, atualizando o portal na *internet* ou recebendo alunos de intercâmbio internacional. Para as ações que envolvem as relações internacionais, a língua mais frequentemente usada é a inglesa, uma das razões práticas para a criação do glossário com os termos que identificam a universidade mundo afora, em nossa língua e na língua inglesa.

Outra razão é a inserção da universidade no mundo globalizado e o desafio que enfrenta ao internacionalizar-se. Entre ser global e não perder a identidade local, a universidade precisa entender o fenômeno da globalização e participar dele. No próximo segmento, portanto, trataremos do fenômeno e de seus efeitos sobre a universidade – a internacionalização -, além de discutir o trabalho da tradução para esta realidade.

### **1.1 Globalização e localização: fenômenos complementares**

Observamos a necessidade de a universidade se comunicar com o mundo por conta da globalização. A partir disso, é necessário definir o fenômeno e apresentar o papel do tradutor neste contexto.

Relembrando o papel da tradução no contexto institucional. Brian Mossop, por exemplo, afirma que

...toda tradução é realizada em um contexto institucional [...] decisões como mudar ou não o nível da linguagem não são tomadas simplesmente olhando para o gênero do texto, ou para quais serão os leitores. Antes, tais decisões são, em grande parte, pré-determinadas pelos objetivos da instituição dentro da qual o tradutor trabalha (MOSSOP, 1990, p.343).

Ao que Koskinen acrescenta que podemos falar de tradução institucional toda vez que alguma organização pública ou privada usa a tradução como “meio de ‘falar’ com um público

em particular” (2008, p. 22). E, nesses casos, a instituição, seus valores, missão e objetivos devem estar presentes no texto traduzido, pois quando se realiza a tradução institucional, segundo Koskinen, é a própria instituição que está sendo traduzida.

No nosso caso, de acordo com esses pressupostos, ao traduzir um texto sobre a universidade, o tradutor deveria transmitir, por meio dele, as características daquela instituição de ensino superior a fim de possibilitar a construção, junto àquele público em particular, da identidade da organização. Para fazer suas escolhas dentro do padrão da instituição, o tradutor vai necessitar de ferramentas que o auxiliem na produção da tradução. Porém, as ferramentas não fazem parte das preocupações da Universidade, ainda que se produzam esses materiais há algum tempo. Esta, pelo visto, é uma situação comum em se tratando de utilização de uma dada terminologia, sendo confirmado pelas palavras de Francis Aubert (2001, p.13), quando diz que

a falta de descrições e sistematizações exaustivas e validadas pelos usuários tende a gerar a proliferação de termos, por meio de soluções que variam de usuário para usuário, de entidade para entidade, de região para região, resultando, ao final, em um verdadeiro emaranhado de dialetos de especialidade.

Assim, não há como realizar uma tradução realmente institucional, comunicando os valores e objetivos da instituição, se não houver uma fonte fidedigna que reúna os termos presentes em sua estrutura administrativa e, em nosso caso, acadêmica real. Parafraseando Aubert, o que teríamos seria um emaranhado de dialetos dentro de uma universidade para falar de si mesma.

É este, então, um dos objetivos da produção do glossário: esta ferramenta dirá ao tradutor como a universidade e seus cargos principais são identificados na língua inglesa, assim como facilitará suas escolhas, mais próximas da identidade da instituição, seus valores e objetivos. Ainda que a UERJ não possua, por exemplo, em seus quadros fixos um tradutor, a contratação desse serviço é inevitável dada a demanda por textos em língua estrangeira. Com o glossário em mãos, mesmo que o tradutor não conheça profundamente a instituição, além da economia do tempo, fundamental nos dias de hoje, os termos usados refletiriam de maneira adequada e uniforme a identidade da universidade. A universidade teria apenas uma referência institucional e o tradutor trabalharia com uma base mais forte para seu texto.

De acordo com nossa pesquisa, o trabalho dos glossários faz parte da realidade da maioria das universidades estrangeiras. Seus glossários definindo termos acadêmicos foram construídos com o claro propósito de identificar-se e se fazer entender primeiro por seus novos alunos. O fato de estarem em seus *sites* proporcionou um outro movimento. Qualquer usuário da *internet*, futuros alunos estrangeiros, pesquisadores de outros países e o público

em geral pode vir a conhecê-las. Dessa forma, apresentaremos o fenômeno da globalização e como a instituição universitária participa dele.

Para começar a tratar da globalização em si, utilizamos a voz de Ulrich Beck (1999), que demonstra que a globalização é um processo pelo qual a humanidade passa há séculos, não se sabendo ao certo quando a sociedade se tornou global. Porém, ele diz que a consciência do processo veio com a Rio 1992 (II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano), que estabeleceu parâmetros ambientais e fez a sociedade se perceber como uma “sociedade de risco mundial” (BECK, 1999, p. 66), ao reconhecer seu trágico destino ecológico comum.

Beck também enfatiza a globalização como uma atualização do processo de modernização, ao passo que derruba uma premissa básica da primeira modernidade: “a ideia de que se vive e se interage nos espaços fechados e mutuamente delimitados dos Estados nacionais e de suas respectivas sociedades nacionais” (BECK, 1999, p. 46). Para Roland Robertson (1999), “a globalização como conceito, refere-se, ao mesmo tempo, à compressão do mundo e à intensificação da consciência do mundo como um todo” (p. 23).

Por outro lado, nenhum dos dois autores investe em uma definição unilateral da globalização. Beck (1999) não a vê como uma via de mão única, que destrói fronteiras e culturas locais; pelo contrário, pode ampliar o espaço e o significado das culturas regionais. Robertson (1999) acrescenta que ter consciência do mundo não é um acontecimento estanque, é um processo longo, desigual e complicado. No contexto imediato devemos estar cientes de que movimentos, instituições e indivíduos não apenas são envolvidos em ações que impulsionam o processo geral de globalização, mas também, e com bastante frequência, resistem a ele.

Portanto, na troca realizada entre as forças globais e o olhar local, o autor aponta para o que chama de glocalização (global + local), expressão cunhada pelos japoneses. Essa expressão, oriunda do *marketing* e se refere à “personalização e comercialização de produtos e serviços de base global ou quase-global em escala local e para mercados específicos cada vez mais diferenciados” (ROBERTSON, 1999, p. 251). A intenção da glocalização é adquirir consumidores cada vez mais diferenciados, produzindo comunicação “localizada” para vender produtos globais por meio da adaptação de informações ao grupo a ser atingido.

A localização é um dos focos do trabalho de Michael Cronin (2003). Analisando pelo ângulo da economia global, ele diz que a nova fase econômica é organizada “em uma escala global, diretamente ou por meio de uma rede de conexões entre diferentes agentes econômicos” (p. 11) e que os principais recursos que regulam o funcionamento dessa

economia são a informação e o conhecimento. Cada produto fabricado demanda instruções para uso e outros textos informativos que viajam, em alguns casos, milhares de quilômetros para encontrar consumidores que fazem parte de culturas diferentes e, como dissemos, muitas vezes, resistentes a culturas e línguas distintas das suas próprias. Lugares onde a “busca por identidade específica, seja religiosa ou étnica, como refúgio ou fonte de significado, se torna intensa” (CRONIN, 2003, p. 12).

Esta oposição bipolar entre a “net” e o “self” é o que vem estruturando nossa sociedade informacional, de acordo com Cronin. Assim, o autor pode se alinhar a Robertson e Beck, porque enxerga que as demandas mundiais de infinitos tipos de produtos alimentam a localização, termo usado por Cronin que possui um significado próximo da glocalização de Robertson. No caso da localização, Cronin focaliza a crescente necessidade de tradução na era dos mercados globais. Para ele, “produzir um versão localizada de um produto significa que novos mercados estão abertos para um produto existente ou em potencial” (2003, p. 14). Há também de ser muito rápido, pois a rapidez é condição essencial para que as novas tecnologias em constante mudança cheguem aos mercados internacionais na mesma velocidade de produção do produto. Por isso, “sem tradução, sem produto”, aponta Cronin (p. 15), já que, em algumas comunidades, a língua materna ainda é a preferência quando se trata de entender alguns assuntos. Os tradutores seguem sendo, assim, os intermediários entre a produção de tecnologia e seu consumidor.

Essa bipolaridade também pode ser encontrada no trabalho de Mary Snell-Hornby: globalização-localização. Ela apresenta os conceitos de Barber de um mundo com dois possíveis futuros políticos: “um *Mcworld* unido pela tecnologia, ecologia, comunicação e comércio” e “uma retribalização de grandes porções da humanidade pela guerra e derramamento de sangue – uma *Jihad* (...) contra todo tipo de interdependência, todo tipo de cooperação social artificial e reciprocidade cívica” (BARBER apud SNELL-HORNBY, 2000, p. 12). Com esses conceitos, ela conclui que o planeta “está se partindo precipitada e relutantemente se unindo ao mesmo tempo” (SNELL-HORNBY, 2000, p. 12). Com isso, três áreas sofreram mudanças: “natureza do material que o consumidor tem que processar, a linguagem na qual é apresentada, e o conceito do texto” (p.12).

Da natureza e da linguagem, Snell-Hornby fala sobre o *Mcworld* linguístico liderado pelo que ela chama de *Mclanguage*,

uma qualidade específica do inglês americano (...) feito sob medida para o consumo rápido. É uma língua franca, frequentemente coloquial em seu registro mesmo na forma escrita, e não tem preocupação com um prescritivismo nativo (SNELL-HORNBY, 2000, p.12)

A língua inglesa seria, então, a língua do mundo globalizado, ainda que, segundo Snell-Hornby, ela trabalhe mais como um sistema flutuante e aberto a interferências de outros sistemas linguísticos de acordo com as experiências e competências dos escritores/falantes mundo afora. Por outro lado, há também uma “retribalização linguística”, com o surgimento de novas identidades nacionais nos últimos tempos, como no caso da Bósnia, Sérvia e Croácia, membros da antiga Iugoslávia. Esse movimento de valorização nacional na contramão da globalização fortalece um conceito chamado por Snell-Hornby de identidade cultural. Esse conceito indica

uma consciência por parte da comunidade e um orgulho de seus inequívocos recursos – e um senso individual de pertencimento àquela comunidade, seja por nascimento, linguagem ou território (2000, p. 13).

Essa consciência confirma que, ainda que tenhamos uma língua global, grande interatividade internacional dos meios de comunicação, não podemos esquecer desse outro importante processo. Além do exemplo iugoslavo, outras nações se tornaram independentes de antigos blocos como a União Soviética, assim como países como a Espanha reconhecem as chamadas autonomias regionais, permitindo o uso de suas antigas línguas, como galego, o catalão e o basco, em detrimento do castelhano oficial do país. Para complementar o pensamento, encontramos John Tomlinson, afirmando que:

a lição pode ser que precisamos abordar processos culturais não via a perspectiva de globalidade, mas precisamente pelo caminho oposto, pelo entendimento dos efeitos da globalização como sentidos dentro de localidades particulares (TOMLINSON, 2006, p. 10, grifo do autor).

Vendo por este ângulo, então, é o impacto da globalização em cada tipo de comunidade o que interessa em estudos que envolvam este tema.

Sendo assim, enfatizamos a diferença entre os conceitos de globalização e internacionalização utilizados neste trabalho. Consideramos, então, como globalização, tendo como base os autores já comentados, a diminuição das fronteiras territoriais, onde a tecnologia facilita a comunicação e as trocas entre cidades, países, lugares de todo o mundo. Quanto à internacionalização, é um conceito que trata dos impactos que o processo de globalização infere a uma dada região. Na próxima seção, veremos como o fenômeno afeta a educação superior. No caso do nosso trabalho, é fundamental conhecer o impacto causado pela globalização nesta área do ensino, principalmente, na instituição universidade. Glossários similares ao que produzimos tornaram-se uma necessidade no reconhecimento da universidade no mundo globalizado.

A seguir, ao apresentar um pouco da história da formação da universidade, observamos não só o impacto da globalização, mas a vocação internacional dessa instituição de ensino superior na reunião e transmissão de conhecimento científico.

## **1.2 A Internacionalização da Universidade: processo integrado**

Depois da discussão sobre o fenômeno globalizante e seus impactos reconhecidos na internacionalização das instituições, passaremos a comentar os efeitos da globalização na internacionalização das atividades da universidade.

O conceito de globalização, assim como o termo “internacionalização”, possui diferentes significados para os diferentes grupos de estudiosos. Falando da internacionalização no ensino superior, Jane Knight (1999) faz essa distinção afirmando que a “globalização é o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores, ideias... através das fronteiras. A Globalização afeta cada país de modo diferente devido à história individual da nação, tradições, cultura e prioridades” (p. 14), e a “internacionalização da educação superior é uma das maneiras pelas quais um país responde ao impacto da globalização, ao mesmo tempo em que respeita a individualidade da nação” (p. 14).

Compreendemos que a globalização é o início, a mola propulsora do processo, enquanto a internacionalização é a resposta local, em nosso caso, da universidade, ao processo. Uma instituição de ensino superior empreende um projeto de internacionalização como consequência da influência da globalização que ultrapassa fronteiras. Contudo, se voltarmos alguns séculos atrás, veremos que a internacionalização não é uma novidade para a universidade. Nesse contexto, Luciane Paula (2010) destaca que

uma das realizações mais significativas da Idade Média é a “Universitas”, que colaborou para o desenvolvimento da sociedade, sendo que o caráter notável, próprio das universidades, no medievo, é sua internacionalidade: professores e estudantes de todas as nações européias usufruíam, praticamente, os mesmos privilégios e direitos (p. 5).

Segundo a autora, este foi um movimento próprio da sociedade civil dos séculos XI e XII, quando a burguesia em ascensão buscava o conhecimento para atingir objetivos mais práticos. Desse modo, os alunos se organizavam nas chamadas corporações e convocavam mestres do mundo todo para ensiná-los. Das corporações (Corporação dos Mestres Parisienses, por exemplo) passamos aos Estudos Gerais (*Studium Generale*), origem da organização universitária como se apresenta nos dias de hoje.

Esses *Studium Generale* são o início da concepção dos colégios (*colleges*) nas grandes universidades. Naquela época, eram agremiações de estudantes que escolhiam viver juntos (*con*=junto e *lego*=eu escolho) (Landulfo, 2007, p. 1). Hoje em dia essa estrutura só é vista, de acordo com nossa pesquisa em universidades tradicionais como Oxford ou Cambridge, onde as *Colleges* formam uma rede de formação complementar para os alunos das faculdades ou institutos. Na definição de *College* no *site* da Universidade de Cambridge, encontramos que “um *college* é onde os alunos vivem, comem e socializam. É também o lugar onde os estudantes recebem pequenas sessões de ensino, conhecidas como supervisões. Cada *college* é uma instituição independente com sua propriedade e receita próprias. (...) O ensino é compartilhado entre as *colleges* e os departamentos da Universidade. Os graus são concedidos pela Universidade.” Essas instituições se preocupam com “a formação das capacidades intelectuais, em contraste com a profissional ou técnica” (Landulfo, 2007, p. 2).

Na Idade Média, os *colleges* preparavam os alunos na formação das sete artes liberais, compostas pelo chamado “*trivium* – lógica, retórica e gramática – que seria o preparatório para uma instância superior do conhecimento, o *quadrivium* universitário, constituído pela geometria, aritmética, música e astronomia” (p. 2). Ainda na Idade Média, com uma bula do papa Gregório IX em 1231, surgem a divisão do conhecimento entre as faculdades: “três superiores (teologia, direito e medicina) e uma inferior, a filosofia” (p. 2). As faculdades eram ainda preocupadas com a formação intelectual e não prática, porém, ao longo do tempo, as universidades incorporaram as escolas originadas do trabalho técnico, como Escolas de Engenharia. Mais adiante, surgem os institutos, gerados por divisões nas faculdades e com objetivos mais específicos que aquelas.

Hoje, ao menos em nossa universidade, não observamos diferença, por exemplo, entre faculdades e institutos, que têm rotinas e projetos similares. Há exceções como o Instituto de Medicina Social (IMS), claramente uma dissidência da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), dedicado à pesquisa e a pós-graduação; além do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, escola de ensino fundamental e médio, onde se aplicam os projetos e pesquisas para a melhoria da qualidade de ensino nesses níveis.

Terezinha Oliveira (2005) acrescenta que, no processo de formação da universidade, “alguns centros de estudo assumem uma importância verdadeiramente excepcional” (p. 6) e se apoia nas ideias de Verger para falar de três origens distintas das universidades na Idade Média: (i) universidades “espontâneas”: “nascidas do desenvolvimento ‘espontâneo’ de escolas preexistentes. As de Paris e de Bolonha são pois exemplos absolutamente típicos” (Verger apud Oliveira, 2005, p. 9). Elas seriam o resultado do aumento do número de pessoas

e de conhecimento circulando nesses locais; (ii) universidades por secessão, que teriam sua “origem em virtude das disputas entre as autoridades locais e os homens de saberes que, muitas vezes, saíam de um local onde já se encontravam havia bastante tempo e iam para os locais onde tivessem mais proteção e aceitabilidade das autoridades e da população em geral” (2005, p. 10). Cambridge, por exemplo, nasceu de uma secessão em Oxford; e (iii) universidades “criadas” por autoridades religiosas ou seculares. Foram poucas, diz Oliveira, no século XIII, e

significa que papas e soberanos não se contentam em tolerar ou encorajar o desenvolvimento espontâneo de universidades nascidas antes de tudo do desenvolvimento intelectual do século XII, mas que empreendem eles mesmos a criação de universidades, tendo tomado consciência do papel que elas podiam desempenhar ao colocar à disposição da Igreja ou do Estado um pessoal intelectualmente qualificado (2005, p.10).

Papas e soberanos começavam a reconhecer, para além do prestígio e do valor cultural, o poder político da universidade e buscavam seu apoio para sustentar-lhes o poder. Antes mesmo de criar novas universidades, os papas e reis europeus criaram leis que facilitaram e incentivaram a criação de novos centros de estudos. O Terceiro Concílio de Latrão (1179), sob a condução de Alexandre III, por exemplo,

manda cada catedral ampliar as instituições já existentes e também proporcionar o ensino gratuito. Em 1252, Inocente III repete o mesmo decreto, pois até em locais como Chartres, Paris, Lyon, Reims, Liège e Orléans, onde havia escolas, faltava uma base institucional firme (PAULA, 2010, p. 1).

Frederico I, em fins do século XII, promulga “uma “constituição”, intitulada *Authentica Habita*, na qual se colocava sob proteção o saber científico e todos aqueles que se dedicassem a ele, fossem habitantes naturais da Itália ou estrangeiros” (Oliveira, 2005, p. 5). Outro fato importante apontado pela autora foi a fundação da universidade de Nápoles por Frederico II, em 1224.

Com esses fatos históricos, podemos notar que, antes mesmo de nascer de forma institucional, em Paris e Bologna no século XIII, a proposta da universidade já se pautava no conhecimento circulando sem fronteiras, sendo levado de cidade em cidade. Philip Altbach e Ulrich Teichler (2009) revelam que, dessas duas cidades, as universidades

rapidamente se expandiram para outras partes da Europa, usavam uma língua em comum, latim, e forneciam treinamento para estudantes de muitos países. Professores eram internacionalmente recrutados. A autoridade internacional da Igreja Católica Romana proporcionava alguma supervisão dos graus (p. 5).

A base do conhecimento também era internacional e contava com traduções do saber de outras partes do mundo, com a preocupação de compilar o conhecimento antigo.

Tudo ocorria dessa forma até que “as universidades, influenciadas pela Reforma Protestante, começaram a ensinar em línguas nacionais e a serem ligadas a nações-estado” (ALTBACH e TEICHLER, 2009, p. 5). Exemplo de maior influência parece ser a criação da Universidade de Berlim, a partir dos pressupostos de Humboldt, em 1810. Com o livro circulando com mais facilidade nesse período, a preocupação de Humboldt era resgatar um lugar para o professor, que não poderia mais ser apenas o reprodutor de conhecimento.

A engenhosa solução de Humboldt criou o modelo moderno de universidade, no qual ensino e pesquisa dão-se as mãos, constituindo duas faces da mesma moeda, por assim dizer (CASPER e ISER, 2002, p. 24).

Neste modelo, Humboldt estabelece princípios básicos para a criação da Universidade de Berlim, importantes ainda hoje. São eles:

a necessidade de cooperação de professores e, sobretudo, entre professores e alunos; a unidade de ensino e pesquisa; a relação integrada porém autônoma entre Estado e Universidade; a busca científica como infinita; por fim, a complementaridade do ensino de primeiro e segundo grau com o universitário (CASPER e HUMBOLDT, 2003, p. 28).

A mudança de objetivos é clara. Não mais se precisa reproduzir o conhecimento historicamente acumulado ou simplesmente aplicá-lo como do interesse burguês. É preciso estudá-lo, pesquisa-lo e produzir novos conhecimentos. A universidade moderna se entende mais autônoma na busca da ciência e preza as relações entre aqueles que a comandam e os que estão ali para aprender.

Depois do período mais centrado nas nações-estado, as universidades tiveram papel importante no âmbito internacional. Segundo Altbach e Teichler (2009, p. 6), nos séculos anteriores ao XX, as universidades também foram a voz das metrópoles em suas colônias, mantendo seu impacto internacional.

Seguindo o histórico de Altbach e Teichler, vemos que os estudantes se movimentaram bastante entre diferentes países nas últimas décadas do século XX. De lá até os dias de hoje:

a mobilidade do estudante internacional continua sendo um fenômeno norte-sul, com a maioria dos estudantes internacionais vindo de países em desenvolvimento estudando nas maiores nações industrializadas (ALTBACH e TEICHLER, 2009, p. 7).

Nesse processo, a Europa, por exemplo, começou a desenvolver vários projetos para cuidar desses alunos, harmonizando cursos, números de créditos, procurando organizar-se administrativa e academicamente. Para exemplificar, falaremos do que parece ser um dos mais importantes: o Processo Bologna. Segundo Sue Hopkinson (2006), esse é um “processo intergovernamental europeu para harmonizar a educação superior através dos países

signatários com o objetivo global de criar uma *Área Europeia de Educação Superior* até 2010” (p. 20). O que começou com apenas quatro países (França, Itália, Alemanha e Estados Unidos) chegou a mais de quarenta, reunindo ministros da educação desses países a cada dois anos para definir linhas de ação para o processo. A partir de 1999, os objetivos concretos foram estabelecidos, como a adoção de um sistema de graus facilmente comparáveis para garantir empregabilidade e competitividade do sistema educacional; estabelecimento de um sistema de créditos; promoção da mobilidade de estudantes, professores, pesquisadores e pessoal administrativo; cooperação para assegurar a qualidade; além de programas integrados de estudo, treinamento e pesquisa (HOPKINSON, 2006, p. 20). Tudo isso, o Processo Bologna deixa claro, deve ser conseguido com “respeito à diversidade de culturas, linguagens, sistemas nacionais de educação e autonomia universitária” (2006, p. 20). Nos encontros seguintes, se destacaram também a importância de cooperar com as nações em desenvolvimento e se destacou a importância da pesquisa.

Quanto à cooperação com as nações estrangeiras e o respeito à diversidade, voltamos ao binômio globalização-localização já apresentados. No caso da Europa, se facilita o acesso de alunos, os graus e seus créditos estão cada vez mais compatíveis nas universidades europeias e, como vimos, os acordos também prevêm apoio à pesquisa. Porém, com a menção sobre o respeito à diversidade cultural, se espera que cada região adapte o conhecimento e o modo como ele é estruturado à sua própria realidade, sob pena de padronizarmos o conhecimento e perdermos a originalidade e criatividade. Como afirma Shun Wing (2009),

sob o impacto da globalização, apreender dos outros países é desejável, mas o gerenciamento das Instituições de Ensino Superior deveria considerar evitar a duplicação sem a apropriada alteração e contextualização (p. 1).

Para ele, a educação superior é um sistema que deveria estar preocupado em estimular a tolerância entre as culturas e a promoção de uma cidadania global. A visão que deveria embasar a universidade é a de formação de futuros líderes mais preocupados com os problemas globais, o distanciamento entre os desenvolvidos e os pobres, o desenvolvimento sustentável e a paz global (2009, p. 2).

Adaptadas ou não, preocupadas ou não com os lucros ou com a paz global, as universidades têm buscado, como consequência da globalização, a internacionalização. Desse mesmo processo, será preciso que ela perceba o quanto pode ser importante falar com o mundo inteiro, sem esquecer de cuidar e divulgar sua cultura local. Processos como o Bologna apontam a necessidade de direcionar a padronização dos projetos de

internacionalização do ponto de vista administrativo e de controle de créditos ou número de disciplinas cursadas pelo aluno estrangeiro ou, ainda, com o número de vezes que tal professor viaja a países estrangeiros e os recursos utilizados. Do ponto de vista acadêmico, o processo pode ser o facilitador da pesquisa em todas as áreas do conhecimento, divulgando novas ideias, reunindo pares que realizem pesquisas em áreas próximas do conhecimento, procurando integrar pesquisas e pesquisadores para que possam compartilhar os benefícios do conhecimento científico.

Dito isto na esfera do organismo internacional, passaremos ao processo de internacionalização da educação superior institucionalmente, no nível da universidade. Em seguida, apresentaremos como o processo de internacionalização vem se desenrolando na UERJ.

É preciso ter em conta que a internacionalização é um processo complexo e dinâmico e não apenas um conjunto de atividades isoladas. Para Jane Knight (1999, p. 16), a

internacionalização da educação superior é o processo de integração de uma dimensão internacional/intercultural no ensino, pesquisa e funções de serviço da instituição.

Entende-se, então, que para tal, a universidade instalaria uma gama de estratégias institucionais, fazendo com que a internacionalização faça parte da ordem do dia de sua filosofia e atividades. Knight lista algumas abordagens nesse sentido. A lista envolve categorias e atividades que descrevem a internacionalização (currículos, intercâmbios, assistência técnica); o desenvolvimento das competências e habilidades, conhecimento, atitudes e valores em seus estudantes, docentes e pessoal administrativo; a criação de um *ethos*, ou seja, uma ênfase na criação de uma cultura ou clima no *campus* que promova e suporte as iniciativas do projeto e, finalmente, a integração ou infusão da dimensão internacionalizante a todas as dimensões de suas atividades (1999, p. 15).

Para que isso aconteça, é mister que haja uma mudança na cultura organizacional, entronizando valores, expandindo atividades e, como vimos na lista anterior, trazendo a participação de todos aqueles que fazem parte da universidade, seja como estudante, professor ou funcionário técnico-administrativo. Seria possível começar o processo, como tem sido em várias instituições, apenas com atividades como recebimento de alunos ou mudança nos currículos. Todavia, sem que essas pessoas façam parte e participem das trocas inerentes ao processo, além de produzir conhecimento, o futuro da internacionalização seria incerto.

Apesar de Knight (1999) não estabelecer uma relação cronológica entre esses aspectos listados, nos parece que, chegar ao *ethos*, à cultura de internacionalização que produza frutos

e enraíze os valores internacionais na universidade, somente é possível com o apoio e a movimentação das pessoas e de seu trabalho em cada atividade desenvolvida na universidade com vistas às relações internacionais, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão. Isto posto, o processo de internacionalização, segundo Knight, “precisa focar na sustentabilidade da dimensão internacional. Conseqüentemente, a ênfase é colocada nos aspectos dos programas, bem como nos elementos organizacionais como política e procedimentos” (p. 16). Um dos procedimentos que deve auxiliar na promoção da internacionalização como um bem institucional é o nosso glossário. Como ferramenta para a tradução dos textos informativos sobre a UERJ, o glossário permitirá que os textos escritos em língua inglesa reflitam realmente a face institucional da universidade em processo de internacionalização.

Segundo o raciocínio de Knight, a internacionalização não está ligada apenas ao conceito geográfico de fronteiras entre países. Há lógicas, além das já mencionadas dimensões de ensino, pesquisa e extensão, que podem estar presentes na intenção de internacionalizar. Tais lógicas, apesar de divididas em grupos, como nos mostra a autora, estão de tal maneira integradas que não é possível medir-lhes a fronteira, saber onde começa uma e termina a outra. São elas: a política, a econômica, a acadêmica e a cultural/social.

Na lógica política, Knight (1999) fala da importância, em nível nacional, do fenômeno da internacionalização, já que, se alguém

interpretar internacionalização como uma resposta à orientação de desnacionalização da globalização, então a internacionalização pode ser considerada e usada por alguns países como uma maneira de fortalecer e promover sua identidade nacional (p. 18).

No caso das universidades, a resposta pode advir de projetos que não só possam trocar conhecimento científico, mas que possam promover o interesse pelo país e sua cultura, expandindo suas fronteiras. Internacionalizar, sem perder a identidade cultural, no sentido já exposto por Snell-Hornby.

Nos projetos internacionais, a lógica econômica ganhou importância e relevância por conta da “crescente interdependência entre as nações e a revolução da informação, os países se focaram na competitividade, tanto no econômico quanto no científico e no tecnológico” (p. 18). E é neste ponto que a universidade, segundo Knight, identifica as competências essenciais para que seus graduados possam trabalhar em um ambiente mais internacionalizado, além de colocar seu projeto de internacionalização a serviço do desenvolvimento de sua região ou país. O perigo é a instituição se deixar levar pelo lado econômico e não avaliar bem as atividades, que podem, em vez de realmente

complementarem o ensino, a pesquisa e a extensão, apenas complementarem o orçamento administrativo da universidade.

A lógica acadêmica está ligada à “história recente das universidades”. Existem, hoje, padrões acadêmicos perseguidos pelas universidades ao redor do mundo, que podem ir dos créditos equivalentes em disciplinas até diplomas de graduação e pós-graduação validados e reconhecidos por duas universidades ao mesmo tempo. A preocupação é que a excessiva ênfase nesses padrões leve a uma uniformidade e homogeneidade do conhecimento. Fácil concluir que o padrão internacional pode gerar valor ao que é realizado pela universidade. Apenas é recomendado que se tenha cuidado para não perder a originalidade e a face inédita que requerem o ensino e a pesquisa, principalmente esta, na universidade.

A lógica acadêmica deveria, assim pensamos, nortear a lógica cultural/social, já que nessa dimensão,

a preservação e promoção da cultura nacional está se tornando uma forte motivação para aqueles países que consideram a internacionalização como um caminho para respeitar a diversidade e contrabalançar o percebido efeito homogeneizador da globalização (p. 19).

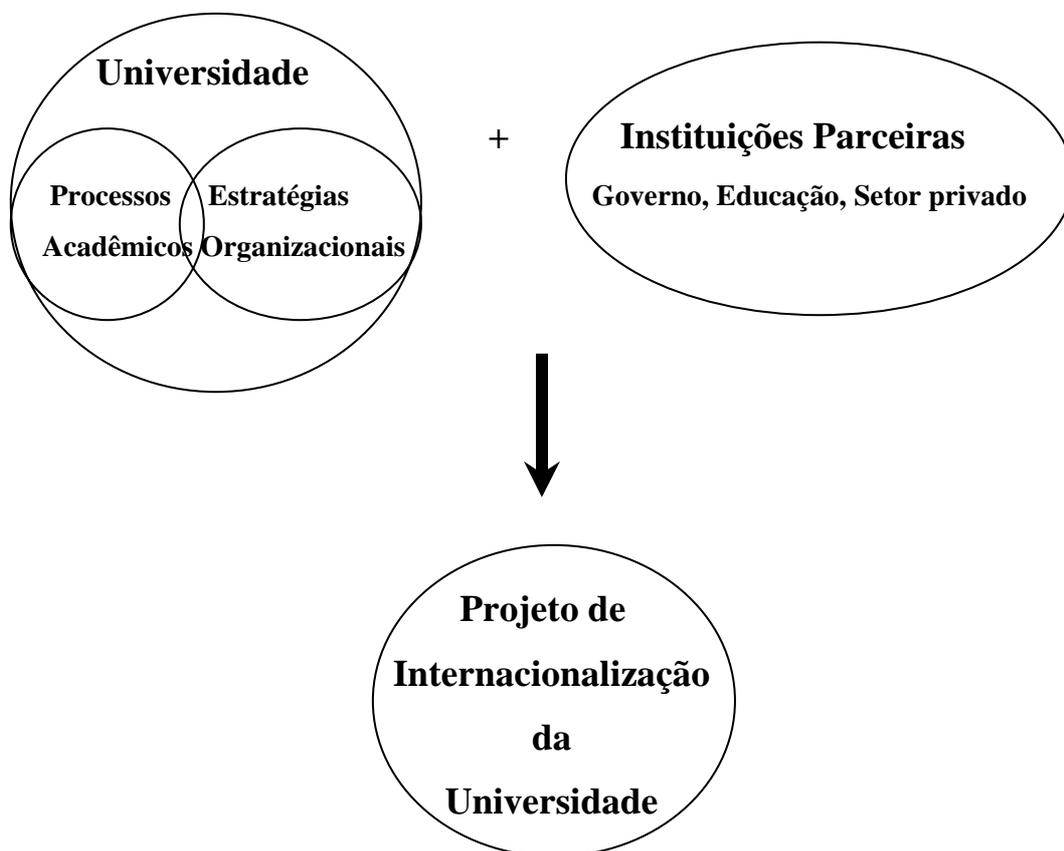
Knight avisa que este aspecto se concentra mais no desenvolvimento do indivíduo como cidadão local, nacional e internacional.

Essas lógicas deveriam, aponta Knight, estar em equilíbrio para que, por exemplo, não haja atividades economicamente rentáveis, mas com nenhum impacto significativo nas dimensões universitárias de ensino, pesquisa ou extensão (Knight, 1999, p. 20). Então, enfatiza-se a ideia de que é preciso, ainda que haja atividades e teorias cobrindo cada uma dessas lógicas, que elas devam fazer parte de um projeto institucional único e que também possam se alinhar ao interesse dos públicos ligados externamente à instituição, como os setores governamental, educacional e privado. No caso da UERJ, como instituição de ensino superior pública estadual, internacionalizar-se significa estar alinhada também aos interesses do governo do Estado e seu desenvolvimento social e tecnológico. Portanto, implementar convênios internacionais na área de petróleo e gás, por exemplo, podem auxiliar no desenvolvimento das tecnologias necessárias para a extração de petróleo no pré-sal. Ainda assim, ela não deve, como apresenta Knight, negligenciar os setores educacional e privado sob pena de negligenciar os diversos grupos que compõem o primeiro e o mercado de trabalho onde vão atuar seus graduados. Com cada grupo é preciso ter o cuidado para que haja projetos em consonância, e não conflitantes, com o projeto internacional da universidade.

Para o processo e as estratégias de internacionalização, a chave é a integração entre as atividades acadêmicas e a política da organização. É fácil compreender e resumir um pouco a filosofia do trabalho de Knight e os fatores interessantes para o nosso trabalho. A universidade pode ter os melhores programas e ações acadêmicas e internacionalizadas, pesquisa e atividades extracurriculares voltados para o internacionalizar-se. Entretanto, se seu suporte político, seus sistemas e infraestrutura não a suportarem de maneira a estruturar e desenvolver o trabalho, e se suas estratégias organizacionais e programáticas não andarem juntas, integradas para o desenvolvimento de uma política consistente de internacionalização, as atividades se tornam estanques e sem propósito, o que pode derrubar o projeto internacional da universidade.

Para nosso trabalho, este é o ponto-chave: a integração entre a missão da universidade de ensino, pesquisa e extensão, sua proposta de internacionalização e as instituições com as quais as parcerias e projetos serão desenvolvidos. Todo um processo integrado à programação acadêmica, que deve refletir, em suas atividades, todo o processo de internacionalização. Ao mesmo tempo, preservar e transmitir seus valores e cultura locais também devem fazer parte de seu projeto internacional para não descaracterizar a universidade dentro da sociedade em que ela vive, sem isolá-la do mundo.

No diagrama apresentamos essa análise em formato mais visual:



Com projetos internacionalizantes de organismos internacionais, como o Processo Bologna, entre outros, ou com o projeto institucional da universidade como instituição de ensino superior, é certo que a universidade deva se preocupar com os seguintes tópicos essenciais: 1. o processo de globalização pode trazer a busca pelo lucro por meio do conhecimento, quando os recursos a serem utilizados se tornam mais importantes do que as novas descobertas; 2. ao se tornar internacional, a universidade deve pensar-se também como única e nunca recusar a sua essência em prol de padrões nem sempre passíveis de serem implantados na sua realidade; 3. ao pensar-se como única e global, deve respeitar e trabalhar pelo respeito às diferentes culturas mundiais.

A proposta do glossário é, nesse sentido, uma ação de proporções integradoras na medida em que faz parte de um leque de ações que permite à universidade estruturar-se institucionalmente para que, na febre de internacionalizar-se não esqueça sua identidade, mas ao contrário, reforce-a para aqueles que fazem parte dela e outros que poderão se juntar a ela em outras nações do mundo. E essa noção integradora estará presente em cada texto, seja impresso ou *online*, seja de apresentação da universidade ou de recepção a instituições visitantes estrangeiras. Assim será, portanto, o tradutor que, ao escrever o texto em inglês, utilizará o glossário como base, refletindo o discurso institucional da universidade.

Tendo as propostas da internacionalização em mente, juntamente com a valorização das estratégias internacionalizantes, passaremos a contar um pouco da história e das ações de internacionalização da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, muito importante para a compreensão da importância do glossário de termos bilíngues para a universidade.

### **1.3 A internacionalização na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – breve histórico**

Nesta seção, nos baseamos em entrevistas concedidas por duas Diretoras do Departamento de Cooperação Internacional (DCI) da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR-2) da UERJ: a professora Kátia Cervantes Dias, Diretora de 2000 a 2003, quando da criação do DCI; e a professora Cristina Russi, Diretora no período de 2008 até os dias atuais.<sup>3</sup> O que há de interessante é que podemos entender o processo desde o seu início, identificando os reflexos das primeiras ações no presente momento internacional da UERJ.

---

<sup>3</sup> A entrevista com o professor Jerônimo Rodrigues de Moraes Neto, Diretor do DCI entre 2004 e 2007, não foi possível por questões de ordem prática.

De acordo com o *site* do DCI (<http://www.sr2.uerj.br/dci/>), o departamento é responsável por identificar oportunidades de financiamento para programas e projetos de pesquisa e cooperação internacionais, capacitação docente no exterior e intercâmbios; orientar o corpo docente quanto à obtenção desses financiamentos; estabelecer contatos e convênios com instituições internacionais para ampliar a oferta de projetos de cooperação e pesquisa, de programas de intercâmbio e de capacitação docente no exterior; divulgar, junto à comunidade acadêmica, oportunidades de intercâmbio e informações sobre projetos e programas de cooperação internacional e de capacitação no exterior.

Com essas diretrizes, ao assumir a direção do recém-criado DCI, a professora Kátia Dias iniciou os trabalhos a partir da ideia da criação do departamento acalentada pela professora Maria Andrea Rios Loyola, então Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa. Muitas iniciativas de convênios já haviam acontecido em várias unidades acadêmicas, como os da Faculdade de Direito (DIR) e do Instituto de Letras (ILE).

Formou-se, então, uma pequena equipe, à época com apenas duas funcionárias que, contaram com o apoio da Diretoria Jurídica (Dijur) em seus trabalhos. Juntaram-se à equipe, também, dois alunos bolsistas de iniciação científica dos cursos de Letras e Sociologia, que colaboraram com aulas de português para os alunos estrangeiros e atividades culturais para que eles mergulhassem na cultura brasileira de modo mais efetivo.

Para organizar o trabalho, três frentes foram estruturadas:

1. PEC-G (Programa de Estudantes – Convênio Graduação – Programa do Ministério da Educação para estudantes de países em desenvolvimento): os alunos desse convênio de cursos de graduação receberam maior apoio, juntamente com os alunos do curso de Direito, trazidos por convênio pioneiro do professor José Marcos Domingues de Oliveira com o governo e universidades japoneses. Para recebê-los e introduzi-los à nossa cultura, os alunos também contaram com as atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Folclore do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD), à época com a coordenação da professora Maria José Alves da Silva Oliveira;
2. Convênios: a missão aqui era orientar os professores nas unidades acadêmicas de como os convênios deveriam ser firmados, que áreas poderiam ser contempladas etc. Além disso, criou-se uma política de estímulo ao crescimento dos convênios, com a produção de material institucional da Sub-Reitoria e seus departamentos, como o livreto para os alunos estrangeiros, em língua inglesa;

3. Suporte aos alunos da UERJ que estavam realizando seus intercâmbios em outros países, organizando o fluxo de alunos, documentação etc.

Essas três frentes formaram o início do trabalho do DCI que, para a professora Kátia Dias, foi de extrema importância. A criação do espaço e a possibilidade de ter funcionários que dessem continuidade ao trabalho foram os primeiros passos. Para a ex-diretora,

o processo de internacionalização das universidades é obrigatório. A Capes, por exemplo, avalia melhor os cursos internacionalizados. Portanto, será um movimento natural das Unidades Acadêmicas, que procurarão dar a seus cursos uma pontuação melhor.

Dessa maneira, no início dos anos 2000, a UERJ começou a institucionalizar as suas ações de internacionalização com convênios e intercâmbios com outras universidades e países, firmando-se como instituição de ensino superior.

Em 2008, ao assumir a direção do DCI, a professora Cristina Russi já encontrou a estrutura burocrática preparada, com duas funcionárias que se dividiam entre intercâmbios e convênios, de acordo com a demanda de trabalho.

Porém, o maior problema encontrado, segundo a professora, era o fato de haver poucos alunos em intercâmbio devido à falta de fomento, não havendo possibilidade de bolsas. Receber estudantes estrangeiros ou enviar nossos alunos para o exterior era bem difícil. Havia uma média de 15 alunos em intercâmbio (da universidade e estrangeiros), segundo a professora, “número muito pequeno para o tamanho da UERJ”. Havia de 100 a 105 convênios ativos coordenados por professores. A partir daí, diz a Diretora, a UERJ começou a aparecer muito na mídia e começou a ter uma procura muito grande para a realização de recebimento de delegações. Foram 15 em 2008. Este número se elevou muito em 2009 (22) e 2010, não só nas recepções de delegações, que chegaram a 28, mas também na participação da UERJ em reuniões fora da universidade. Houve dias em que a equipe se desdobrou em vários eventos: enquanto a Direção do Departamento participava de um Seminário Brasil-Portugal no Instituto de Química (QUI), outra professora participava de um evento com a Alemanha em um hotel carioca, e outra equipe recebia uma delegação do Canadá na universidade. Essa rotina tornou-se muito comum para o departamento.

Contando com o apoio da Reitoria também, iniciou-se a busca por fomento para a possibilidade dos intercâmbios, e as universidades europeias começaram a oferecer bolsas aos alunos, em 2009. Houve, a partir daí, a necessidade de se abrir editais para a seleção de alunos às bolsas oferecidas pela Universidade de Jaén, na Espanha; e iniciou-se a parceria com o Banco Santander. A UERJ já conseguia enviar alunos com bolsa para estudar fora do país.

Isso trouxe a necessidade de modificar a estrutura do departamento e aumentar o número de funcionários. Hoje, compõem os quadros do DCI duas pessoas responsáveis pelo intercâmbio e duas responsáveis pelos convênios, além de mais dois funcionários para a organização dos eventos internacionais. Para exemplificar esta necessidade, a diretora informa que, em outubro de 2010, foi organizado um *workshop* na Ilha Grande junto com uma universidade da França e, no início 2011, há previsão de organização de dois outros encontros internacionais: um para receber o reitor da Universidade de Jaén, fornecedora das bolsas para intercâmbio e outro com uma universidade alemã com a qual a UERJ acaba de firmar um convênio. Mesmo com a ocorrência de tantos eventos, a universidade ainda não tem em seus quadros de servidores tradutores e intérpretes nas línguas faladas pelos países que recebe ou ao menos, para a língua inglesa. Logo, quando há a preparação de algum material, contrata-se um tradutor autônomo. Mais uma razão, podemos acrescentar, para a confecção do nosso glossário, apoio fundamental para o tradutor *free-lancer* de textos sobre a universidade.

Com as ações já implantadas, os resultados são visíveis: o número de intercâmbios de estudantes quadruplicou. São cerca de 60 alunos, além dos mais de 150 convênios internacionais, envolvendo universidades estrangeiras, órgãos governamentais e não governamentais. Essa maior visibilidade coloca a universidade em evidência. A UERJ tem sido procurada ultimamente para o estabelecimento de cotutela e dupla diplomação. O primeiro consiste no doutorado feito na UERJ em paralelo com outra universidade estrangeira, dando ao aluno o diploma da UERJ e da universidade conveniada. O segundo trata da dupla conquista de diploma na graduação. Nessa modalidade, cria-se uma equivalência entre os cursos de graduação da UERJ e da universidade estrangeira, e o aluno passa dois anos de sua formação na UERJ e dois anos na instituição conveniada, voltando para redigir sua monografia de fim de curso e fechar a graduação. A diferença entre este último e o intercâmbio é que o intercâmbio permite ao aluno estudar fora apenas de um a dois semestres e seu diploma é validado apenas na UERJ. Destacamos aqui a preocupação da universidade com a equivalência de seus cursos com os das universidades estrangeiras, uma das primeiras preocupações das universidades europeias quando seus alunos começaram a realizar seus intercâmbios para validar seus esforços junto às suas universidades de origem.

No rumo dos editais da União Européia, o DCI destaca que ainda é preciso criar a documentação que a universidade necessita para participar desses editais. A produção desses documentos e da equivalência dos cursos é a preocupação do departamento para o ano de 2011.

Para chegar a esses resultados, a professora Cristina Russi ressalta a importância do apoio da Reitoria no processo de internacionalização e da estrutura burocrática encontrada, com toda a parte de modelo da legislação de convênios já estruturada quando tomou posse na direção.

A Diretora aponta que a procura dos alunos pelos intercâmbios e sua ida para as universidades estrangeiras possibilita a divulgação da existência desses convênios e incentiva a procura por outros convênios. E mais, possibilita a organização desses eventos e *workshops* para aumentar a integração da universidade no mundo globalizado. “E é o que vai levar, na verdade, a ter essas deliberações, os regimentos internos, pois tudo está encadeado”, afirma.

Para ela, a preocupação com a internacionalização na universidade já existia, visto que ações e providências como as já encontradas demonstram essa realidade. E, hoje, a universidade teria dificuldade de se inserir no mundo globalizado sem um processo de internacionalização. “Com a globalização, a parte da internacionalização tornou-se uma necessidade básica da instituição e é o caminho de crescimento, inclusive, para as universidades pequenas. A internacionalização é um caminho sem volta”.

Para o futuro, além das deliberações às duplas diplomações no doutorado e na graduação, o trabalho do DCI estará voltado para que haja mais bolsas e, com isso, mais possibilidades de nossos alunos fazerem intercâmbio e se tornarem parte da comunidade global, aumentando, assim, o ciclo virtuoso que leva mais estudantes para fora do país, atrai mais professores e pesquisadores à confecção de novos convênios e coloca a UERJ no rol das universidades internacionais.

Analisando essa trajetória e localizando-a em nosso trabalho, podemos dizer que a UERJ, no início dos anos 2000, começou a dar forma a seu projeto de internacionalização. Passou-se de uma ideia à construção de um Departamento de Cooperação Internacional estruturado para atender às demandas já existentes. Mais adiante, com a projeção da universidade na mídia, a demanda cresceu e se fez necessário ampliar o número de bolsas de intercâmbio. O apoio institucional da Reitoria fortaleceu ainda mais as ações do departamento, houve sucesso na busca de fomento, aumentando o intercâmbio de estudantes e o número de convênios ativos, além de eventos internacionais.

Das entrevistas e da estrutura encontrada pode-se perceber que o projeto de internacionalização da UERJ está em andamento, com ações que visam, cada vez mais, colocar a universidade sob os olhares atentos dos países estrangeiros, trazendo alunos de outros países e levando os nossos ao estrangeiro, assinando novos convênios, recebendo mais delegações e sediando eventos estrangeiros.

Voltando aos estudos de Jane Knight (1999), como já vimos, a universidade deveria, para além dos currículos e bolsas, eventos e acordos assinados, preocupar-se com a criação de uma cultura internacionalizante na instituição. O envolvimento de toda a comunidade universitária em um projeto de internacionalização convocaria outras ações, a nosso ver, ainda não exploradas em sua importância. Podemos citar a construção de alojamentos e cursos de línguas estrangeiras para nossos alunos em todos os níveis, aulas de língua portuguesa para os alunos estrangeiros, além da contratação de profissionais de tradução e interpretação para a produção de textos e acompanhamento em reuniões e eventos. A universidade precisa envolver mais as Unidades Acadêmicas, convocar as expertises de cada uma, trazendo seu corpo docente, discente e administrativo a participar de um projeto integrado. Projeto esse que deveria ter lugar nas discussões do Conselho Universitário – instância decisória maior da universidade – para que se estabelecesse um projeto internacional integrado.

Nosso glossário, por exemplo, é uma ação isolada, iniciativa pessoal, parte de um estudo, que não deveria ficar apenas no papel. Se o glossário passasse a fazer parte do projeto internacional da universidade poderia ter função integradora, normalizadora. Hoje, a universidade não possui um padrão de nomenclatura e criou uma teia com nomes diferentes em língua inglesa para si e para suas Unidades e cargos. Havendo um glossário que seja a referência terminológica para o tradutor e para o público interno da universidade, até mesmo os procedimentos, sejam eles acadêmicos ou administrativos, se tornariam mais claros. Pois, dessa maneira, o padrão institucional é estabelecido, sem a multiplicidade de nomes diferentes para o mesmo Órgão, Unidade ou cargo da universidade.

Ao envolver seu público interno em um projeto integrado, a universidade se fortalece e se torna mais capaz de se inserir no mundo globalizado com objetivos traçados por todos e para todos, com estratégias bem definidas.

Podemos perceber até aqui que a Universidade se organizou, concentrou esforços e unificou os projetos já existentes; padronizou processos e contratos; buscou informar as Unidades e segue trocando conhecimento e recursos humanos com o mundo. Enfim, apesar de ainda serem necessárias mais ações estruturadoras do processo, parece ter reconhecido a internacionalização como essencial para sua sobrevivência no mundo acadêmico.

Para seguir neste caminho, a UERJ necessita continuar a comunicar-se com o mundo para que muitos alunos viajem em intercâmbio, produzindo cada vez mais interesse em convênios por parte não só dos alunos, mas de docentes e pesquisadores. E, quando abre seu discurso para o mundo, a universidade se apresenta e se identifica, mostrando em seu discurso sua missão, seus valores e sua estrutura. E isso tem de ser feito na língua franca desse mundo

globalizado, a língua inglesa. Porém, a UERJ ainda não possui uma nomenclatura para si mesma, suas Unidades e Departamentos. O preenchimento dessa lacuna terminológica pode encontrar seu caminho em nosso trabalho de construção de um glossário bilíngue dos termos da universidade, facilitando a divulgação de suas ações e auxiliando a comunicação da instituição e seus parceiros nos convênios e intercâmbios.

Nos próximos segmentos, analisaremos a importância do glossário para a apresentação da universidade, bem como o papel da língua inglesa como língua franca do mundo globalizado.

#### **1.4 A importância do glossário para a apresentação da universidade:**

Vimos na seção anterior o caminho percorrido pela UERJ rumo à internacionalização. Infraestrutura, elementos burocráticos e fomento às bolsas de intercâmbio, eventos internacionais, e algumas ações que pretendem inaugurar um processo de internacionalização mais consistente na instituição. Dessas ações resultou um número quatro vezes maior de estudantes em intercâmbio, além de cinquenta por cento de aumento no número de convênios ativos. A cada viagem de intercâmbio ou reunião de trabalho em terras estrangeiras, uma necessidade se faz clara: a universidade precisa se apresentar de maneira mais uniforme e padronizada, de modo a solidificar sua imagem e seu nome, fazendo-o forte e representativo; uma instituição universitária com o peso de ser pública e de pertencer ao estado. É necessário haver uma coleção de termos que definam a instituição e facilite sua comunicação com o mundo. Trata-se de ter organizado um glossário com os termos da universidade.

Dessa forma, o trabalho terminológico é requisitado em todas as partes do mundo como meio de integrar instituições e organizações que façam uso de línguas diferentes. Ainda assim, faltam estudos que auxiliem o tradutor em sua tarefa, principalmente, no caso da versão para a língua inglesa e de textos não-literários. Cronin (2003), ao falar do papel da tradução no mundo globalizado, expõe que há uma “relativa ausência de investigação mais profunda da tradução não-literária que a relacione a questões maiores de cultura, sociedade e linguagem” (p.2). Cronin completa dizendo que a importância da tradução não-literária ainda é subestimada (2003, p. 2).

A falta desses estudos é sentida principalmente no que tange à pesquisa e à definição de termos específicos para cada área de domínio do conhecimento. No domínio que envolve, por exemplo, os termos definidores da estrutura de uma universidade são raras as referências

terminológicas em língua inglesa a prover o tradutor de ferramentas para seu trabalho nesta área. O que existe, principalmente em ambiente virtual, são glossários que pretendem dar conta de informar aos novos alunos sobre os termos que estes encontrarão ao fazer parte de uma dada universidade. Porém, essa é uma iniciativa presente somente em instituições de língua inglesa. Oxford, Manchester, entre outras, são exemplos de universidades preocupadas em facilitar a vida de seus calouros, fornecendo informações sobre seus termos mais básicos. Vale notar também que, a partir do momento em que esses glossários são colocados no portal da *web*, ela também abre a possibilidade de que outras pessoas mundo afora também consigam apreender informações básicas sobre quem é o que faz aquela universidade.

No caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde trabalho com a redação e a tradução do texto institucional universitário, o diagnóstico, após alguns anos, é a falta de uniformidade em tais vocábulos da UERJ para definir-se e definir sua estrutura, cursos, cargos, Unidades Acadêmicas e Administrativas na língua inglesa. Um tanto paradoxal para uma universidade que possui mais de cem convênios ativos com Instituições de Ensino Superior (IES) e organizações governamentais, ou não, espalhadas pelo mundo. Uma pequena pesquisa em *sites* de busca na *internet* permite ver, por exemplo, que a UERJ pode ser encontrada, em língua inglesa, como “State University of Rio de Janeiro”, “Rio de Janeiro State University”, ou ainda “University of the State of Rio de Janeiro”.

Aí está o desafio de tal tarefa: a UERJ quer globalizar-se sem perder a identidade, ser compreendida pelo mundo e não deixar de ser a UERJ, universidade fluminense, referência de ensino, pesquisa e extensão no Rio de Janeiro. O profissional designado para tal tarefa deve formular minuciosamente os termos oficiais em língua inglesa da Universidade para não descaracterizá-la.

Ao mesmo tempo, a construção de um glossário como esse demanda uma pesquisa minuciosa. Isso porque há tantos termos diferentes em língua inglesa para uma mesma palavra em língua portuguesa quanto uma mesma palavra para designar vários termos em língua inglesa. Este último fenômeno dificulta a escolha do termo adequado ou equivalente àquele estudado. Um bom exemplo é a palavra inicial de um glossário de termos universitários, para designar a autoridade máxima da universidade: reitor. Para esse termo, há diversos na língua inglesa: *rector*, *vice-chancellor*, *president*, *provost* etc. Ao escolher, além do uso real do termo pelo contexto, é preciso que o terminólogo leve em conta o termo mais próximo do termo em português e aquele mais próximo da estrutura da nossa universidade. Nesse caso, apesar de o termo *vice-chancellor* ser o predominante, o termo *rector* foi o escolhido para compor o glossário por estar mais próximo do termo em português e, além

disso, porque é proveniente de uma universidade elevada a esta categoria há pouco tempo, a Imperial College London. A instituição recebeu o aval da monarquia britânica em 2007, portanto, podemos considerar que utiliza termos mais atuais e não haveria restrição em utilizá-lo em nosso glossário.

Por outro lado, há termos como *faculty* que podem significar coisas diferentes. Para algumas universidades, o termo pode tratar da reunião de unidades ou departamentos acadêmicos de uma mesma área de conhecimento, tarefa desempenhada na UERJ por nossos Centros Setoriais e, em outras universidades, significar, como em nossa língua e nossa estrutura “uerjiana”, faculdade, unidade de ensino da universidade especializada em uma disciplina ou profissão, como “Faculdade de Engenharia”, por exemplo. Fica claro, então, a escolha do termo como unidade acadêmica: *Faculty of Engeneering*.

A escolha entre um ou outro ou, inclusive, a criação de um novo termo vai depender de critérios estabelecidos previamente no planejamento, considerando também o contexto do termo. A pesquisa deve levar em conta as nomenclaturas que estiverem de acordo com os títulos e estruturas encontrados na UERJ. Assim, preservando a essência da universidade, sem esquecer-se de apontar como parte do glossário o termo de real uso na língua inglesa.

Desse contexto revela-se a motivação para esta pesquisa. Afora a paixão pela tradução e pela terminologia, a necessidade desses termos para a complementação das tarefas de um profissional de tradução responsável pela redação de materiais institucionais para a UERJ faz deste um trabalho original e de extrema importância prática. Além disso, pode se transformar em referência para nossos pesquisadores, docentes e discentes ao se identificarem em encontros internacionais, divulgando o ensino, a pesquisa e os projetos de extensão produzidos na UERJ.

Um glossário deste tipo colabora para que a UERJ mantenha, ainda que em outra língua, suas características institucionais básicas. Por isso, o presente trabalho deverá se preocupar com o contexto capaz de fornecer a equivalência mais próxima do nosso contexto. O que significa manter sua identidade cultural universitária ao mesmo tempo em que pode comunicar-se com outros povos que não falam sua língua.

Deste trabalho, indaga-se sobre qual o motivo pelo qual se escolheu reunir um glossário para os termos universitários em língua inglesa. Já citamos algumas vezes o papel de língua franca do mundo globalizado e é sobre isso que falaremos no próximo tópico. Em seguida, reconheceremos a importância da tradução em tempos globalizados.

## 1.5 Língua inglesa como língua franca

Com a história da internacionalização da universidade e a importância da formação de um glossário, passaremos a apresentar os caminhos do inglês como língua franca do mundo globalizado, justificando a escolha dessa língua para o glossário de termos universitários.

É fácil constatar, nos dias de hoje, a globalidade da língua inglesa. Para o jornalista britânico Robert McCrum, do jornal *The Observer*, “o inglês estaria entrando numa nova fase de sua expansão pelo mundo, marcada pelo surgimento espontâneo de uma variante simplificada do idioma entre falantes que precisam se comunicar globalmente” (FREITAS, 2010, p. 1). Enquanto isso, um engenheiro indiano, Madhukar N. Gogate trabalha no projeto de uma língua universal, que batizou de *globish*, tentando simplificar a grafia da língua inglesa para facilitar a comunicação global. De um modo ou de outro, esses cientistas parecem ter percebido que o fenômeno da globalização tem ampliado o uso da língua inglesa por falantes de línguas diferentes para alcançarem a comunicação, fazer amizades ou fechar grandes negócios.

Enquanto isso, o linguista David Crystal se ocupa, há anos, do estudo da língua inglesa como língua global e acredita que é “provável que o inglês já tenha amadurecido para ser independente de qualquer controle social” (2006, p. 421). Para ele, o crescimento é tão grande que não há como pará-lo como língua franca do mundo.

Ross Smith (2005), ao falar sobre a relevância da língua inglesa como o novo latim no mundo contemporâneo, afirma que, apesar da dificuldade de pronunciá-lo, da irregularidade, complexidade e ambiguidade, o inglês ainda tem sua importância global incontestada. Snell-Hornby (2000), por outro lado, acredita que, para além da dominação do mundo pela tecnologia e cultura americanas,

sua gramática e vocabulário básicos fundamentais podem ser adquiridos com relativa facilidade para a conversação do dia a dia, conforme a necessidade para a comunicação superficial de falantes de outras línguas mundo afora (p. 14).

Acrescenta que, em geral, há uma política aberta e não purista das instituições que falam a língua inglesa, o que deve ter encorajado as variações locais da língua fazendo dela um “denominador comum para a comunicação” (2000, p. 14). Quanto à afirmação de que não há como pará-lo, Martin Dewey (2007) acredita que “o domínio atual do inglês recai sobre o poder econômico dos Estados Unidos” (p. 62).

O autor faz um apanhado geral dos domínios e áreas em que a língua inglesa, por razões externas a ela, tornou-se eminente e se adiantou às outras línguas do continente. Isto

acontece desde a revolução industrial na Inglaterra até o século XX, marcado pela influência cultural americana em diversas áreas da vida humana. O império britânico e a criação da Liga das Nações evidenciam o poder da língua quando se torna o meio oficial de comunicação entre as nações do mundo. O sistema bancário e a vasta imprensa americana, sem falar da propaganda, dos grandes meios de comunicação de massa e, é claro, o cinema e a música popular são mencionados por Crystal (2006) como colaboradores do domínio mais que econômico americano.

Na educação, além de ser a língua-meio para a divulgação de vários domínios do conhecimento, alguns países, como demonstra Crystal (2006), adotaram a língua como meio regular de instrução para a educação superior, ainda que o inglês não seja o vernáculo oficial da Holanda, por exemplo. Como vimos na seção 1.2, o conhecimento desde o início do que se chamou universidade é internacional e necessita de uma língua-meio que possa ser o elo de comunicação entre pesquisadores e estudantes. No início era o latim, nas últimas décadas, o inglês.

Afinal, sendo a língua uma “instituição democrática”, as transformações podem vir tanto dos falantes da língua materna inglesa quanto de seus falantes como segunda língua. Apesar da falta de pesquisas sobre o assunto, variedades regionais (*new Englishes*) e outros dialetos parecem estar sendo padronizados e usados no mundo todo. Para Crystal, no entanto, “é necessário manter a importância do *standard English*, ao mesmo tempo manter a importância do valor dos sotaques e dialetos locais” (Crystal, 2006, p. 434). Cada uma dessas variedades, a padrão e a local, tem contribuições a fazer para o mosaico lexical da língua inglesa.

Destarte, língua franca ou língua internacional, a língua inglesa atravessa fronteiras e permite que povos e culturas diferentes se comuniquem como o *globish* de Golgate. Se não está conectada a uma cultura específica, também não carrega todos os traços desta ou daquela região onde o inglês é a língua materna. O que se fala é uma linguagem que abraça movimentos regionais, características culturais daqueles povos que trocam informação por meio da língua inglesa. Podemos perceber, até aqui, que a língua inglesa refletiu até certo ponto o poder político de países como os Estados Unidos ou o Reino Unido, mas que, a cada avanço territorial, ela ganha nuances das regiões onde é falada e, por assim ser, se torna global, internacional.

É interessante observar a presença mundial da língua inglesa e como cada domínio da vida humana é influenciado diretamente por essa língua ou, melhor dizendo, pelo poder dos povos que a falam.

Ao mesmo tempo em que as conquistas da humanidade foram ditadas por países de língua inglesa, a língua se expandiu e constituiu-se num instrumento de compreensão e construção de novos caminhos, de uma nova realidade. Cada cultura imprime sua marca na língua inglesa e, provavelmente, a língua inglesa imprime sua marca em cada uma dessas culturas. Um exemplo interessante são os textos híbridos citados por Snell-Hornby (2000), que podem retratar um novo inglês, fruto da voz do colonizado usando a língua do colonizador.

Desse modo, observamos adolescentes se comunicando entre o México e a Holanda ou o grande executivo alemão discutindo os rumos da sua empresa com o profissional russo, ou ainda o aluno português estudando na Índia e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro fechando convênios com instituições de diferentes nações do mundo inteiro. Em cada uma dessas situações, podemos dizer que a principal língua utilizada é a inglesa.

O inglês se tornou, nas últimas décadas, o código para a comunicação com o mundo. Nada mais importante, então, para instituições globalizadas, que estas se apresentem, em todos os meios e instrumentos de comunicação, em uma das línguas mais faladas do planeta. Em nosso caso, as universidades voltaram a compreender-se como instituições internacionais, recebendo alunos de outros países e realizando convênios internacionais. Algumas, cremos que influenciadas pelo movimento global, já exibem em seus *sites online* glossários apresentando vocabulário básico universitário para seus novos alunos ou para futuros alunos de intercâmbio. As universidades de Manchester e Oxford são um bom exemplo.<sup>4</sup> Esses glossários parecem querer ser uma primeira percepção desse mundo da academia por aqueles que nele ingressam. Ser a porta de entrada linguística da universidade pode ser o primeiro movimento importante desse tipo de glossário no *site* universitário.

Chegamos até aqui pensando em um mundo em processo de globalização. Esse processo tem impacto nas universidades que acabaram por abrir suas portas para o mundo, internacionalizando-se, ao mesmo tempo em que não querem perder sua identidade. Ao apresentar-se por meio dos materiais institucionais, a universidade percebeu a necessidade de traduções para a língua inglesa. A importância da tradução é inegável como elo entre culturas e, em nosso caso, como elo entre instituições de ensino superior e o mundo globalizado. Para colaborar com o tradutor que é chamado a desenvolver esses textos, surge o trabalho terminológico do glossário, permitindo uma uniformização maior da nomenclatura da universidade.

---

<sup>4</sup> Os glossários estão disponíveis em <http://www.manchester.ac.uk/undergraduate/studentlife/teachingandlearning/glossary> e [http://www.ox.ac.uk/about\\_the\\_university/introducing\\_oxford/oxford\\_glossary/index.html](http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford_glossary/index.html).

Por isso, retrataremos, a seguir, o valor da tradução neste mundo globalizado e, em seguida, reportaremos a importância do trabalho terminológico para a tradução neste contexto dos termos institucionais da universidade.

### **1.6 A tradução e o mundo globalizado: a necessidade e o aporte da terminologia:**

Com os fenômenos observados até agora, podemos perceber que a globalização trouxe, a princípio, uma diminuição das fronteiras internacionais pela economia e pela facilidade da circulação da informação. A demanda pela tradução cresceu e “cada país ou comunidade traduz elementos dentro da economia global e informacional para as circunstâncias locais” (Cronin, 2000, p. 34). E a tradução está presente reservando um novo lugar para o profissional da área que, hoje, tornou-se maior do que apenas transpor um texto de uma língua para outra. Para Said M. Shyab (2010), por exemplo, “a globalização ajudou os tradutores a se tornarem significativos mediadores entre as culturas por meio de uma melhor compreensão do que pode ser realizado” (p. 9). Com o fenômeno do encurtamento de fronteiras pela comunicação, a globalização e, junto com ela, a localização, permitiram uma procura da identificação com o outro a partir do fortalecimento da identidade cultural de alguns povos. Se essa “identificação com o outro é para ser algo mais do que o consumo visual do exótico, então a tradução deve estar presente” (2010, p. 35). Os textos, ou os vários tipos de texto, traduzidos, refletem a cultura de onde partem, possibilitando o aumento do conhecimento das culturas. Nesse contexto, ainda que haja no globo focos de resistência à supremacia inglesa e produtos feitos para serem comercializados pelo mundo inteiro, observamos que a língua inglesa continua sendo a linguagem que facilita a comunicação. O tradutor, o mesmo profissional designado para localizar os produtos, traduzindo-os de acordo com a dada comunidade-alvo, é o profissional que deve trabalhar para que as instituições espalhadas pelo mundo se façam conhecer em língua inglesa.

No caso de nosso estudo voltado para a globalização da universidade, o papel do tradutor, mediador de culturas, pode ser vislumbrado quando atentamos para a tradução de materiais institucionais. O material institucional faz parte do conjunto de materiais de comunicação dirigida produzidos pela organização. “Por meio dela [a comunicação dirigida] uma empresa poderá transformar sua atuação ao produzir informação, formar conceitos e operar mudanças na vida de pessoas envolvidas em qualquer dos processos produtivos, do público interno aos consumidores” (Benevides, 2004, p. 169). Esses materiais são definidores

de sua missão e propósito, dos serviços que presta, de quem a administra entre outras informações. Incluindo fôlderes, *banners* e os *sites* das universidades na *internet*, esses instrumentos “registram sua história diária, servem aos propósitos imediatos e são capazes de estimular valores da instituição em seus públicos, criando condições para um bom relacionamento” (p. 170).

Para estabelecer essas relações, é preciso que a universidade se apresente por meio desses materiais às instituições com as quais têm ou pretende ter convênio, com futuros alunos ou professores em intercâmbio.

Para confecciona-los em língua estrangeira, um tradutor deve ser contratado. Contudo, se a cada tradução da universidade, esse profissional decidir fazer isso sem que a própria tenha ainda definido como vai se chamar nessa língua – em nosso caso, a inglesa –, que descrição terão seus cargos, seus departamentos, suas unidades acadêmicas e administrativas, teremos várias universidades em uma só.

Consequentemente, há que refletir o modo como vai trabalhar esse tradutor se, como Aubert (2001, p. 12) observa,

a precariedade das descrições tende a gerar a proliferação de termos por meio de soluções *ad hoc*, daí a variarem de usuário a usuário, de entidade a entidade, de região a região, resultando, ao final, em um verdadeiro emaranhado de “dialetos” de especialidade.

Isso acontece, segundo ele, de acordo com o privilégio e o domínio de algumas nações sobre as outras. Resultando em uma quantidade razoável de materiais terminológicos para as relações entre as línguas privilegiadas (inglês, francês, espanhol, por exemplo) e uma “franca pauperidade” de produtos terminológicos para as relações que envolvem idiomas não privilegiados como a nossa língua portuguesa.

Acrescentem-se aqui os materiais disponíveis, com grande frequência, se concentram em uma determinada direção tradutória (por exemplo, a relação inglês → português, em detrimento da relação inversa, português → inglês), nem sempre espelhando, nessa discrepância, uma correção efetiva com a real demanda por informações terminológicas confiáveis (2008, p. 55).

Em resumo, o tradutor precisa, para dar conta de seu trabalho neste mundo globalizado, de produtos terminológicos que supram a necessidade de material para a produção de traduções mais próximas da realidade da língua de chegada. É aqui que entra o papel do tradutor/terminólogo para a construção de um glossário no qual se possa obter a nomenclatura de cargos e unidades administrativas e acadêmicas da instituição, com termos que a definam e a denominam, na língua inglesa.

Em algumas universidades estrangeiras, como Manchester e Oxford, esse trabalho já foi realizado. Elas criaram, em seus *sites*, glossários com o vocabulário para que o novo aluno

compreenda melhor seu espaço estudantil, conhecendo os termos próprios daquela unidade de ensino superior e utilizando-os no momento e local correspondentes. O interessante desse processo é que, disponíveis que estão em seus *sites* na *internet*, os glossários têm alcance mundial e acabam por ser mais um fator identificador da universidade por seus pares no exterior ou por aqueles interessados em participar de alguma atividade de ensino, pesquisa e extensão nessa instituição de ensino superior.

Neste mundo sem fronteiras em que se destaca a função da tradução como mediadora de culturas e decodificadora dos conhecimentos e da tecnologia, o profissional de tradução vem contando com o apoio de outra ciência, a Terminologia. Como lembram Maria José Finatto e Maria da Graça Krieger (2004), “ao tradutor interessa um manejo terminológico competente, expresso pela adequada seleção, na língua de trabalho, dos termos equivalentes àqueles utilizados pelos especialistas na língua original” (p. 66). E ele pode ter acesso aos termos mais adequados por meio das obras terminológicas, quais sejam, os dicionários especializados, produzidos por terminólogos engajados em encontrar os devidos termos. Assim, o tradutor poderá ter acesso aos repertórios mais próximos de seu trabalho e do propósito comunicativo do que escreverá ou documentará. Nesse sentido, a terminologia auxilia o tradutor “a compreender a natureza, o estatuto, a constituição e o funcionamento dos termos técnico-científicos” (FINATTO e KRIEGER, 2004, p. 70).

Outrossim, é preciso acordar que “o tradutor deve ter domínio dos conteúdos da área cujo texto traduz” (BARROS, 2004, p. 71) e ainda que “uma boa tradução não deve apenas expressar o mesmo conteúdo que o texto de partida, mas fazê-lo com as formas que um falante nativo da língua de chegada utilizaria” (2004, p. 71). Isso quer dizer que, ao utilizar as ferramentas da terminologia, o tradutor pode ter acesso aos termos que compõem um domínio do conhecimento tal qual aquela comunidade linguística o compreende, facilitando ao tradutor a chegada a seu objetivo final, o texto especializado comunicando um conteúdo de modo facilitado ao entendimento dos leitores/falantes da língua de chegada, concorrendo para a construção do sentido e para a compreensão da função comunicacional de tal conteúdo.

E nosso trabalho de construção do glossário bilíngue de termos institucionais para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem essa exata dimensão: servir de base terminológica para as traduções a serem realizadas para a universidade, em textos que a apresentem para o mundo e transmitam sua identidade e a função de cada uma de suas Unidades Acadêmicas e Administrativas.

Desse modo, o glossário ocupa uma lacuna de trabalhos terminológicos, principalmente, no que diz respeito ao apoio ao tradutor na direção tradutória português-

inglês, nas relações estabelecidas com outros países e na produção dos materiais institucionais universitários.

Para chegar ao glossário, o compreendemos como um conjunto de termos reunidos sobre um determinado assunto. Assim sendo, no próximo capítulo, faz-se necessário tratar da ciência que estuda e define o termo: a Terminologia. Além disso, é necessário traçar um breve histórico de suas teorias e demonstrar com qual delas se alinha este trabalho.

## 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS:

### 2.1 Terminologia e termo – definições

A base para o trabalho de tradução no caso de nosso estudo está na pesquisa terminológica para a produção de um glossário de termos universitários. Para iniciar esse trabalho, definiremos, a partir de agora, a ciência base para a pesquisa, a Terminologia, bem como, de que maneira o termo está inserido nela.

Para tanto, o primeiro passo é localizar-nos no campo de estudo da terminologia e do termo a partir das definições de organismos oficiais desta e de autores-referência, como Lidia Barros e Maria Teresa Cabré. Logo em seguida, faremos uma análise dessas autoras pelo olhar do trabalho que vamos desenvolver.

Começamos com a ISO 1087 (1990, p. 12) que diz: “Terminologia designa o estudo dos conceitos e dos termos em uso nas línguas de especialidade”.

Silvia Pavel e Diane Nolet (2002), no Manual de terminologia para a direção de terminologia e normalização do departamento de tradução do governo canadense, colocam duas acepções para a palavra terminologia. Na primeira, afirmam que ela significa um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social” (p.xvii), como, por exemplo, a terminologia da medicina ou a terminologia usada pelos especialistas em computação. No sentido mais restrito e mais especializado, o mesmo termo designa uma “disciplina linguística consagrada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade” (2002, p. xvii). Explicam também que a

língua comum é aquela que usamos no cotidiano, ao passo que a língua de especialidade é a que é utilizada para proporcionar uma comunicação sem ambiguidade numa área determinada do conhecimento ou da prática, com base em um vocabulário e em usos linguísticos específicos desse campo (2002, p.xvii).

Com elas concorda Lidia Barros (2004, p. 34) quando diz que “o termo terminologia é, ainda, empregado com o sentido de disciplina científica e de conjunto de termos de uma língua de especialidade”.

Já a teórica criadora da Teoria comunicativa da terminologia (TCT), Maria Teresa Cabré (1999, p. 70) afirma que

a terminologia é uma matéria, de caráter interdisciplinar, integrada por fundamentos procedentes das ciências da linguagem, das ciências da cognição e das ciências sociais. Estes três fundamentos inspiram por sua vez a poliedricidade da unidade terminológica, que, em consequência, é, ao mesmo tempo, uma unidade linguística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural.

Cabré reforça sempre o valor semiótico do termo e seu valor dentro do grupo que o utiliza.

A lexicologia, por sua vez, é o “estudo científico do léxico” (BARROS, 2004, p. 60), que considera em sua análise todas as possibilidades de realização e de significação da unidade léxica em uma dada língua (por exemplo, todas as suas variações e significados na língua portuguesa)” (p. 61) ou ainda a “disciplina que se ocupa de compilar e estudar a forma e o significado das palavras de uma dada língua” (PAVEL e NOLET (2002, p. xvii).

Ao contrastar as duas ciências, podemos perceber que ambas tem o mesmo objeto de estudo: a unidade lexical. A diferença está em quão amplo é o seu raio de ação. Enquanto a lexicologia possui uma visão geral do léxico da língua como um todo, as palavras e sua multiplicidade de significados, a terminologia também lida com estas unidades, mas de maneira mais específica. Dentro da língua de especialidade, a palavra tem um significado definido por aquele uso e de acordo com o propósito da comunicação daquela área de conhecimento. Aqui a palavra vira termo sem deixar de ser palavra, de ser parte do léxico daquela língua. Ao serem definidas e adotadas por aquele texto de especialidade, as palavras se tornam termos.

O termo é, então, a unidade com a qual o terminólogo trabalha.

O termo é definido pelos organismos internacionais de normalização como “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p. 5). O termo é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico. Para o Manual de terminologia de Pavel e Nolet (2002, p. 131), termo é “palavra (termo simples), grupo de palavras (termo composto), sintagma, símbolo ou fórmula que designam um conceito de uma área específica”. Lídia Barros (2004, p. 28) também define termo: “palavras que designam conceitos específicos de domínios especializados como a medicina, a arte marítima, o comércio”. Para Cabré o termo é uma palavra “ativada singularmente por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação” (CABRÉ, 1999, p. 123).

Palavra, termo, unidade lexical, unidade terminológica. Qual é a diferença entre elas? Ainda que a *Routledge Encyclopedia for Translation Studies* (BAKER, 2001, p. 259) diga que “assim como a lexicologia é o estudo de um tipo de unidade lexical geralmente referido como palavras, a terminologia é o estudo dos termos”, para a TCT termo e palavra não são entidades distintas. Essa teoria demonstra que

a unidade lexical não é *per se* nem palavra nem termo, mas sim uma forma lexical associada à toda informação relativa ao diferentes módulos da gramática da qual participa. De acordo com

a situação comunicacional na qual é usado, pode ou não ativar o valor especializado. Esses valores mantêm uma relação polissêmica entre si (ADELSTEIN ; CABRÉ, 2002, p.5).

As autoras querem dizer que a palavra torna-se termo de acordo com o uso em um contexto, “situação comunicacional” específicos. Por meio de um processo cognitivo, a informação semântica para cada situação é ativada para construir o sentido. O sentido é o produto desse processo ao passo que é, por ele, que se consegue fazer a distinção entre os vários significados gerais (polissemia) daquela palavra e o significado especializado para aquela área do conhecimento. Não há, portanto, de acordo com essas autoras, um léxico especializado totalmente deslocado do grupo com o qual interage no léxico geral. Para um termo ser percebido como especializado ou não depende do tipo de ativação ao qual o falante se submete, ou seja, do contexto, do propósito comunicativo do texto e tudo mais que possa ativar nele o papel especializado. Isso não quer dizer que, sendo identificado dentro daquele domínio do conhecimento específico, o termo pertença a esse domínio somente. Como unidade lexical, dentro de um sistema sempre em evolução como o linguístico, o termo não é estático. Hoje ele pode definir algo em determinado domínio, amanhã pertencer a outros domínios diferentes ou simplesmente ser apagado daquele domínio prévio ou ainda ganhar outro significado dentro daquela especialidade.

De acordo com esses pressupostos, podemos dizer que lidaremos em nosso trabalho com uma perspectiva terminológica em busca dos termos que compõem o contexto institucional universitário. Isso sem deixar de ter em mente que, toda vez que lidarmos com um novo termo, continuamos lidando com uma palavra parte do léxico, seja da língua portuguesa, seja da língua inglesa. Na pesquisa, é fundamental ter o cuidado de examinar os diferentes termos, não somente como parte da língua de especialidade, digamos universitária, mas como parte de um universo linguístico, cheio de possibilidades de significados. Dessa maneira, a definição da ciência da terminologia e do termo em si, por meio das relações de cada termo com os outros termos dentro daquele dado contexto, ajuda a determinar a adequação de cada um dos termos escolhidos. Há que observá-los, percebê-los dentro da situação comunicativa, separando-os de acordo com os sentidos diferenciados ativados em nosso contexto.

Em seguida, teremos um pequeno resumo das teorias terminológicas, enfatizando a teoria base para o nosso trabalho, ou seja, a Teoria Comunicativa da Terminologia. Com a TCT, organizaremos uma importante ferramenta terminológica com o propósito comunicativo de apresentar a identidade institucional da Universidade.

## 2.2 Breve histórico das teorias terminológicas

Ao definir terminologia e termo, percebemos a visão de alguns autores sobre a matéria. Relembraremos, a partir de agora, os passos dados pelos teóricos no caminho para transformar a terminologia em uma disciplina importante na área dos estudos da linguagem e, mais ainda, nos estudos da tradução. Em nosso caso específico, a terminologia ajudará a prover o tradutor do texto institucional universitário dos termos adequados na tradução para a língua inglesa, facilitando o seu trabalho todas as vezes que necessitar traduzir a universidade para esse idioma.

Como já existem muitos trabalhos que observaram a história da terminologia de maneira aprofundada (YINPING LIU, 2006 e VIVIANE FERINI, 2006, por exemplo), nos ateremos a um breve histórico, destacando os pontos que mais nos interessam em nosso trabalho.

Falar da história da terminologia também é falar da história das conquistas humanas, pois o número de termos cresce à medida que a produção industrial se expande, guerras se acabam, países têm suas fronteiras alongadas pelo mundo globalizado. Ao longo do século XX, testemunhamos essas e outras mudanças que fizeram surgir novos termos e impulsionaram a ciência da terminologia a se tornar ciência.

Dos paradigmas terminológicos criados naquele século, destacamos as duas mais importantes: a Teoria Geral da Terminologia (TGT), formulada por Wüster, a partir dos processos que utilizou para elaborar seu dicionário *The Machine Tool*, no início do século; e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), criada pela linguista Maria Teresa Cabré e o grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, a partir dos anos 1990.

Wüster se alinhava ao enfoque cognitivo das escolas tradicionais como a Escola de Viena, onde “a realidade só pode ser conceitualizada cientificamente pela ciência, que, por meio da lógica, organiza o conhecimento científico” (CABRÉ, 2002, p. 3). A necessidade de encontrar termos para a sua área de conhecimento e padronizá-la fez com que o engenheiro preconizasse como terminólogos, os conhecedores de tal assunto e não os profissionais que lidassem com a língua como sistema social. O processo de seu trabalho consistiu, então, de “uma atividade orientada onomasiologicamente, na qual o conhecimento sobre os conceitos de uma matéria precedia a seleção das denominações mais convenientes (...)” (CABRÉ, 2005, p. 2). Isso quer dizer que, para a TGT, a base do trabalho terminológico é o conceito “e suas relações com outros conceitos de um mesmo domínio” (BARROS, 2004, p. 48). É a partir de

uma dada ideia (noção ou conceito), explica Maurizio Babini (2006, p. 5), que se deve “encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima”. De acordo com a norma ISO, o conceito é “uma unidade de pensamento constituída por abstração com base em propriedades atribuídas a uma classe de objetos e que pode se expressar por um termo ou por um símbolo” (ISO, 1087, 1990, p.1).

A expressão de um conceito é definida por um único termo que se torna o padrão. A padronização era um dos objetivos maiores da teoria elaborada por Wüster, “centrada na busca de uma língua universal que permitisse a interação humana sem nenhuma limitação” (CABRÉ, 2002, p. 2). Assim, a TGT procurou alcançar “a padronização terminológica e a intercomunicação científica” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 28), tendo como base o “princípio da univocidade entre o conceito e o termo que o designa (um único termo pode designar um conceito)” (BARROS, 2004, p. 53), preocupado estava com “a eliminação dos ruídos da comunicação entre especialistas de um mesmo campo de saber ou de diferentes campos” (id, ibidem).

É nesse contexto que a TGT obteve muitas críticas dos estudiosos de línguas. Não esqueçamos que Wüster era um engenheiro preocupado em obter os termos com os quais sua área pudesse ser reconhecida e padronizada. Com uma visão claramente positivista, tendo a ciência como local privilegiado de saber e de prescrição, o teórico estava preocupado em se livrar da ambiguidade e alcançar a univocidade, ou seja, a interpretação única de um dado termo pelos pares de um determinado campo do conhecimento. Ele não estava preocupado em computar os diferentes significados possíveis do termo em relação ao sistema linguístico a que pertence. Um termo é criado a partir de conceitos considerados “atemporais, paradigmáticos e universais” (2004, p. 33), não importando estudar-lhes a evolução no tempo ou as diferenças que podem existir quando o registro do discurso muda, pois só considera o “registro formal profissional” (CABRÉ, 2002, p. 4).

Dessa forma, concebe

a unidade terminológica, separando conceito (elemento independente das línguas e de valor universal) e significado (ligado a línguas particulares); o desinteresse pelas estruturas morfológicas, pelos aspectos sintáticos das unidades lexicais, além da supervalorização da função denominativa (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 35).

são prerrogativas que podem apontar as insuficiências dessa escola terminológica geral. Pois, para os colegas de Wüster, parece ser mais importante uniformizar e padronizar o uso de determinados termos, desprezando o papel destes dentro do sistema linguístico do qual fazem parte, e do contexto em que eles se encontram. Sendo a língua dinâmica, os contextos

variam e o sentido de um termo é construído dentro do sistema e do contexto e não com uma seta que aponta um dado termo como a melhor denominação para aquele conceito.

Com esta crítica ao trabalho da TGT e outros acontecimentos importantes, percebe-se uma virada do pensamento sobre a terminologia, para dar lugar à TCT. Os intercâmbios entre países e culturas diferentes se multiplicaram e com eles a necessidade de transmissão do conhecimento produzido. Com este, surge a diversificação das situações de comunicação especializada. Também os meios de comunicação de massa começaram a divulgar o conhecimento levando a formação especializada em todos os níveis educativos (CABRÉ, 2005, p. 4-5).

As novas tecnologias, incluídas aquelas aplicáveis à linguística, como a linguística de corpus, também contribuíram para que a visão Wüsteriana começasse a dar lugar a outra que pudesse tratar dados empíricos e entendesse o termo como parte do léxico da língua, dentro de um contexto específico. Outra virada importante dentro da linguística foi no sentido de abrir-se à pragmática e à semântica: “mudança que favorece o interesse pelo léxico em si e, não unicamente como elemento necessário para a sintaxe” (2005, p. 5).

Para a TCT, “as unidades terminológicas são o objeto central da terminologia como campo do conhecimento”, (CABRÉ, 2005, p. 8-9). A TCT enxerga na Terminologia uma ciência interdisciplinar que “se ocupe dos termos e que integre os aspectos cognitivos, linguísticos, semióticos e comunicativos das unidades terminológicas” (CABRÉ, 2002, p. 6). Para tanto, a terminologia, segundo Cabré, deve se ocupar dessas unidades terminológicas e pensá-las não como iguais ou diferentes das unidades lexicais de uma língua, ou seja, as palavras. As unidades terminológicas são tratadas como “unidades discursivas que procedem de uma só forma de base: as unidades lexicais que o falante conhece, seja como usuário ou profissional de um âmbito determinado” (2002, p. 7). Não se separa o termo da palavra, porque ele também pertence ao léxico da língua, não é estranho a ela e, por isso, é polissêmico e pode encontrar sinônimos e equivalentes em seu caminho. A poliedricidade do termo, ou seja, sua capacidade de integrar “ao mesmo tempo aspectos linguísticos, cognitivos e sociais” (CABRÉ, 1999, p. 85), e a possibilidade de estudá-lo integralmente ou limitando-se a um de seus aspectos faz com que a teórica demonstre a possibilidade de estudar o termo por cada uma de suas vertentes ou “portas” – linguística, cognitiva e sociocomunicativa. Cada porta se abre com sua teoria própria.

Ainda sobre a poliedricidade do termo, a autora defende que “toda unidade terminológica persegue imediata ou remotamente uma finalidade comunicativa” (1999, p. 85). É a condição discursiva, a situação comunicacional que vai definir que finalidade seria

essa e qual significado confere ao termo dentro daquele contexto em que está inserido. O significado é definido como o “resultado de uma negociação mediante a realização de predicções que determinam o sentido” (Cabré, 1999, p. 85). O significado especializado que concede categoria de termo a uma dada palavra ou unidade lexical só é ressaltado quando observado em relação a outras unidades, especializadas ou não, em dada “situação comunicacional” (1999, p. 85). “De acordo com a situação comunicacional na qual é usado, [o termo] ativa ou não um valor especializado. Esses valores mantêm uma relação polissêmica entre si” (ADELSTEIN e CABRÉ, 2002, p. 5). Por isso, as autoras reforçam a importância de se estudar o termo dentro do contexto, recurso que permite entender o processo de ativação da informação semântica do termo, tendo o sentido formado como produto desse processo. Tendo em mente a multiplicidade de significados de uma única forma, o contexto é o caminho onde se pode distinguir entre todas as variações semânticas possíveis daquela que contém o valor especializado. É a relação entre o valor especializado e os nãoespecializados que ativa a finalidade comunicativa do termo, distinguindo-o como termo especializado ou não, tornando-se, ou não, a expressão do conhecimento especializado.

Para a TCT, o foco do trabalho é o termo dentro do contexto daquele conhecimento especializado. Não deixa de levar em conta que o termo também é uma palavra, uma unidade lexical antes de tudo, que faz parte da vida linguística do falante. Portanto, o termo possui uma gama de significados diferentes, é polissêmico. Para essa teoria, com a qual nos alinhamos, conseguir estabelecer o seu significado para aquele discurso especializado significa entender o contexto do discurso, sua função e propósito comunicativo. Pela porta linguística, portanto, Cabré insiste que as unidades terminológicas devam ser analisadas por meio dos textos orais e escritos nos quais aparecem.

E esta porta está aberta dentro do texto, que é por onde deve o linguista começar a trabalhar com a teoria dos termos, segundo Cabré (2002, p. 8-9). Ainda segundo a autora, o texto oral ou escrito vai demonstrar todas as nuances estruturais gramaticais e cognitivas daquele tipo de conhecimento especializado. Deve considerar também sua estrutura e condições discursivas. O próximo passo é analisar essa estrutura, detectar as unidades que a constituem e, dentre essas unidades, detectar aquelas que transmitem “um conhecimento especializado e que são unidades de significação especializada” (CABRÉ 2002, p. 8-9). Para finalizar, o linguista vai encontrar as relações conceituais entre essas unidades, detectando seus equivalentes ou sinônimos, montando a estrutura conceitual do texto. O profissional de linguística traça, assim, um mapa conceitual, onde cada termo tem seu lugar preciso a ocupar;

lugar que determina seu significado específico dentro daquela área do conhecimento (GLADIS ALMEIDA, 2006, p. 89).

Com base neste caminho linguístico, em nosso trabalho, partimos dos textos autênticos publicados no site da UERJ, incluindo textos de manuais e legislação interna. A partir destes chegamos às suas características lexicais e aos termos que fazem parte desse conhecimento especializado. Como um mapa para ordená-los e localizá-los na realidade universitária, utilizaremos o organograma da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O contexto, portanto, é nosso ponto de partida para encontrar os termos definidores dessa estrutura. A partir dos termos captados no contexto desses materiais, buscaremos os termos correspondentes em língua inglesa nos *sites* de universidades que têm o idioma como língua materna. Deste lado do glossário também utilizaremos textos, grades e organogramas e outros materiais *online* que possam nos fornecer material autêntico de pesquisa. O destino final é o glossário dos termos para a UERJ, importante, reafirmamos, como meio para definir a instituição, seus órgãos e cargos, sua estrutura administrativa e acadêmica, além de contribuir para sua memória e organização.

Partindo, assim, do termo para o conceito, devemos ter em mente que pode haver variações tanto conceituais quanto denominativas, pois o termo pode ter sinônimos ou equivalentes diferentes, dado o contexto a que ele estiver ligado. Podemos, por exemplo, ter para o mesmo termo em língua portuguesa, diferentes termos correspondentes em língua inglesa. Cabe ao terminólogo, de acordo com o mapa traçado eleger o que corresponde à sua realidade.

Para resumir a teoria, Cabré explica que a teoria dos termos tem como objetivo descrever as unidades que

podem adquirir valor terminológico, dar conta de como ativam este valor e explicar as relações estabelecidas com outros signos do mesmo sistema distinto, com o fim de progredir no conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que se utilizam (CABRÉ, 2002, p. 7).

Além disso, não pode deixar de enfatizar que o valor da unidade lexical em relação às outras sempre dependerá da situação comunicacional e do contexto onde está situado.

Partindo da importância do termo como unidade estudada pela terminologia, bem como parte de um sistema linguístico, tendo seu sentido construído a partir do contexto onde está inserido, é que iniciaremos o próximo capítulo que descreve a estrutura do glossário bilíngue de termos universitários da UERJ.

### 3 DISCUSSÃO SOBRE O GLOSSÁRIO, MACRO E MICROESTRUTURAS

#### 3.1 Definição de glossário:

Com as teorias terminológicas comentadas e tendo em foco a importância do trabalho do glossário bilingue para a universidade, falaremos, neste segmento, do glossário e das estruturas macro e micro que o compõem.

Para iniciar, falamos da definição de glossário. O glossário, tempos atrás, já foi visto como uma obra que “define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos” (Boustin-Quesnel apud Barros, 2004, p. 136).

Hoje, diferentemente das obras lexicográficas, que reúnem um número infinito de palavras, preocupando-se em defini-las em seus sentidos diversos possíveis, uma obra terminográfica como o glossário conserva como traço singular falar dos termos referentes a um dado domínio da língua. Como explicam Gláucia Rocha e Francisco Villela (1999):

Os dicionários especializados ou técnicos – também chamados de vocabulários, glossários ou elucidários – abarcam apenas um determinado campo do conhecimento humano ou da experiência. Estes dicionários surgem como consequência da internacionalização cada vez maior das atividades científicas do mundo atual. É o caso dos dicionários de gíria, de literatura, gramaticais, de medicina, de informática etc (p.75).

No entanto, surge uma dúvida quando apreciamos a classificação tipológica de obras terminológicas feita por Barros (2004), em que temos as definições de vários tipos de repertório. Para a autora, um dicionário terminológico, por exemplo, pode ter como termo concorrente o nome de vocabulário e “situa-se no nível da(s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios. Apresenta, obrigatoriamente, definições, mas nenhum dado enciclopédico” (p. 144). Mais adiante, o “glossário (termo tolerado: dicionário bilingue, dicionário multilíngue): (...) Sua principal característica é não apresentar definições, mas tão somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas” (BARROS, 2004, p. 144). De acordo com as definições de Barros, glossário define um trabalho de listagem de termos em português e seus correspondentes na língua inglesa. Na gama de suas definições, estaríamos mais próximos do que chama de vocabulário. Porém, daqui por diante, quando falarmos do trabalho de glossário, estamos nos referindo à definição número um do *Manual de terminologia canadense* (PAVEL e NOLET, 2002):

**glossário.** 1. Repertório de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, acompanhados de informação gramatical, definição, com ou sem contexto (p. 122).

Outra discussão importante na formação do glossário é relativa à ordem das entradas, ou seja, determinar se a ordem dos verbetes será a alfabética ou sistemática. Barros aponta que a sistemática é a mais usada nas obras terminológicas, onde “os termos de um domínio são organizados em um sistema de conceitos e a distribuição da carga semântica em suas definições baseia-se nas relações que os conceitos descritos mantêm entre si dentro do sistema” (2004, p. 148). A autora afirma que este “tipo de tratamento garante maior coerência e homogeneidade à descrição dos conceitos” (p. 148).

Se tomarmos ao “pé da letra” estas afirmações, diríamos que nosso trabalho não deveria ter sua estrutura dividida sistematicamente, já que isso lembraria, em muito, a linha wüsteriana, onde o conceito é o centro da teoria. Para, por outro lado, privilegiar o termo, centro da Teoria Comunicativa na qual baseamos o glossário de termos universitários, as afirmações nos levariam a ordená-lo em ordem alfabética. Entretanto, outro componente importante da teoria é o contexto como chave para a construção do significado do termo. Conseqüentemente, organizar o glossário, por exemplo, de acordo com o organograma da universidade, facilita o encontro dos termos pelos usuários ao passo que o contexto não é esquecido e reflete a estrutura organizacional da UERJ.

Dessa forma, o glossário bilíngue de termos universitários da UERJ será apresentado de forma sistemática, de modo a compor a estrutura organizacional da universidade segundo o apresentado por seu organograma, facilitando a localização do usuário na ordem administrativa da UERJ.

### **3.2 A macroestrutura do glossário**

Passaremos a definir a macroestrutura do glossário, que diz respeito a “organização interna de uma obra lexográfica ou terminográfica” (BARROS, 2004, p. 151).

Segundo Barros, todos os dicionários apresentam “uma introdução, texto fundamental que expõe ao leitor as características da obra, os critérios adotados para a sua elaboração, público-alvo, objetivos, informações básicas sobre o domínio especializado cuja terminologia é tratada na obra (...) elementos que considere de importância para a compreensão dos dados veiculados no repertório” (2004, p.151-2). Sendo assim, a introdução do glossário bilíngue de termos universitários da UERJ é o que daremos conta, nesta seção, a partir do próximo parágrafo.

O glossário a seguir apresenta os termos correspondentes aos utilizados pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro para denominar suas estruturas e cargos, compreendendo Administração Central e Unidades Acadêmicas e Administrativas. O trabalho contempla também os termos correspondentes a esses em língua inglesa.

O objetivo de tal glossário gira em torno do processo de internacionalização da universidade, dando-lhe os subsídios necessários para comunicar-se com o mundo com o qual desenvolve atualmente mais de 150 convênios ativos com universidades estrangeiras e outros órgãos internacionais, governamentais ou não. O glossário é uma ferramenta estrutural porque apresenta as unidades e cargos da universidade em termos bilíngues que serão a base para a tradução de textos institucionais da universidade. Podemos acrescentar que não se trata apenas de uma referência para a tradução, mas uma referência para a legislação interna da universidade e para a preservação de sua memória. Toda instituição de ensino superior deve cumprir exigências legais para a sua existência, a criação de seus órgãos e sua manutenção, o que demanda uma série de documentos e encaminhamentos institucionais. Para a UERJ não será diferente, os termos de seus cargos e unidades em língua inglesa, se institucionalizados, marcarão a base da identidade da universidade perante os povos que falam outras línguas.

Para tanto, toma como ponto de partida o organograma da universidade, os textos e contextos que a envolvem refletindo-os na realidade das universidades estrangeiras. Para isto, contamos com um *corpus* definido desta forma: para a língua portuguesa utilizamos o organograma da UERJ, textos de sua legislação interna e os termos encontrados em seu *site* na *internet*; para a língua inglesa, utilizamos, como informamos na introdução deste trabalho, os *sites* das primeiras cinco universidades mais importantes do Reino Unido, de acordo com o ranking do *Academic Ranking of World Universities* (<http://www.arwu.org/ARWU2010.jsp>), além de outros *sites* de universidades que possuem glossários publicados. Deixamos claro que a referência principal são as universidades britânicas visto que suas estruturas e termos parecem possuir valores mais equivalentes aos nossos, além de a instituição possuir mais convênios com países do continente europeu.

A entrada de cada verbete, de acordo com Barros (2004, p. 158), significa “a síntese morfossintática e léxico-semântica das ocorrências; é o lema, a forma de base, ou seja, a forma escolhida segundo as convenções lexicográficas e terminográficas para representar uma palavra”. Como a entrada de partida será em português e os termos são substantivos, manteremos a forma encontrada no organograma, no feminino ou masculino, sem plural. Como também, em sua maioria, as entradas que se referem a cargos ou a órgãos da estrutura

da universidade estarão configuradas em letra maiúscula no início da palavra e, ao final, onde for necessário, a sigla correspondente.

A cada verbete cabe também um exemplo de uso em português, em sua maioria, retirado do portal da UERJ na *internet* e de sua legislação ou publicações internas. Corresponde também ao verbete o termo equivalente em inglês, com seu exemplo de uso. Nesse caso, não será criada uma definição aleatoriamente, por acreditarmos que, ao produzir uma definição de nosso punho, estaríamos subvertendo o interesse do trabalho e seu desejo de refletir a realidade das línguas em uso. Alguns exemplos funcionarão como definições e outros como um caminho para saber o sentido e, é claro, o uso do termo em situação real. Como Barros nos lembra que há também a preocupação com o fechamento da cadeia interpretante, ou seja, do entendimento completo do termo pelo usuário do glossário, justificamos nossa escolha da nãoocriação da definição quando esta não existir, com palavras retiradas do texto da autora:

o vocabulário pode preencher as lacunas provocadas pela ausência na macroestrutura das unidades linguísticas cuja compreensão é difícil, usando alguns subterfúgios, como por exemplo, integrar a unidade léxica ou terminológica em um contexto que a explique indiretamente ou apresentar ocorrências que facilitem sua compreensão (J. ; C. DUBOIS apud BARROS, 2004, p. 155).

A ordem dos verbetes é a chamada ordem sistemática e segue como modelo a ordem do organograma da universidade. Os termos aparecem conforme a estrutura administrativa da universidade representada em tal organograma. Assim, primeiro teremos os Conselhos, depois a Reitoria e o primeiro escalão e assim por diante até chegar a suas Unidades Acadêmicas.

O público-alvo do glossário comporta o tradutor, auxiliando-o no trabalho de verter textos institucionais sobre a universidade, além de nossos pesquisadores em seu dia a dia de estudos que envolvem apresentações em congressos internacionais e a escrita de artigos a serem publicados.

### 3.3 A microestrutura

Para montar a estrutura do verbete do glossário, ou seja, a sua microestrutura, tomamos como base o artigo de Ana Julia Perrotti-Garcia (2004) “Reflexões sobre as qualidades de um bom glossário técnico: limites e limitações”, em que a autora analisa alguns aspectos da construção de um bom glossário.

Construir um glossário de boa qualidade demanda uma série de ações. A montagem de um *corpus*, a pesquisa e a delimitação deste, a definição de objetivos, público-alvo entre outras. No caso do objeto de pesquisa escolhido, cada etapa pode revelar dificuldades, limites e indefinições. Como definir o significado e quais componentes básicos constroem o verbete, como observar suas restrições colocacionais e os princípios da coesão e coerência, como definir a quantidade de vocábulos e a adequação ao público-alvo são algumas das perguntas que perseguem o terminólogo em sua tarefa.

A partir do artigo de Perrotti-Garcia (2004), veremos uma forma de organização de um glossário estruturado e eficiente. Para ela, um glossário não é apenas uma coleção de palavras: “um glossário técnico organizado e estruturado de modo lógico e coerente aumenta a velocidade de acesso ao conteúdo e permite a inserção de novas informações, sempre que necessário” (2004, p. 68) e passa a ser um guia para quem o utiliza. É o que se quer com este trabalho – que o glossário seja uma referência da universidade e para ela, no que concerne à compreensão de sua identidade em língua inglesa, sua atitude perante o mundo e sua memória institucional. Por isso, o planejamento para a construção do glossário começa a partir da construção de cada verbete.

A cada reflexão da autora, surge uma característica para compor o verbete de nosso glossário bilíngue de termos universitários, não esquecendo do que estabelece Barros (2004): a “produção de toda obra terminográfica deve obedecer a um plano de trabalho previamente traçado” (p. 189). Ou seja, cada trabalho deveria ser pensado como único. Assim, temos reflexões que “procuram ser abrangentes e universais” (PERROTTI-GARCIA, 2004, p. 68) e que colaboram com a produção de um trabalho único.

Iniciamos, então, com a composição básica dos verbetes. Cada verbete padrão “deveria conter, no mínimo, o vocábulo e sua tradução (glossários bilíngues, L1-L2 vice-versa apenas)” (2004, p. 69). Porém, para serem mais completos, seu autor poderia incluir um componente muito importante: “exemplos respeitantes a um vocábulo” (PERROTTI-GARCIA, 2004, p. 70). Eles são necessários, pois ilustram seu uso, apresentando o leitor “paulatinamente ao *corpus*, podendo assimilar o uso prático do termo, suas relações sintáticas e mórficas” (2004,

p. 70). O material autêntico retirado do *corpus* facilita a compreensão e a exposição à realidade e ao contexto dos termos usados. É necessário, também, segundo a autora, que seja fornecido o maior número possível de informações sobre o termo estudado. Nos verbetes do nosso glossário encontraremos, pois, a característica padrão, isto é, o verbete e sua tradução, complementada por exemplos retirados do *corpus*, do texto autêntico, do contexto do qual faz parte. É importante que os textos venham de fontes fidedignas, confiáveis e, em nosso caso, a fonte é o *site* das próprias universidades e não haveria outro meio mais confiável que pudesse ser captado a distância e armazenado com rapidez. Além disso, pode ser atualizado sem maiores problemas. Como vimos na seção anterior sobre a macroestrutura, o contexto é a fonte de descoberta do uso e, portanto, da descoberta da tradução, ou melhor, do equivalente mais adequado para cada termo. Os exemplos recolhidos dos textos em inglês quando alinhados a seus pares em português podem facilitar o entendimento à medida que aproximam os dois universos, a princípio, distantes, mas próximos em suas estruturas e propósitos comunicacionais. Como no exemplo a seguir:

<p>Faculdade de Educação</p>	<p>A Faculdade de Educação da UERJ e seus cursos são, hoje, o resultado de uma já bem longa trajetória (...) de uma unidade de ensino, dentre os quais se encontravam os cursos de Pedagogia e Didática.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.educacao.uerj.br/">http://www.educacao.uerj.br/</a></p>	<p>Faculty of Education</p>	<p>The University of Cambridge Faculty of Education is the oldest and one of the most prestigious Education departments in the UK. Our undergraduate and postgraduate courses have all received the highest national ratings.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.educ.cam.ac.uk/">http://www.educ.cam.ac.uk/</a></p>
------------------------------	--	-----------------------------	---

Uma outra característica apontada por Perrotti-Garcia, usada “quando o autor quer imprimir um caráter enciclopédico ao glossário” (2004, p. 70), é a definição dos vocábulos, ou seja, seu significado proposicional. Afinal, segundo ela, o leitor espera que “forneçamos a ele todas as informações necessárias sobre um determinado vocábulo” (p. 70). Nesse trecho, Perrotti-Garcia não deixa claro se devemos utilizar as definições encontradas no contexto real da língua ou se, onde estas não existirem, o terminólogo deveria criar uma definição de próprio punho.

Em nosso trabalho, decidimos enfatizar os exemplos, como dissemos acima, por conta do valor real que ele remete ao que está sendo definido naquele momento. Desse modo, o texto real e autêntico pode não revelar imediatamente o significado proposicional, ou seja,

pode não definir o termo diretamente, mas o localiza na situação comunicacional real. Pois, se utilizássemos uma definição engendrada apenas para o glossário e que não fizesse parte do contexto universitário real, subverteríamos o objetivo do trabalho. Outra razão para utilizar o exemplo reside no fato de que nem todos os termos encontram seus equivalentes com a facilidade do exemplo anterior. De fato, como aponta Viviane Ferini (2006), “em muitos casos, não existe uma correspondência exata de sentidos entre termos de duas línguas”, ou seja, é mais difícil encontrar um equivalente perfeito de uma língua para outra. A autora afirma que este fenômeno é mais pronunciado nas línguas de especialidade – nosso caso aqui-, onde vemos mais refletidas as diferenças de visões de mundo advindas do modo como cada idioma organiza suas ideias.

Para lidar com o problema da nãoequivalência Viviane Ferini, baseada em Dyberg e Tournay (2006, p. 52-53), estabelece que há três níveis de equivalência: o total (quando duas unidades lexicais nas duas línguas “possuem a mesma estrutura semântica, isto é, quando elas são isomorfas”); o parcial (“quando não há concordância perfeita entre duas unidades lexicais, isto é, há um anisomorfismo parcial” entre as unidades) e o nível zero (onde não há na língua de chegada, “nem equivalentes perfeitos, nem equivalentes parciais”).

No exemplo anterior de nosso glossário foi possível conferir um caso de equivalência total: Faculdade de Educação tem como equivalente *Faculty of Education*.

Os outros níveis de equivalência também foram encontrados ao longo do trabalho. Como exemplo de equivalência parcial temos o dos Centros Setoriais. A UERJ possui quatro Centros Setoriais que reúnem as Unidades Acadêmicas (Faculdades, Institutos e Escola), de acordo com a área do conhecimento. Pois em Oxford, essa divisão também existe, é conhecida como *Academic Divisions* e reúne também unidades acadêmicas (*Faculties, Institutes, Schools e Centres*).<sup>5</sup> A forma do equivalente não é exatamente a mesma, apesar de ser composto por duas palavras:

---

<sup>5</sup> são quatro divisões – Humanidades; Ciências Físicas, Matemáticas e da Vida; Ciências Médicas; e Ciências Sociais

Centros Setoriais	<p>A Estrutura Acadêmica da UERJ compreende quatro Centros Setoriais. Destinam-se a coordenar unidades afins, a promover articulação entre os ciclos e os cursos e a integração de ensino, pesquisa e extensão. Esses centros são constituídos de unidades acadêmicas que podem ser faculdades ou institutos.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003">http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003</a></p>	Academic Divisions	<p>There are four academic divisions – Humanities; Mathematical, Physical &amp; Life Sciences; Medical Sciences; and Social Sciences.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford_glossary/">http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford_glossary/</a></p>
-------------------	---	--------------------	---

Também houve casos de equivalência zero. Não havia correspondente para a Faculdade de Comunicação Social, por exemplo. No nível hierárquico das unidades acadêmicas, não há nenhuma unidade de nossas universidades britânicas que se dedique ao ensino das Relações Públicas ou do Jornalismo. Neste caso, sem equivalente disponível, restará ao terminólogo a criação de um termo a partir de outros termos já existentes na língua de chegada. Veja o exemplo:

Termo	Exemplo	Term	Observações
Faculdade de Comunicação Social	<p>A Faculdade de Comunicação Social da UERJ (FCS) completou 20 anos em 2006 (...) Oferece os cursos de graduação em Jornalismo e Relações Públicas, mestrado em Comunicação Social.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.fcs.uerj.br/">http://www.fcs.uerj.br/</a></p>	Faculty of Communications	<p>Nas universidades que compõem esse <i>corpus</i> não encontramos uma unidade acadêmica que ofereça cursos de jornalismo ou relações públicas, apesar de serem atividades realizadas pela Imperial College, por exemplo na sua Communications Division. Base para a construção do equivalente.</p> <p>The Communications Division plays a key role in ensuring that the College's Mission and Intents are known and understood by its stakeholders, and helps the College to understand and influence the thinking of its stakeholders.</p> <p>Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/communications">http://www3.imperial.ac.uk/communications</a></p>

Ao descrever os níveis de equivalência, é interessante pontuar a visão de Anthony Pym (2010) sobre o assunto. Segundo ele, “a equivalência não afirma que as línguas são iguais,

apenas diz que os valores podem ser os mesmos” (PYM, 2010, p. 6), apontando que equivalência, portanto, significa valor igual. Pym define, assim, o conceito de “equivalência natural”, explicando que a tradução terá

o mesmo valor que (alguns aspectos) do texto-fonte correspondente. Às vezes, o valor está no nível da forma (duas palavras traduzidas por duas palavras); outras vezes é a referência (Sexta-Feira é sempre o dia antes de sábado); outras é a função (a função “bad luck on 13” corresponde a sexta-feira em inglês, a terça em espanhol) (2010, p. 7-8).

O importante para o autor é que “dois termos são equivalentes porque se considera que eles ativem a mesma função cultural” (2010, p. 8). O equivalente selecionado deve ser aquele cuja função é a função dominante no texto-fonte.

Portanto, para Pym, sendo equivalência total, parcial ou zero, o importante é que o termo na língua de chegada aponte para a função que o mesmo desempenha na língua de chegada, ou seja, para o seu propósito comunicacional. No caminho que trilhamos junto com Perrotti-Garcia, observaremos adiante nesta seção que este propósito aparece ao lidarmos com os diferentes tipos de significado.

Destarte, voltaremos a seguir com o mapa de Perrotti-Garcia, quando a autora se refere a uma característica importante dos glossários: a adequação ao público-alvo. Pensando apenas na face do verbete, Perrotti-Garcia afirma que nem sempre a explicação e os exemplos são suficientes para guiar o leitor. Pode-se lançar mão, diz, da linguagem nãoverbal para melhor esclarecer certos termos ou expressões. Assim, ilustrações esquemáticas, fotografias, gráficos e tabelas, animações, filmes, entre outros, podem facilitar o entendimento do leitor não muito familiarizado com uma das línguas de referência de um glossário bilíngue. Em nosso glossário, não vimos necessidade de utilizá-los nos verbetes, pois os termos se referem a cargos e a estrutura organizacional apenas. O recurso visual que utilizamos é tão somente o organograma da UERJ que nos serve de mapa conceitual e facilita a compreensão da estrutura organizacional. Ainda assim, o público-alvo, em nossa opinião, deve ser uma das maiores preocupações do terminólogo, pois sem ele, não há razão para a existência do trabalho. Adaptar-se a ele, portanto, ainda que sem utilizar-se de recursos visuais, é tarefa imprescindível. Dessa maneira, nossa escolha foi adequar o glossário ao público-alvo, adequando-se seu conteúdo de acordo com o usuário, suas necessidades de comunicação, seu nível de compreensão da linguagem e dos jargões do domínio em que se está trabalhando, em nosso caso, do mundo universitário, seus cargos, suas funções e órgãos administrativos. Definimos nosso público-alvo principal como o tradutor que será responsável pelos textos em língua inglesa sobre a UERJ, sem esquecer de outro público usuário importante: os pesquisadores da universidade que necessitam representá-la ao divulgarem seus trabalhos fora

do país ou quando receberem seus pares em nossa instituição. Para atendê-los, o glossário não pode deixar de adaptar-se a suas necessidades de vocabulário específico em suas funções na UERJ.

Caso seja necessário, segundo Perrotti-Garcia (2004), informa-se também, a classe gramatical do verbete. Como nosso estudo prevê o uso do glossário pelo tradutor que produzirá textos sobre a universidade em língua inglesa, a classe gramatical pode ajudá-lo no entendimento do contexto daquele termo e de quais palavras podem acompanhá-lo no texto. Ao longo deste trabalho, como lidamos com nomes que definem órgãos e cargos, não é necessário identificar cada um deles, já que todos pertencem à classe gramatical dos substantivos, sendo todos utilizados no singular, porém alguns no feminino, como a Faculdade de Educação e outros no masculino, como o Instituto de Letras.

Outro recurso não muito utilizado, mas que pode facilitar a aplicação do termo em situações de comunicação oral, segundo Perrotti-Garcia (2004), é a transcrição fonética. Para nosso público-alvo principal, o tradutor, não há a necessidade de oferecer-lhe a pronúncia. Ainda que fosse o caso de apresentar-se oralmente, como observamos, o conhecimento do tradutor sobre a língua inglesa deve ser suficiente para tal tarefa.

Dada sua importância para a construção do significado e do uso adequado dos termos, o conjunto de características apresentadas deve constar do planejamento de um glossário e colaborar com o estabelecimento dos aspectos constantes de cada verbete. Até agora vimos que o verbete do glossário contém a entrada (termo em português), exemplo retirado do contexto real de uso, sua tradução (seu equivalente em língua inglesa), acompanhado de definição ou exemplo de uso real retirado dos *sites* das universidades de língua inglesa.

Por outro lado, o significado é fundamental na decifração do verbete. Apesar de Perrotti-Garcia não especificar em seu artigo qual a importância do significado para a qualidade do glossário, ela utiliza como parâmetro os quatro tipos de significado, segundo Mona Baker (1991), o que pode significar tratar-se de uma estratégia para trabalhar o problema da nãoequivalência.

O primeiro é o **significado proposicional**, segundo Perrotti-Garcia (2004, p. 71), a “explicação”, a denominada tradução intralingual do verbete. Ele exprime

a relação entre a palavra ou elocução e a queela se refere ou descreve em um mundo real ou imaginário, como concebido pelos falantes de uma linguagem em particular a qual a palavra ou elocução pertence (BAKER, 1992, p. 13).

Esse tipo de significado, para Baker, também é a explicação da palavra e onde podemos ver sendo utilizado o conceito de “incorreto” para a palavra correspondente na

língua-alvo. Com esse conceito, o leitor pode tomar como incorreto, por exemplo, se o tradutor optar por traduzir *apple* por *laranja* e não *maçã*. Destaco que Perroti-Garcia se prende à parte em que esse significado traz a explicação do verbete. Em nosso trabalho, por exemplo, a explicação vem do contexto real de uso da língua e deve fazer parte do verbete do Glossário, da forma como já explicamos nesta seção, e como se apresenta neste outro exemplo:

Reitor (a)	Planeja as atividades da UERJ nas áreas da sua competência (representar, coordenar, supervisionar e administrar o patrimônio e os interesses da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), com a aprovação do Conselho Universitário e do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão.  Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php">http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php</a>	Rector	The principal academic and administrative officer of the College is the Rector who has a general responsibility to the Council for maintaining and promoting the efficiency and good order of the College.  Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/governance/charterandstatutes/d2">http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/governance/charterandstatutes/d2</a>
------------	--	--------	---

É essencial que essa explicação não seja inventada, pelos motivos já alegados, mas parta do texto real.

O **significado expressivo** está relacionado mais aos sentimentos e atitudes do falante que às explicações sobre as palavras. É onde o falante coloca sua expressividade. Baker (1992) informa que duas palavras ou elocuições podem ter o mesmo significado proposicional e divergir em seus significados expressivos. É esse tipo de significado que demonstra o tom da elocução. Tanto que as palavras que detêm somente o significado expressivo podem ser removidas de uma sentença sem afetar seu conteúdo informativo, mas afetará, com certeza, a força dessa elocução. A autora utiliza como exemplo, as palavras em língua inglesa: *cruel* and *unkind* (*cruel* e *rude*). As duas remetem a uma insatisfação sobre uma atitude de alguém. Todavia, a desaprovação apontada por *cruel* tem uma conotação mais forte que *unkind*.

Em nosso glossário, não se aplica o conceito de Baker de **significado expressivo**, relativo a sentimentos ou atitudes negativas do falante. Como apresentaremos cargos, unidades e outras nomenclaturas relativas à universidade, não há a possibilidade de ocorrência de algum vocábulo que possa ser utilizado com conotação negativa ou que possa imprimir

alguma mudança no tom do discurso. Assim, não há motivo para explorá-lo mais profundamente.

Mais adiante, quando Baker fala do **significado pressuposto**, aponta que este “surge de restrições de coocorrência: palavras ou expressões que temos a expectativa de ver antes ou depois de uma unidade lexical em particular” (BAKER, 1992, p. 14). Essas restrições têm dois tipos reconhecidos: **as restrições seletivas** e **as colocacionais**. A primeira é uma “função do significado proposicional da palavra”. Como exemplo, podemos citar que esperamos “um sujeito humano para o adjetivo estudioso e um inanimado para geométrico” (1992, p. 14). E essas restrições somente são violadas quando tratamos de linguagem figurativa. Já as **restrições colocacionais** são “semanticamente arbitrárias que não seguem logicamente o significado proposicional de uma palavra” (p. 14). Elas tendem a mostrar mais variações entre as línguas do que as seletivas. Portanto, demandariam maior atenção do tradutor, pois nem sempre são claros. Como exemplo, a autora traz a elocução escovar os dentes: em inglês, eles são escovados, em polonês são lavados e em russo, são limpos.

Perrotti-Garcia afirma, ainda, a importância de “esclarecer o futuro leitor quanto a essas exigências colocacionais de ambas as línguas (que ele, autor, certamente terá que dominar muito bem!)” (2004, p. 72). No caso do glossário de termos institucionais universitários, além do conhecimento das línguas em jogo, é necessário que o autor tenha bom conhecimento do meio universitário e da sua organização. Acreditamos que a nossa experiência com o assunto deste trabalho possa colaborar nesse sentido.

Para que levemos ao leitor os termos em suas colocações mais adequadas, acreditamos que os exemplos cumpram boa parte deste papel, ao apresentar o texto autêntico e, com ele, as colocações mais prováveis. E colabora também quando o equivalente é parcial já que, por meio do propósito comunicativo, chegamos ao equivalente e sua colocação adequada na língua inglesa, como em *School of Dentistry*:

Faculdade de Odontologia	A Faculdade de Odontologia possui cursos de graduação, especialização, mestrado, doutorado e cursos de formação técnica. Fonte: <a href="http://www.odontologia.uerj.br/site/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=4&amp;Itemid=47">http://www.odontologia.uerj.br/site/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=4&amp;Itemid=47</a>	School of Dentistry	The School of Dentistry is consistently rated as one of the best in the UK. Situated on a bustling university campus it has a community focused on world-class developments in oral healthcare, research and education. Fonte: <a href="http://www.dentistry.manchester.ac.uk/aboutus/">http://www.dentistry.manchester.ac.uk/aboutus/</a>
--------------------------	---	---------------------	--

Seguindo ainda no caminho dos significados de Baker, o **significado evocado** surge das variações dialetais e de registro. E são divididos da forma apresentada a seguir.

O **dialetal** “é uma variedade da língua corrente dentro de uma comunidade específica ou grupo de falantes” (2004, p.15) e encontra a seguinte classificação: pode ser **geográfico**, como o dialeto da Escócia ou as diferenças entre o inglês britânico e americano; pode ser **temporal**, como as diferentes gerações ou diferentes períodos da história; e o dialeto das várias classes sociais.

O **de registro** é a variedade considerada apropriada a uma situação específica. As variações dependem do campo do discurso, ou seja, as escolhas dependem de que tipo de ação, além da fala: um discurso político demanda escolhas diferentes de uma discussão sobre política entre amigos. Dependem também das relações de poder, o que pode ser difícil para o tradutor identificar no texto a ser traduzido. E não se pode deixar de incluir o modo, ou seja, o papel da língua e o meio de transmissão da mensagem. O tradutor precisa inferir se fala de um discurso ou ensaio (papel) e se o discurso é falado ou escrito (meio).

Quando falamos desse tipo de significado em sua variação de registro, podemos comentar que o registro universitário é, geralmente, formal. Dessa forma, caso algum verbete venha a invocar o registro informal, nosso glossário poderia destacá-lo. Por outro lado, a discussão sobre a variação dialetal geográfica pode nos ser muito interessante.

Nessa questão, um bom tradutor sabe que existem variações entre o inglês falado no Reino Unido e aquele utilizado pelos norte-americanos. Ao construirmos o *corpus* houve a necessidade de fazer o recorte mais próximo da realidade da UERJ em suas relações internacionais. Ao localizar, por exemplo, os lugares onde a universidade possui a maioria de seus convênios, a Europa recebe o número maior de relacionamentos com a universidade. Assim, parece-nos que a variação dialetal geográfica britânica deve ser a variante mais próxima da UERJ. Justificamos o uso, portanto, da variação dialetal geográfica britânica por nos permitir estar mais próximo dos países europeus – os que mais possuem convênios com nossa universidade. Para além das relações, também podemos acrescentar que a escolha pelo vocabulário britânico e por um termo único em língua inglesa para cada termo, torna este glossário um referencial único e institucional para a UERJ.

Outrossim, vale uma nota sobre o termo *reitor*, correspondente à autoridade máxima administrativa da universidade, poderia suscitar as primeiras preocupações do terminólogo. As universidades americanas tendem a ter em sua estrutura um *president*, enquanto as universidades britânicas tendem a ser dirigidas por um *vice-chancellor*. A proximidade europeia em nossos acordos internacionais poderia levar o terminólogo a escolher

simplesmente *vice-chancellor* como equivalente de *reitor*. Porém, ao definir o *corpus* das cinco maiores universidades britânicas, a pesquisa nos levou a outro caminho. Verificamos que uma das universidades de nosso *corpus*, a *Imperial College London*, utiliza o termo *rector* se referindo às mesmas funções de nosso reitor na UERJ. Em seguida, observamos que a condição de universidade é recente para a instituição, que passou a ser considerada universidade somente em 2007. A data nos faz crer que o termo é bem atual, mais próximo do termo em português e da realidade da UERJ. É o termo *rector*, então, que compõe nosso glossário para referir-se a “reitor” na língua inglesa.

Logo, com as características apontadas pela autora, parece-nos que a intenção de Perrotti-Garcia seria demonstrar como ao decifrar esses significados – **significado proposicional, significado expressivo, significado pressuposto e significado evocado** – podemos seguir o caminho da descoberta do equivalente mais adequado para cada termo. Não devemos esquecer que o glossário deve ser adaptado à estrutura do domínio do conhecimento, o uso e o público-alvo e ser um conjunto de termos coeso e coerente, pois cada trabalho como este é único e demanda planejamento e conhecimento profundo do assunto a ser pesquisado.

Ao final, utilizando como modelo as reflexões comentadas, apresentamos a microestrutura do glossário representada no verbete:

Termos	Exemplo	Terms	Observações
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	A história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro começa em 1950, com a fundação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/">http://www.uerj.br/institucional/</a>	Rio de Janeiro State University	Professor Paul Longley gave the Annual Miller Lecture at Penn State University on 24 April. His title was: 'Some Developments in the Specification, Estimation and Testing of Geodemographic Models'. Fonte: <a href="http://www.geog.ucl.ac.uk/about-the-department/news/news-archive-2009/may-2009/paul-longley-gives-miller-lecture-at-penn-state-university">http://www.geog.ucl.ac.uk/about-the-department/news/news-archive-2009/may-2009/paul-longley-gives-miller-lecture-at-penn-state-university</a>  O termo foi criado baseando-se em trecho publicado no <i>site</i> da UCL sobre palestra de um professor em outra instituição que, diferente das de nosso <i>corpus</i> , possui uma relação com o Estado.

Como vimos, cada tipo de significado pode dizer um pouco sobre cada termo do qual tenhamos que estabelecer um equivalente na língua-alvo. Reconhecendo esses significados pode valer ao tradutor reconhecer termos equivalentes e determinar qual desses será utilizado no glossário.

Portanto, afirma Perrotti-Garcia, chegamos à “parte mais delicada da confecção de um glossário: a delimitação do campo semântico e o estabelecimento de um *corpus* que tenha coesão e coerência” (2004, p. 73). Para este último, a autora nos chama a atenção à escolha dos termos que irão compor o glossário para que, “além de significativos e representativos, sejam coesos e coerentes. É fundamental que haja uma razão de ser para que os termos selecionados estejam ali, lado a lado, e não em um outro lugar” (p. 73).

Para um glossário de termos institucionais relativos à Universidade, é preciso definir que vocábulos serão selecionados e quais os que ficarão de fora nesta coletânea de palavras e expressões que devam definir estruturas universitárias, cargos, unidades administrativas e acadêmicas e seus respectivos agentes. O mapa conceitual a seguir para tal definição, como já foi dito, é o organograma da universidade, contendo essas estruturas. No planejamento, definiu-se ainda que, sendo este um trabalho longo, tratará das estruturas de primeiro escalão e seus cargos, das Unidades Administrativas Centrais e suas Unidades Acadêmicas. Assim, as escolhas dos termos que farão parte do glossário devem fazer pleno sentido para aqueles que o utilizarão, bem como fazerem sentido como conjunto de peças que se encaixam umas às outras. Coesos e coerentes, os termos se tornarão parte da referência para o tradutor responsável pelos textos em língua inglesa sobre a universidade, bem como para os pesquisadores em suas tarefas acadêmicas nessa língua estrangeira.

O glossário deve auxiliar o encontro, em um só lugar, dos termos da universidade em língua inglesa, com sua definição. Os critérios de inclusão e exclusão estão definidos. Incluídos serão os termos que fazem parte do organograma e, portanto, são parte de tudo o que compõe a rotina da vida acadêmica e administrativa na UERJ. A exclusão é definida para qualquer peça que não faça parte do quebra-cabeças universitário nesses níveis hierárquicos.

Mapa definido, outra estratégia fundamental para que o conteúdo do glossário seja coeso e coerente é a definição do campo semântico. Perrotti-Garcia lembra a conceituação de Baker. Segundo ela, o **campo semântico** comporta “divisões e subdivisões ‘impostos’ por uma dada comunidade linguística no *continuum* de uma experiência” (1992, p. 18). Esses campos, acrescenta a autora, são conceitos abstratos e não fixos, por meio dos quais o tradutor define o tipo de texto com o qual está trabalhando. Para compreender melhor o conceito, utilizamos a explicação de Beatriz Gil da Universidade de São Paulo (2002). Ela afirma que

o campo semântico é uma seção do vocabulário na qual determinada face da experiência humana está organizada por meio de um número de vocábulos, sendo que cada um contribui para a delimitação do outro. Portanto, cada esfera da experiência organizada do homem resulta em um campo. Cada um deles organiza as ideias e o pensamento... (p. 2).

Apesar de observar que o campo semântico é mais facilmente reconhecido quando as palavras ou expressões têm um significado proposicional bem definido, Baker aponta que o conceito pode ser útil quando o tradutor se depara com o problema da não-equivalência. “Os campos semânticos estão dispostos hierarquicamente, dos mais genéricos para os mais específicos” (BAKER, 1992, p. 20). Eles “não são fixos, encontram-se em constante evolução, com a constante introdução e eliminação de termos” (1992, p. 20).

Estudá-los – os campos semânticos – significa, segundo Barros, estudar a polissemia da palavra e todos os seus prováveis sentidos para delimitar aquele a ser usado no trabalho.

Ao delimitar o campo semântico onde atuará o nosso glossário – lembrando que tal campo faz parte de uma divisão ou subdivisão imposta por nossa comunidade linguística – é imprescindível definir a qual divisão pertencem os termos que compõem o glossário de termos institucionais universitários. Para todas as atividades condizentes com este trabalho, o campo semântico reúne a nomenclatura acadêmica e administrativa universitária, com seus cargos, departamentos e unidades. O foco terminológico deve estar centrado nos significados das palavras mais próximas dessa realidade para que os equívocos sejam reduzidos. Para completar, o tradutor não encontra o termo isolado. Geralmente, o termo expressa os diferentes tipos de significado. Caberá ao terminólogo se ocupar também do contexto para chegar ao termo adequado na língua-alvo. Na dissertação de Viviane Ferini (2006), quando discute a problemática dos equivalentes nos dicionários bilíngues, ela aponta, com o apoio de Alpizar-Castillo, que “muitos termos encontrados nos dicionários e glossários podem ser considerados tudo, menos equivalentes. São termos artificiais que só existem nessas obras” (p. 59). Ela acrescenta que se deve desconfiar “da exatidão das obras bilíngues que apresentam apenas os equivalentes, sem definições ou contextos que atestem a sua existência” (FERINI, 2006, p. 59). Em sua discussão, Cabré também confirma que listar palavras hipoteticamente em uma obra terminológica não merece todo o crédito. A autora explica que “é importante o registro de definições ou ilustrações no dicionário bilíngue ou plurilíngue” (2006, p. 60). Ainda mais, argumenta Ferini, quando o dicionário – como em nosso caso – “pretende ser uma ferramenta útil ao tradutor que não detém o conhecimento dos termos especializados na língua de chegada, torna-se importante o registro de enunciados, sequências discursivas que atestem o real uso dos equivalentes” (2006, p. 60-61). Como já observamos anteriormente neste capítulo, não há possibilidade de se pinçar um termo qualquer e sua tradução, seu

equivalente, sem que sua função comunicativa esteja devidamente explicitada por um exemplo real que revele as marcas do uso do termo naquele universo. Afinal, sem o contexto, é possível dizer que o termo pode nem existir.

E discutir o significado nos lembra a importância do sentido em relação ao significado. Para estabelecer o sentido, mobilizamos saberes diversos, interpretamos de acordo com nossas vivências e visão de mundo. “Fora do contexto, não podemos falar realmente de sentido de um enunciado, mas, na melhor das hipóteses, de coerções para que um sentido seja atribuído a uma sequência verbal” (MAINGUENEAU, 2002, p. 20). Assim, convocar um significado de tal termo pode não lhe dar o sentido que ele tem no âmbito estudado e, para que isso não aconteça, vimos a importância dos exemplos para tornar o leitor/usuário mais próximo do *corpus* do qual foi retirado.

Para privilegiar o contexto na produção do glossário, é preciso que o *corpus* estabelecido para a pesquisa seja confiável e dê o suporte necessário de acordo com o campo semântico escolhido. Um *corpus* “consiste no “conjunto de enunciados escritos ou orais relativos ao domínio estudado e que são utilizados em um trabalho terminológico” (BOUSTIEN-QUESNEL apud BARROS, 2004, p. 202). Levando em consideração a qualidade e a confiabilidade que o corpus deve ter e o assunto trabalhado, decidimos utilizar *sites* na *internet* como corpus. Isso se deve ao fato de que, com o surgimento e o uso constante da rede, as universidades colocam em seus *sites* todo o tipo de informação, desde a divulgação de eventos, notícias publicadas pela imprensa e sua estrutura administrativa e acadêmica, assim como sua legislação interna.

Concentramos os esforços nas cinco universidades do Reino Unido já citadas neste trabalho. Em complemento a eles utilizamos também os glossários de outras universidades já preocupadas em disponibilizar em seus *sites* as informações para que seus novos alunos compreendam sua estrutura ou, simplesmente, se familiarizem com os termos que encontrarão em seus primeiros passos universitários.

Com o *corpus* definido, outra escolha que deve realizar o pesquisador de um glossário é a quantidade de vocábulos que deve comportar. Perrotti-Garcia diz que não devemos nos preocupar com “quantidade (que será consequência natural de um trabalho árduo e de pesquisas constantes). O importante é alcançar a qualidade máxima de cada verbete” (2004, 74). O aumento do número de verbetes, segundo ela, deve corresponder a uma pesquisa séria de ampliação do *corpus* “«de fora para dentro», por adição de novos elementos e não «de dentro para fora», multiplicando a aparição de verbetes já inseridos antes”. Qualidade antes de quantidade? Não se trata disso, trata-se de não repetir termos para que o glossário pareça

grande, mas de utilizar a pesquisa como base para colocar as mais usadas naquela área de estudo. Afinal, de que nos serviria um glossário se não encontramos as palavras que procuramos? Em nosso trabalho, por exemplo, são cerca de setenta verbetes representando a estrutura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desde seus Conselhos e Reitoria, Diretorias Administrativas até suas Unidades Acadêmicas. Esta é a estrutura principal da Universidade e, possivelmente, auxiliará o usuário, em nosso caso, o tradutor, na confecção dos textos sobre a UERJ na língua inglesa.

Com o que vimos até agora, contamos que os exemplos facilitem o entendimento do leitor ao colocá-lo mais próximo do *corpus* e do uso que se faz daquele termo na língua, dentro daquele campo semântico, e como parte do uso real, tornar mais fácil a busca do equivalente, além de justificá-lo como real integrante daquele contexto, desempenhando suas funções comunicacionais específicas.

A partir de agora, passaremos à apresentação do glossário de termos institucionais bilíngues da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de acordo com todos os pressupostos apresentados até agora e a pesquisa realizada nos *sites* já mencionados.

#### 4. GLOSSÁRIO

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	<p>A história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro começa em 1950, com a fundação da Universidade do Distrito Federal (UDF).</p> <p>Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/">http://www.uerj.br/institucional/</a></p>	Rio de Janeiro State University		<p>Professor Paul Longley gave the Annual Miller Lecture at Penn State University on 24 April. His title was: 'Some Developments in the Specification, Estimation and Testing of Geodemographic Models'.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.geog.ucl.ac.uk/about-the-department/news/news-archive-2009/may-2009/paul-longley-gives-miller-lecture-at-penn-state-university">http://www.geog.ucl.ac.uk/about-the-department/news/news-archive-2009/may-2009/paul-longley-gives-miller-lecture-at-penn-state-university</a></p> <p>O termo foi criado baseando-se em trecho publicado no <i>site</i> da UCL sobre palestra de um professor em outra instituição que, diferente das de nosso <i>corpus</i>, possui uma relação com o Estado</p>

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	
Chanceler	<p>§2º - Ao Governador, no exercício da função de Chanceler, compete:</p> <p>a) presidir à Assembleia Universitária e aos atos ou solenidades da UERJ, a que comparecer;</p> <p>b) propor aos órgãos superiores da UERJ, por intermédio do Reitor, iniciativas que contribuam para a expansão e o desenvolvimento da Universidade. (Estatuto da UERJ, 1989, p. 5)</p>	Chancellor	<p>In the UK university system, the office of Chancellor is held by a distinguished individual, from academia or public life, who is not usually resident and does not hold any other University office. (...) Chancellor also presides at major ceremonies - the best-known being the annual ceremony for the conferment of Honorary Degrees.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.admin.cam.ac.uk/offices/v-c/chancellor.html">http://www.admin.cam.ac.uk/offices/v-c/chancellor.html</a></p>	

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CONSELHOS SUPERIORES	Conselho Universitário	<p>O Conselho Universitário é a instância suprema da UERJ como órgão normativo, deliberativo e consultivo. Competências: aprovar o orçamento da UERJ e acordos que importem em ônus financeiro; aprovar normas gerais sobre a organização administrativa da UERJ; etc.;</p> <p>Fonte: <a href="http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003">http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003</a></p>	The Council	<p>As UCL's governing body, the Council oversees the management and administration of UCL and the conduct of its affairs, subject to the advice of the Academic Board on matters of academic policy. Council approves UCL's mission and strategic vision and its long-term academic and business plans.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ucl.ac.uk/academic-services/governance">http://www.ucl.ac.uk/academic-services/governance</a></p>	
	Conselho de Curadores	<p>O Conselho de Curadores é responsável pela fiscalização financeira e patrimonial e pelo acompanhamento da execução orçamentária da UERJ.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/colegiados.php">http://www.uerj.br/institucional/colegiados.php</a></p>	The Board of Scrutiny	<p>Board of Scrutiny A 'watch dog' body consisting of two Proctors, the two Pro-Proctors, and eight elected members from the Regent House. Its function is to act on behalf of the Regent House by scrutinising the accounts of the University, the Annual Report of the Council and the General Board and the University budget.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.cam.ac.uk/univ/works/appendix1.html">http://www.cam.ac.uk/univ/works/appendix1.html</a></p>	

		UERJ	English Version		Observações
		Termos	Exemplo	Terms	
CONSELHOS SUPERIORES	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão	Órgão central de supervisão e coordenação do ensino e da pesquisa na UERJ, com atribuições deliberativas no âmbito de sua competência. As decisões normativas do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão são formalizadas em Deliberações, promulgadas pelo Reitor. Fonte: <a href="http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003">http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003</a>	Academic Board	The duties of the Academic Board shall be: to consider and advise the Council upon all academic matters and questions affecting the educational policy of the College, the organisation of teaching, examining, research, and courses of instruction. Fonte: <a href="http://www.ucl.ac.uk/academic-services/governance/ab">http://www.ucl.ac.uk/academic-services/governance/ab</a>	
	Secretaria dos Conselhos	A Secretaria dos Conselhos (Secon) é o órgão de apoio ao Conselho de Curadores, ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Csepe), ao Conselho Universitário (Consun) e ao Fórum de Diretores de Unidades. (...) A Secon é responsável também pela organização das eleições dos representantes do Csepe e do Consun. Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/colegiados.php">http://www.uerj.br/institucional/colegiados.php</a>	Council Secretary		Houve uma adaptação aqui, pois nossa Secretaria pertence aos Conselhos e não à Universidade como um todo.  The College Secretary and Clerk to the Court and Council has three distinct roles: a. As Clerk, he is responsible for Internal Audit and for servicing the Court and Council and their associated Committees. (...) Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/secretariat">http://www3.imperial.ac.uk/secretariat</a>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS	Reitoria	<p>A Reitoria representa, coordena, supervisiona e administra o patrimônio e os interesses da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php">http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php</a></p>	Rectorate		<p>New Pro Rectors and Dean of Students Professor Mary Ritter, Pro Rector for International Affairs, has been joined in the Pro <b>Rectorate</b> by two new Pro Rectors: Professor Julia Buckingham (Medicine) from October as Pro Rector for Education, and from November by Professor Nagy Habib (Medicine) as Pro-Rector for Commercial Affairs. Fonte:  <a href="http://www3.imperial.ac.uk/pls/portallive/docs/1/31139696.PDF">http://www3.imperial.ac.uk/pls/portallive/docs/1/31139696.PDF</a></p>
	Reitor (a)	<p>Planeja as atividades da UERJ nas áreas da sua competência (representar, coordenar, supervisionar e administrar o patrimônio e os interesses da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), com a aprovação do Conselho Universitário e do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php">http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php</a></p>	Rector	<p>The principal academic and administrative officer of the College is the Rector who has a general responsibility to the Council for maintaining and promoting the efficiency and good order of the College.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/governance/charterandstatutes/d2">http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/governance/charterandstatutes/d2</a></p>	

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS	Vice-Reitor(a)	<p>Representa, coordena supervisiona e administra o patrimônio e os interesses da Universidade em conjunto ou em substituição à Reitoria.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php">http://www.uerj.br/institucional/reitoria.php</a></p>	Deputy Rector	<p>Sir Richard Sykes, Rector of Imperial College London, praised Sir Leszek's leadership at the College, "Sir Leszek has made outstanding contributions to the College as Principal of the Faculty of Medicine and Deputy Rector. His talents and leadership (... ) have greatly helped to guide the College on its path over the last six years.</p> <p>Fonte: <a href="http://www1.imperial.ac.uk/medicine/news/p72809/">http://www1.imperial.ac.uk/medicine/news/p72809/</a></p>	
	Sub-Reitores	<p>Art. 5º – São atribuições específicas do Sub-Reitor de Extensão e Cultura:</p> <p>I. assessorar o Reitor em matéria de sua competência;</p> <p>II. dimensionar e viabilizar os recursos materiais, humanos, tecnológicos e financeiros necessários às atividades da SR-3; ...</p> <p>Fonte: <a href="http://www.boluerj.uerj.br/pdf/ae_00051995_17051995.pdf">http://www.boluerj.uerj.br/pdf/ae_00051995_17051995.pdf</a></p>	Pro-Rectors	<p>This joint placement involves working for two of the College's most senior staff – the Pro-Rector for Education and Academic Services and the Pro-Rector for International Affairs.</p> <p>Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/managementtrainees/aboutthescheme/theprogramme/prorectors">http://www3.imperial.ac.uk/managementtrainees/aboutthescheme/theprogramme/prorectors</a></p>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS	Sub-Reitoria de Graduação SR-1	<p>A Sub-Reitoria de Graduação (SR-1) tem como responsabilidade primordial a formulação e o acompanhamento da política de ensino de graduação da Universidade, assim como a gestão da vida escolar do aluno, (...).</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.sr1.uerj.br/dep/contedo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003">http://www.sr1.uerj.br/dep/contedo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003</a></p>	Pro-Rectorate for Undergraduate Affairs	<p>New Pro Rectors and Dean of Students          Professor Mary Ritter, Pro Rector for International Affairs, has been joined in the <b>Pro-Rectorate</b> by two new Pro Rectors: Professor Julia Buckingham (Medicine) from October as Pro Rector for Education, and from November by Professor Nagy Habib (Medicine) as Pro-Rector for Commercial Affairs. Fonte:  <a href="http://www3.imperial.ac.uk/pls/portallive/docs/1/31139696.PDF">http://www3.imperial.ac.uk/pls/portallive/docs/1/31139696.PDF</a></p>	<p>Em nosso <i>corpus</i> não havia a ocorrência da colocação do termo Pro-rectorate com Undergraduate. Tampouco havia outro termo ou estrutura equivalente ao termo em português, tornando necessária a adaptação apresentada, onde figuram o termo escolhido para Sub-Reitoria e o encontrado no glossário da Universidade de Oxford (<a href="http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford/glossary/index.html">http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford/glossary/index.html</a>) sobre o estudante de graduação: Undergraduate = Someone studying for their first degree. O vocábulo <i>affairs</i> se coloca com undergraduate como no exemplo encontrado com Postgraduate no exemplo seguinte.</p>
	Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa SR-2	<p>A Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR-2) é responsável por gerenciar essas atividades realizadas pela Universidade.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.uerj.br/institucional/sub_reitoria">http://www.uerj.br/institucional/sub_reitoria</a></p>	Pro-Rectorate for Postgraduate Affairs and Research	<p>Mary Ritter has been <b>pro-rector for postgraduate affairs</b> since 2004. (...) What does your new job entail? There are two major areas. The first is an externally-facing role; understanding, responding to and influencing national and international postgraduate policy. Fonte:</p>	<p>Foi necessária a junção de dois termos para completar o sentido da SR-2 que comporta dois assuntos distintos.</p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS				<a href="http://www.imperial.ac.uk/college.asp?P=6083">http://www.imperial.ac.uk/college.asp?P=6083</a> Professor David Begg, Principal of the Business School, has accepted appointment as Acting <b>Pro Rector (Research)</b> , in addition to his current responsibilities, with effect from 1 October 2010... Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/collegeinfo/collegenotices%200708/10-11/seniormanagementofthecollege">http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/collegeinfo/collegenotices%200708/10-11/seniormanagementofthecollege</a>	
	Departamento de Cooperação Internacional (DCI/SR2)	Coordenado pela Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR-2), o Departamento de Cooperação Internacional (DCI) atua junto a representações diplomáticas e organismos internacionais, a fim de promover programas de cooperação e intercâmbio de docentes, pesquisadores e discentes da UERJ.  Fonte: <a href="http://www.sr2.uerj.br/dci/">http://www.sr2.uerj.br/dci/</a>	International Development Department	The International Development Department supports student recruitment and enrolment as well as coordinating activities with other universities and organisations outside the UK. Fonte: <a href="http://www.manchester.ac.uk/international/contacts/">http://www.manchester.ac.uk/international/contacts/</a>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

Termos	Exemplo	Terms	Example
UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS	<p>A Sub-Reitoria de Extensão e Cultura (SR-3) estabelece as diretrizes e normas para o desenvolvimento das atividades de extensão e cultura da Universidade, de acordo com a legislação pertinente. Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/sub_reitoria.php">http://www.uerj.br/institucional/sub_reitoria.php</a></p> <p>Origens da SR-3: Art. 4º - A estrutura da Sub-Reitoria para Assuntos Comunitários compreenderá os seguintes órgãos atualmente existentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Departamento Cultural;</li> <li>b) Centro de tecnologia Educacional;</li> <li>c) Centro de Produção;</li> <li>d) Grupo de Trabalho Universitário;</li> <li>e) <i>Campus</i> Avançado.</li> </ul> <p>Fonte: <a href="http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_05031981_10071981.pdf">http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_05031981_10071981.pdf</a></p> <p>O CONSELHO UNIVERSITÁRIO, no uso da competência que lhe atribui o artigo 9º, parágrafo 3º do Estatuto,</p>	Pro-Rectorate for Community Affairs and Culture	<p>Observamos que a noção de Extensão provavelmente está ligada à noção de trabalho com a comunidade. Para que os termos se assemelhem e não percam seu sentido, optamos por voltar às origens da SR-3 onde o termo Extensão – ao que parece só existente no Brasil – ainda não fazia parte do seu nome. A noção de cultura nas universidades do corpus não está engajada em um único departamento, mas espalhada em iniciativas diferentes pela universidade. A junção desses dois permite alcançar o equivalente da SR-3 mais adequadamente:</p> <p>Office of External Affairs and Communications/ Community Affairs team</p> <p>Our team works across the University and Colleges to support community and outreach work. We offer practical support, funding, community contacts and advice to nurture charitable, educational and voluntary partnerships between the University and the community.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.admin.cam.ac.uk/offices/communications/community/">http://www.admin.cam.ac.uk/offices/communications/community/</a></p> <p>Culture/ Visual arts</p>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS		<p>com base no Processo nº 8646/94, aprovou e eu promulgo a seguinte Resolução:            Art. 1º - A Sub-Reitoria para Assuntos Comunitários, criada na Resolução nº 503/81, passa a ser denominada Sub-Reitoria de Extensão e Cultura – (SR-3).</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_00031995_09051995.pdf">http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_00031995_09051995.pdf</a></p>			<p>■ Regular exhibitions are held at the University's art galleries, the Fitzwilliam Museum and Kettle's Yard - there is a regularly updated calendar of exhibitions and talks.            (...) ■ The University hosts three Resident Music Ensembles at the West Road Concert Hall (...)            ■ There are a variety of student dance societies running events throughout the year. (...)            Fonte: <a href="http://www.cam.ac.uk/univ/sportculture/">http://www.cam.ac.uk/univ/sportculture/</a></p>
	Ouvidoria	<p>Art. 1º - Criar a Ouvidoria da UERJ, como um órgão promotor do direito administrativo de natureza unipessoal e não contenciosa, destinado a colaborar no controle administrativo da Universidade mediante a defesa dos direitos fundamentais dos membros da comunidade. (Ato Executivo da Reitoria, nº 002, 10/02/2000)</p>	Representative Office		<p>Ombudsman é uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Designa, nos países escandinavos, o ouvidor-geral – função pública criada para canalizar problemas e reclamações da população. Na imprensa, o termo é utilizado para designar o representante dos leitores dentro de um jornal.  <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/cargo.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/cargo.shtml</a></p> <p>Ao encontrar o significado da palavra Ombudsman, usada pelas empresas para papel semelhante ao da Ouvidoria na universidade, concentramo-nos na função desse representante junto ao aluno, professor, funcionário técnico-administrativo ou da comunidade em geral, na resolução de problemas da universidade e seus setores.</p>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS	Diretoria de Comunicação Social	A Diretoria de Comunicação Social (Comuns) é a unidade administrativa responsável pela elaboração e execução da política de comunicação para a Universidade. Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php">http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php</a>	Public Affairs Directorate	The role of the Public Affairs Directorate is to increase knowledge and understanding of the activities and aims of the University, including its constituent departments and colleges.  Fonte: <a href="http://www.ox.ac.uk/public_affairs/index.html">http://www.ox.ac.uk/public_affairs/index.html</a>	Durante a pesquisa verificamos que a área de comunicação pode ser denominada tanto por Communications, como por Public Affairs. Pareceu-nos, a princípio, que o termo equivalente para a Diretoria de Comunicação deveria ser <b>Communications Division</b> como para Imperial College. Porém, utilizar o termo <i>division</i> pode ocasionar um problema de compreensão da hierarquia, já que <i>divisão</i> para a UERJ reflete uma estrutura dentro do departamento que, por sua vez, está dentro da Diretoria. Ainda teríamos outro contratempo quanto à compreensão, já que adotamos Academic Division como termo base para os Centros Setoriais. Sendo assim, adotaremos o termo utilizado por Oxford, como no exemplo:

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS	Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento	<p>A Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento (CEED) foi criada em abril de 2009, com o objetivo de estabelecer na Universidade políticas estratégicas para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Rio de Janeiro, por meio da ampliação do acesso à ciência e à tecnologia nas regiões de sua abrangência.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.uerj.br/institucional/ceed.php">http://www.uerj.br/institucional/ceed.php</a></p>	Strategy and Development Office		<p>Neste caso, também não encontramos um equivalente para substituir o termo. Reunimos, assim, dois termos para chegar a uma colocação possível em língua inglesa e equivalente ao termo em português. A Coordenadoria, apesar de estar no nível da Reitoria, reflete outro nível de hierarquia: a coordenadoria (termo não encontrado na estrutura das universidades do <i>corpus</i>). Então, o termo <i>Office</i> foi agregado.</p> <p>The Research Strategy Office is headed by the Acting Pro-Rector (Research), Professor David Begg.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www3.imperial.ac.uk/researchstrategy">http://www3.imperial.ac.uk/researchstrategy</a></p> <p>Five Pro-Vice-Chancellors have specific responsibility for Development and External Affairs.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/the_structure_of_the_university/index.html">http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/the_structure_of_the_university/index.html</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS	Auditoria Interna	A Auditoria Interna (Audin) faz o controle orçamentário, financeiro e patrimonial da Universidade. Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php">http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php</a>	Internal Audit	Internal Audit is provided by Deloitte and Touche Public Sector Internal Audit Ltd. (...) and carries out a continuous examination of the accounting, financial and other activities of the College <a href="http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/governance/internalaudit">http://www3.imperial.ac.uk/secretariat/governance/internalaudit</a>	
	Editora da UERJ (EdUERJ)	A EdUERJ – criada pela Resolução nº 517/84 do Conselho Universitário (...) tem como principais objetivos a promoção, a coordenação e a regulamentação das atividades editoriais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  Fonte: <a href="http://www.eduerj.uerj.br/somos.html">http://www.eduerj.uerj.br/somos.html</a>	UERJ University Press	Oxford University Press is a department of the University of Oxford. It furthers the University's objective of excellence in research, scholarship, and education by publishing worldwide.  Fonte: <a href="http://www.oup.com/uk/about/structure/">http://www.oup.com/uk/about/structure/</a>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example
UN ADMINISTRATIVAS	Diretoria de Administração Financeira	<p>A Diretoria de Administração Financeira (DAF), órgão central de gestão compete à coordenação das atividades patrimoniais, administrativas e financeiras à luz das diretrizes emanadas da Reitoria.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.daf.uerj.br/">http://www.daf.uerj.br/</a></p>	Directorate of Finance	<p>We carry out these responsibilities through a central team with strong links to the Faculties. There are four offices within the Directorate of Finance: Corporate Accounts, Financial Accounting, Management Accounts, Procurement Office</p> <p>Fonte: <a href="http://www.staffnet.manchester.ac.uk/theguide/index.htm?id=RegSec-%3EFinance">http://www.staffnet.manchester.ac.uk/theguide/index.htm?id=RegSec-%3EFinance</a></p>
	Diretoria Jurídica	<p>Representa a UERJ e o Reitor em juízo e presta consultoria jurídica para as Unidades Acadêmicas e Administrativas da Universidade.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php">http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php</a></p>	Legal Services Office	<p>Legal Services Office: We are a group of practising lawyers employed by the University. Each member of the team is both a generalist, capable of handling a range of legal matters, and a specialist with particular expertise in specific areas. We operate across a wide range of University activity, consulting external lawyers where appropriate. We also raise awareness of legal issues within the University community by running training sessions and seminars.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.admin.cam.ac.uk/offices/legal/">http://www.admin.cam.ac.uk/offices/legal/</a></p>

UERJ	English Version
------	-----------------

Observações

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS	Diretoria de Informática	Responsável pela gestão da tecnologia da informação na UERJ. A unidade desenvolve novos sistemas corporativos, faz a manutenção da infraestrutura das redes de comunicação e dá suporte tecnológico às unidades administrativas e acadêmicas da Universidade.  Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php">http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php</a>	Directorate of IT Services	The Directorate of IT Services is responsible for the planning, delivery and support of the University's main computing facilities. This includes the University network and telecommunications systems, web infrastructure, email and calendaring, corporate information systems, online learning systems and research infrastructure. The Directorate is made up of around 380 staff across central and devolved (Faculty) teams. Fonte: <a href="http://www.itservices.manchester.ac.uk/about/">http://www.itservices.manchester.ac.uk/about/</a>	
	Diretoria de Planejamento e Orçamento	Responsável pelo planejamento estratégico institucional. Entre suas atribuições estão a elaboração, execução e avaliação da proposta orçamentária, elaboração do Relatório de Prestação de Contas anual (...)  Fonte: <a href="http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php">http://www.uerj.br/institucional/diretorias.php</a>	Planning And Resource Allocation Office	Welcome to the Planning and Resource Allocation Office  Our team is responsible for strategic and academic planning within the University. (...)We also manage the University's annual planning and budgetary cycle and liaise with the academic Schools to assist them with their own planning and resource allocation work.  Fonte: <a href="http://www.admin.cam.ac.uk/offices/planning/">http://www.admin.cam.ac.uk/offices/planning/</a>	

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

UN ADMINISTRATIVAS	Superintendência de Recursos Humanos	<p>§ 1º - A SRH, atuando como órgão central e de gestão, competirá o planejamento, organização, direção, coordenação, controle e avaliação das funções integrantes do Sistema de Recursos Humanos.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.boluerj.uerj.br/pdf/aeda_00062007_29052007.pdf">http://www.boluerj.uerj.br/pdf/aeda_00062007_29052007.pdf</a></p>	Directorate of Human Resources	<p>The Directorate of Human Resources comprises:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Equality &amp; Diversity Office</li> <li>• Faculty Based Operational Support <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Professional Support Services Human Resources team</li> </ul> </li> <li>• Employee Engagement Team</li> <li>• Pensions</li> <li>• Staff Training and Development Unit</li> </ul> <p>Fonte:  <a href="http://www.staffnet.manchester.ac.uk/theguide/index.htm?id=RegSec-%3EHR">http://www.staffnet.manchester.ac.uk/theguide/index.htm?id=RegSec-%3EHR</a></p>	
	Prefeitura dos <i>Campi</i>	<p>Art. 2º - A Prefeitura desempenhará suas atividades como órgão subordinado à Reitoria, competindo-lhe o planejamento, a organização, direção, coordenação, o controle e a avaliação das atividades de manutenção, projetos e obras, limpeza, vigilância, transportes e comunicação nos próprios da Universidade. (Ato Executivo de Decisão Administrativa 02/96, UERJ, 11/01/1996.)</p>	Estate Management	<p>Estate Management is a multi-disciplined organisation responsible for the management and maintenance of the University estate, and the provision of a variety of related services. We are located in various premises across the city. (...) Principally Estate Management is responsible for:</p>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS				<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Upkeep of the University's teaching, research and administrative buildings</li> <li>■ Managing and planning the University estate and its facilities</li> <li>■ Project managing construction of new buildings and refurbishment of existing stock</li> </ul> Fonte: <a href="http://www.admin.cam.ac.uk/offices/em/about/">http://www.admin.cam.ac.uk/offices/em/about/</a>	
	Rede Sirius de Bibliotecas	Missão da Rede Sirius Atuar na promoção do acesso à informação e dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito da Universidade, contribuindo para o desenvolvimento cultural, econômico e social do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: <a href="http://www.rsirius.uerj.br/index.php?titulo_link=Rede%20Sirius&amp;sublinks=1">http://www.rsirius.uerj.br/index.php?titulo_link=Rede%20Sirius&amp;sublinks=1</a>	Library Services	UCL Library Services is committed to supporting the excellence of teaching, learning, research and clinical practice by providing a high quality, integrated and innovative service. Fonte: <a href="http://www.ucl.ac.uk/library/miission.shtml">http://www.ucl.ac.uk/library/miission.shtml</a>	

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS	Centro de Produção	<p>O Centro de Produção (Cepuerj), órgão ligado diretamente à Reitoria, é uma unidade que integra a estrutura administrativa da Universidade. Criado em 1971, destina-se a apoiar as atividades universitárias, além de promover a interação dos conhecimentos produzidos pelos professores e servidores técnico-administrativos das diversas Faculdades e Institutos, com as necessidades das instituições públicas e privadas e da própria comunidade. Fonte: <a href="http://www.cepuerj.uerj.br/institucional.aspx">http://www.cepuerj.uerj.br/institucional.aspx</a></p>	Enterprise Centre		<p>O termo carrega uma dificuldade de definir seu equivalente, pois as atividades realizadas pelo Cepuerj estão espalhadas em outras iniciativas, como encontramos na UCL. O mais próximo disso é o termo Enterprise:</p> <p>Welcome to UCL Enterprise Open for Business - UCL is a globally leading research intensive university which has a strong commitment to working with other private and public sector organisations for the benefit of the UK's economy. Supporting UCL's entrepreneurs <a href="http://www.ucl.ac.uk/enterprise/">http://www.ucl.ac.uk/enterprise/</a></p>
-----------------------------	--------------------	---	-------------------	--	--

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

UN ADMINISTRATIVAS E CARGOS	Núcleo Superior de Estudos Governamentais	<p>Art. 1º Transferir, a partir desta data, a gerência administrativa e financeira de todos os projetos coordenados pelo NUSEG para o CEPUERJ.</p> <p>Parágrafo Único – A Diretora do CEPUERJ exercerá a ordenação de todos os procedimentos administrativos e financeiros para a execução em bom termo dos projetos antes gerenciados pelo NUSEG. Fonte: <a href="http://www.boluerj.uerj.br/pdf/aida_00132009_31032009.pdf">http://www.boluerj.uerj.br/pdf/aida_00132009_31032009.pdf</a></p>			Não há justificativa para a criação de termo para um Núcleo sem função real para a Universidade
	Centros Setoriais	<p>A Estrutura Acadêmica da UERJ compreende quatro Centros Setoriais. Destinam-se a coordenar unidades afins, a promover articulação entre os ciclos e os cursos e a integração de ensino, pesquisa e extensão. Esses centros são constituídos de unidades acadêmicas que podem ser faculdades ou institutos.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003">http://www.sr1.uerj.br/dep/conteudo.php?login=&amp;sessionid=&amp;referencia=dep&amp;codificacao=029:007:003</a></p>	Academic Divisions	<p>There are four academic divisions – Humanities; Mathematical, Physical &amp; Life Sciences; Medical Sciences; and Social Sciences.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford_glossary/">http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introducing_oxford/oxford_glossary/</a></p>	

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

Diretor de Centro	Estiveram presentes na cerimônia o Reitor Ricardo Vieiralves; o Diretor-presidente da FAPERJ, Ruy Garcia Marques; o Diretor do Centro Biomédico, Roberto Volpato; o Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, Plínio da Rocha...  Fonte: <a href="http://www.uerj.br/publicacoes/informe_uerj/informe_uerj100.pdf">http://www.uerj.br/publicacoes/informe_uerj/informe_uerj100.pdf</a>	Head of Division	The Head of the Humanities Division is Professor Sally Shuttleworth <a href="http://www.humanities.ox.ac.uk/about_us">http://www.humanities.ox.ac.uk/about_us</a>	
Centro de Educação e Humanidades	O Centro de Educação e Humanidades é um dos quatro Centros Setoriais da UERJ, reúne nove Unidades Acadêmicas.  Fonte: <a href="http://www.ceh.uerj.br/">http://www.ceh.uerj.br/</a>	Education and Humanities Division		Para a construção deste termo, houve a necessidade da junção de dois termos complementares:  The <b>Humanities Division</b> is one of four academic divisions in the University of Oxford, bringing together the faculties of Classics; English; History; Linguistics, Philology and Phonetics; Medieval and Modern Languages; Music; Oriental Studies; Philosophy; and Theology, as well as the Ruskin School of Drawing and Fine Art. (...)  Fonte: <a href="http://www.humanities.ox.ac.uk/about_us">http://www.humanities.ox.ac.uk/about_us</a>  The University of Cambridge Faculty of <b>Education</b> is the oldest and one of the most prestigious Education departments in the UK. Fonte: <a href="http://www.educ.cam.ac.uk/">http://www.educ.cam.ac.uk/</a>

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

	Centro de Tecnologia e Ciências	<p>O CTC tem a missão de promover o intercâmbio técnico científico entre as unidades da área de Ciências Exatas e da Terra, além de coordenar e acompanhar as ações Acadêmico-Administrativas das Unidades de Ciência e Tecnologia junto à Administração Central da UERJ.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ctc.uerj.br/">http://www.ctc.uerj.br/</a></p>	Technology and Sciences Division		<p>Dois termos foram aglutinados para formar o equivalente;</p> <p>The term 'School' in Cambridge usually indicates an administrative grouping of related departments. The School of <b>Technology</b> is one of six Schools, each of which has an elected supervisory body.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.tech.cam.ac.uk/">http://www.tech.cam.ac.uk/</a></p> <p>The School of the Physical Sciences is one of six academic Schools in the University of Cambridge.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.physsci.cam.ac.uk/abouttheschool/">http://www.physsci.cam.ac.uk/abouttheschool/</a></p>
	Centro Biomédico	<p>O Centro Biomédico é aquele que reúne as Unidades ligadas à saúde.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.centrobiomedico.uerj.br/index_quem.html">http://www.centrobiomedico.uerj.br/index_quem.html</a></p>	Biomedical Sciences Division		<p>The School of Life &amp; <b>Medical Sciences</b> (incorporating UCL Medical School) brings together one of the world's major concentrations of <b>biomedical</b> researchers, with ground breaking translational work underpinned by excellence in basic science.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ucl.ac.uk/slms/">http://www.ucl.ac.uk/slms/</a></p>

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

Hospital Universitário Pedro Ernesto	O Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe) é peça fundamental na estrutura de ensino, pesquisa e atendimento à saúde da UERJ. Além de sua importância para o sistema de saúde do Estado do Rio de Janeiro, o Hupe forma novos profissionais e produz conhecimento. Fonte: <a href="http://www.uerj.br/saude/">http://www.uerj.br/saude/</a>	Pedro Ernesto University Hospital	The John Radcliffe Hospital (JR) was opened in the 1970s and is Oxfordshire's main accident and emergency site. It is situated in Headington, about three miles east of Oxford city centre. It is the largest of the Trust's hospitals, covering around 66 acres. Fonte: <a href="http://www.oxfordradcliffe.nhs.uk/aboutus/hospitals/jr.aspx">http://www.oxfordradcliffe.nhs.uk/aboutus/hospitals/jr.aspx</a>	
Centro de Ciências Sociais	O Centro de Ciências Sociais congrega as Faculdades de Administração e Finanças, Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social, e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas que engloba os cursos de História, Filosofia, e Ciências Sociais. Fonte: <a href="http://www.ccs.uerj.br/qsomos.html">http://www.ccs.uerj.br/qsomos.html</a>	Social Sciences Division	The Social Sciences Division is one of four academic divisions of the University of Oxford. It is led by a full-time Head of Division (who also sits on Council and its key committees) and by an elected Divisional Board drawn from its constituent units. Fonte: <a href="http://www.socsci.ox.ac.uk/about_us">http://www.socsci.ox.ac.uk/about_us</a>	

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

	Unidades Acadêmicas (Faculdades, Institutos e Escola)		Faculty/Institute/School	Faculty: At the same level of schools, institutes, centres and departments. Fonte: <a href="http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introding_oxford/oxford_glossary/">http://www.ox.ac.uk/about_the_university/introding_oxford/oxford_glossary/</a>	Para a Universidade de Oxford, assim como na UERJ, Faculdades, Institutos e Escolas estão no mesmo nível. Não há diferença entre eles na escolha de equivalentes. Assim, Faculdade de Odontologia tem como equivalente <i>School of Dentistry</i> .
CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Diretor e Vice-Diretor de Unidades Acadêmicas	Art. 24 – As Faculdades e os Institutos serão administrados por um Diretor, assistido pelo conselho Departamental, e terão um Vice-Diretor. (...) §2º – O Vice-Diretor substituirá o Diretor nas suas faltas, afastamentos ou impedimentos, e assumirá a direção em caso de vacância antecipada do cargo, até novo provimento... Fonte: Estatuto da UERJ, 1989, p. 20.	Head of Faculty/Institute/School Deputy Head of Faculty/Institute/School	Professor Iain Mackie was appointed as Head of School for Dentistry in January 2010. In this role he has ultimate responsibility for the School's strategy relating to the teaching of undergraduate and postgraduate students and the School's research. Fonte: <a href="http://www.dentistry.manchester.ac.uk/staff/IainMackie">http://www.dentistry.manchester.ac.uk/staff/IainMackie</a> The Deputy Head of School Administration (Deputy HoSAs) are jointly responsible for the organisation and smooth running of the administrative support to the School's teaching, research and other activities, in a manner that complies with the strategic objectives of the University, Faculty and School. Fonte: <a href="http://www.maths.manchester.ac.uk/info/School%20of%20Maths%20who's%20who.pdf">http://www.maths.manchester.ac.uk/info/School%20of%20Maths%20who's%20who.pdf</a>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Faculdade de Comunicação Social (FCS)	<p>A Faculdade de Comunicação Social da UERJ (FCS) completou 20 anos em 2006 (...). Oferece os cursos de graduação em Jornalismo e Relações Públicas, mestrado em Comunicação Social.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.fcs.uerj.br/">http://www.fcs.uerj.br/</a></p>	Faculty of Communications		<p>Nas universidades que compõem esse <i>corpus</i> não encontramos uma unidade acadêmica que ofereça cursos de jornalismo ou relações públicas, apesar de serem atividades realizadas pela Imperial College, por exemplo na sua Communications Division. Base para a construção do equivalente.</p> <p>The Communications Division plays a key role in ensuring that the College's Mission and Intents are known and understood by its stakeholders, and helps the College to understand and influence the thinking of its stakeholders.</p> <p>Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/communications">http://www3.imperial.ac.uk/communications</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Faculdade de Educação (EDU)	A Faculdade de Educação da UERJ e seus cursos são, hoje, o resultado de uma já bem longa trajetória (...) de uma unidade de ensino, dentre os quais se encontravam os cursos de Pedagogia e Didática.  Fonte: <a href="http://www.educacao.uerj.br/">http://www.educacao.uerj.br/</a>	Faculty of Education	The University of Cambridge Faculty of Education is the oldest and one of the most prestigious Education departments in the UK. Our undergraduate and postgraduate courses have all received the highest national ratings.  Fonte: <a href="http://www.educ.cam.ac.uk/">http://www.educ.cam.ac.uk/</a>	
	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF)	A Revoluti foi desenvolvida e implementada em 2009 pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), onde está sendo usada na formação de pedagogos e no desenvolvimento de práticas de ensino. No CAp, o objetivo será implementar as práticas no ensino fundamental e médio.  Fonte: <a href="http://www.uerj.br/publicacoes/uerj_em_dia/552/">http://www.uerj.br/publicacoes/uerj_em_dia/552/</a>	Baixada Fluminense Faculty of Education	The University of Cambridge Faculty of Education is the oldest and one of the most prestigious Education departments in the UK. (...) Our world class research focuses on school development, leadership and improvement; education in languages, arts and humanities; ...  Fonte: <a href="http://www.educ.cam.ac.uk/">http://www.educ.cam.ac.uk/</a>	O termo pode vir acompanhado de uma nota observando que Baixada Fluminense faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro (academic unit localized in this large region in the metropolitan area of the City of Rio de Janeiro). Na construção do termo, observamos ser mais comum que nomes próprios, lugares ou pessoas, venham à frente como John Radcliff Hospital em Oxford, ou Isaac Newton Institute for Mathematical Science em Cambridge

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Faculdade de Formação de Professores (FFP)	<p>Localizada no <i>campus</i> de São Gonçalo, a Faculdade de Formação de Professores (FFP) vem, desde sua origem, se dedicando a formação de professores. A FFP começa a funcionar em setembro de 1973, oferecendo os cursos de Licenciatura de 1º Grau nas áreas de Letras, Ciências e Estudos Sociais.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.ffp.uerj.br/arquivos/Catalogo_Observatorio_FFP_UERJ_2010.pdf">http://www.ffp.uerj.br/arquivos/Catalogo_Observatorio_FFP_UERJ_2010.pdf</a></p>	Faculty of Teacher Education	<p>A inclusão do vocábulo <i>teacher</i> diferencia a Unidade de São Gonçalo das anteriores também destinadas à formação de professores. Porém, tem como base o mesmo termo da Universidade de Cambridge:</p> <p>The University of Cambridge Faculty of Education is the oldest and one of the most prestigious Education departments in the UK.          (...) Our world class research focuses on school development, leadership and improvement; education in languages, arts and humanities; ...</p> <p>Fonte: <a href="http://www.educ.cam.ac.uk/">http://www.educ.cam.ac.uk/</a></p>
	Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap/UERJ)	<p>O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP/UERJ (...) vem ocupando uma posição de vanguarda, destacando-se, interna e externamente, como centro de excelência de ensino, pesquisa, extensão e campo de estágio notadamente reconhecido pelas</p>	<p>Fernando Rodrigues da Silveira Institute of Primary and Secondary Education (Internship and Research)</p>	<p>Este termo nos impõe uma dificuldade já que não há nas universidades de nosso <i>corpus</i> algo parecido a um colégio de aplicação, voltado ao treinamento de graduandos em todas as áreas do conhecimento que envolvam a formação de professores. Caso de equivalência zero. Como demonstram os exemplos, essa formação é realizada em escolas da rede estadual de maneira voluntária,</p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES		<p>Secretarias de Educação, pelas comunidades universitárias e pela comunidade em geral.</p> <p>Fonte:</p> <p><a href="http://www.cap.uerj.br/index.html">http://www.cap.uerj.br/index.html</a></p>			<p>sendo a formação mais específica para cada nível da educação (fundamental e secundária) realizada em nível de pós-graduação (PGCE = Postgraduate Course in Education).</p> <p>The Cambridge Education Tripos provides an excellent preparation for those intending to teach. Students who wish to proceed onto a PGCE at the faculty or elsewhere are strongly advised to gain some voluntary experience in a mainstream state-sector school while they are studying for their degree. The Faculty will support you with advise about how to go about this during your degree.</p> <p>Fonte:</p> <p><a href="http://www.educ.cam.ac.uk/undergradstudy/tripos/route/">http://www.educ.cam.ac.uk/undergradstudy/tripos/route/</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD)	<p>O Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) teve origem no Centro de Desportos da Universidade do Estado da Guanabara (CDUEG), criado em 19 de novembro de 1970. A finalidade inicial desse Centro era implantar a chamada "ginástica obrigatória" para o Ensino Superior, conforme determinava o Decreto-lei 705/69. Com a Resolução 425/74 do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UERJ se estabeleceram os cursos de Licenciatura Plena em Educação Física masculina e feminina, tendo o início das aulas ocorrido no segundo semestre de 1974.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.iefd.uerj.br/1historico.htm">http://www.iefd.uerj.br/1historico.htm</a></p>	Institute of Physical Education and Sports		<p>Nos <i>sites</i> das universidades pesquisadas não há nenhum caso de unidade acadêmica responsável pelo ensino de educação física e desportos. Por isso, a pesquisa nos trouxe nomes de cursos que nos auxiliam na composição do equivalente para o IEFD:</p> <p>... you will enjoy GCSE <b>Physical Education</b>.</p> <p>In this course you will improve your knowledge and performance in a range of practical activities and will have the chance to learn about the principles and practices which lead to good performance.</p> <p>Fonte:<a href="http://www.ocr.org.uk/download/pm/ocr_15911_pm_gcse_pe_learners.pdf">http://www.ocr.org.uk/download/pm/ocr_15911_pm_gcse_pe_learners.pdf</a></p> <p>Many University <b>sports</b> facilities are also accessible to Oxford residents. Around 400 local residents as well as University members use the University's new gym, PULSE, and residents with no University connections use the Rosenblatt Swimming Pool.</p> <p>Fonte:<a href="http://www.ox.ac.uk/visitors_friends/oxford_in_the_community/cultural.html">http://www.ox.ac.uk/visitors_friends/oxford_in_the_community/cultural.html</a></p>

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Instituto de Letras (ILE)	<p>O Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ILE/UERJ) reúne mais de 3.000 alunos nos cursos de Graduação (modalidades de bacharelado e de licenciatura), de Pós-Graduação (<i>Lato sensu e Stricto sensu</i>) e de Extensão.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.institutodeletras.uerj.br/">http://www.institutodeletras.uerj.br/</a></p>	Institute of Languages and Literatures	<p>Não encontramos equivalentes porque, ao que parece por nossa pesquisa, não há nas universidades pesquisadas uma unidade que comporte cursos de quase uma dezena de línguas e suas respectivas literaturas. A situação justifica também o uso do plural ainda que o exemplo mostre-nos o singular, pois trata apenas do estudo de uma língua.</p> <p>Welcome to the Department of English Language and Literature at UCL  UCL's English Department has, throughout its history, been a pioneer in the study of English language and English literature, from Old English to current literature.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.ucl.ac.uk/english/">http://www.ucl.ac.uk/english/</a></p>
-----------------------------------	---------------------------	---	--	--

UERJ		English Version		Observações
Termos	Exemplo	Terms	Example	

CENTRO I - EDUCAÇÃO E HUMANIDADES	Instituto de Psicologia (PSI)	<p>O Curso de Graduação em Psicologia é ministrado pelo Instituto de Psicologia (PSI) (...).</p> <p>O Instituto de Psicologia (...) É formado por três Departamentos: Fundamentos da Personalidade; Psicologia Clínica e Psicologia Social e Institucional.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.sr1.uerj.br/">http://www.sr1.uerj.br/</a></p>	School of Psychology		<p>The University of Manchester was the first university in Britain to appoint a full-time Professor of Psychology in 1919. The <b>School of Psychological Sciences</b> was founded by the bringing together of the Human Communication and Deafness Group (HCD), the <b>Department of Psychology</b> and the Division of Clinical Psychology in 2004.</p> <p><a href="http://www.psych-sci.manchester.ac.uk/aboutus/">http://www.psych-sci.manchester.ac.uk/aboutus/</a></p>
-----------------------------------	-------------------------------	---	----------------------	--	---

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS	Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI)	<p>O ensino do design em nível superior iniciou-se no Brasil em 1962, com a fundação da Esdi – Escola Superior de Desenho Industrial. Fonte: <a href="http://www.esdi.uerj.br/pos-graduacao/index.html">http://www.esdi.uerj.br/pos-graduacao/index.html</a></p> <p>É uma unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, oferece o curso de graduação em Desenho Industrial e o mestrado em Design, além de desenvolver atividades de pesquisa e extensão. Fonte: <a href="http://www.esdi.uerj.br/p_intr.shtml">http://www.esdi.uerj.br/p_intr.shtml</a></p>			<p>Para este termo, reduzimos o número de vocábulos para que o sentido se faça presente. No jargão das universidades desse <i>corpus</i>, School já se refere ao nível superior. Além disso, não há referência de design como Desenho Industrial, apenas como Design.</p> <p>Course description Designers and design managers have crucial roles to play in providing the market place with the right designs at the right time and price. Awareness of technical, commercial, marketing and fashion aspects of the industry is essential. The course aims to develop creativity, self-reliance and motivation and is ideal for those who want a mix of arts and science subjects. (...) Studio-based design projects, fabric production lectures and labs form the core of the first two years. You will learn about the fundamental textile processes of fibre-to-yarn and yarn-to-fabric conversion as well as design management, design processes and Computer Aided Design.</p>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS	Faculdade de Oceanografia (FAOC)	<p>A Faculdade de Oceanografia da UERJ é uma das instituições pioneiras no país neste campo, tendo recebido sua primeira turma em 1977.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.oceanografia.uerj.br/historico.php">http://www.oceanografia.uerj.br/historico.php</a></p>	Faculty of Oceanography		<p>Percebemos que as unidades acadêmicas que cuidam da área de oceanografia fizeram o caminho inverso de nossas unidades “uerjianas”. Enquanto nosso antigo Instituto de Geociências foi partido e deu origem a outras três unidades, em Manchester, por exemplo, havia <i>Department of Oceanography</i> e hoje faz parte da <i>School of Ocean and Earth Sciences</i>. Veja no exemplo:</p> <p>From 1991 - 1999 he was a Royal Society University Research Fellow at the School of Ocean and Earth Science (formerly Department of Oceanography), Southampton Oceanography Centre, University of Southampton; where he worked on flow through straits and density currents. Gregory joined UMIST in January 2000.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.mace.manchester.ac.uk/aboutus/staff/academic/profile/?staffId=173">http://www.mace.manchester.ac.uk/aboutus/staff/academic/profile/?staffId=173</a></p>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS	Faculdade de Tecnologia - <i>Campus</i> Regional de Resende (FAT)	<p>O Campus Regional de Resende foi criado atendendo aos anseios da região sul fluminense e de acordo com a política de interiorização da UERJ. Conta atualmente com o curso de Engenharia de Produção com ênfases em Química e Mecânica; Pós-Graduação em Engenharia de Produção com ênfase em gestão industrial, Engenharia de Produção com ênfase em gestão de projetos e Engenharia Econômica.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.fat.uerj.br/">http://www.fat.uerj.br/</a></p>	School of Technology	<p>The aim of the School of Technology is to provide a focus and framework for its constituent departments to formulate and express views pertinent to technology, both within and without the University, recognising that technology has its own priorities and its own criteria for success: above all, technology departments recognise a duty to influence and be influenced by society at large and to work towards the creation of wealth and an improved quality of life.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.tech.cam.ac.uk/">http://www.tech.cam.ac.uk/</a></p>	
	Faculdade de Engenharia (FEN)	<p>O Curso de Graduação em ENGENHARIA é ministrado pela Faculdade de Engenharia - FEN (...) A Faculdade de Engenharia tem diversos programas próximos à comunidade, através de convênios com diversas prefeituras, órgãos estaduais e municipais, além de diversas empresas privadas, com a finalidade precípua de integrar seus alunos à sociedade.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.sr1.uerj.br/">http://www.sr1.uerj.br/</a></p>	Faculty of Engineering	<p>The Faculty of Engineering is one of four Faculties within Imperial College London and led by Principal, Professor Jeff Magee. The Faculty encompasses nine academic Departments and houses the Energy Futures Lab, one of Imperial's Grand Challenge Institutes.</p> <p>Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/engineering">http://www3.imperial.ac.uk/engineering</a></p>	

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS	Instituto de Física (FIS)	<p>O Instituto de Física é um dos institutos do Centro de Tecnologia e Ciências da UERJ. Nossas atividades principais são: formação de recursos humanos (graduação e pós-graduação) e pesquisa fundamental em Física.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.fis.uerj.br/">http://www.fis.uerj.br/</a></p>	Institute of Physics	<p>The Physics and Astronomy Department at UCL is located in the heart of the historical area of Bloomsbury. UCL's Department of Physics &amp; Astronomy operates on principles of good practice that promote transparency and fairness. (...) We are proud to have a higher than average representation of females among our students and academic staff. The Institute of Physics (IoP) has recognised our achievements with a Juno Practitioner award.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ucl.ac.uk/phys/about">http://www.ucl.ac.uk/phys/about</a></p>	
	Faculdade de Geologia (FGEL)	<p>Art. 1º - Fica criada a Faculdade de Geologia da UERJ, como uma Unidade pertencente ao Centro de Tecnologia e Ciências.</p> <p>Parágrafo Único – A Faculdade de Geologia manterá o Curso de Geologia destinado a formar bacharel em Geologia e outros já existentes e que por ventura, forem autorizados pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_00101995_17111995.pdf">http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_00101995_17111995.pdf</a></p>	Faculty of Geology		<p>A maioria das universidades de nosso <i>corpus</i> possui unidades acadêmicas que reúnem geologia e geografia, no que se habituou a chamar, em português, Geociências e, em inglês, Earth Sciences. Como já dissemos no termo anterior, tomando um caminho inverso da UERJ. Sendo assim, não encontramos uma unidade acadêmica, apenas a definição de um</p>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS					<p>curso de Geografia na UCL que possibilita a composição do termo Faculty of Geology.</p> <p>Geology degrees provide a broadly-based education in all major branches of the geological sciences, integrating theoretical studies with essential practical skills in the field and laboratory.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.es.ucl.ac.uk/undergrad/Geology-courses.htm">http://www.es.ucl.ac.uk/undergrad/Geology-courses.htm</a></p>
	Instituto de Geografia (IGEOG)	<p>O Instituto de Geografia vem desenvolvendo uma estratégia dirigida para ampliar suas atividades de atuação e interesses, com a criação de amplas linhas de trabalho, a fim de se inserir nos principais acontecimentos técnico-científicos que têm marcado a Geografia brasileira nos últimos anos.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.igeog.uerj.br/00_historico.html">http://www.igeog.uerj.br/00_historico.html</a></p>	Institute of Geography		<p>No exemplo a seguir, poderíamos inferir que o equivalente para Instituto de Geografia seria Department of Geography. Porém, ao avançar para a linha hierárquica logo abaixo da unidade acadêmica, encontramos o termo departamento. Usar department como equivalente poderia desviar o usuário do sentido do termo, de unidade acadêmica para equivaler a parte dela. Por isso, utilizamos o termo <i>Institute</i>, embora este contraste com a colocação da Universidade de Cambridge.</p>

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS					<p>The Department of Geography today is a flourishing and expanding academic community committed to high standards of research. The questions we ask, the philosophies and methodologies we draw upon, embrace the natural and social sciences as well as the humanities.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.geog.cam.ac.uk/about/">http://www.geog.cam.ac.uk/about/</a></p>
	Instituto de Matemática e Estatística (IME)	<p>O Instituto de Matemática e Estatística e a própria Universidade do Estado do Rio de Janeiro tiveram como núcleo embrionário a Faculdade de Filosofia do Instituto La- Fayette, nascida em 11 de agosto de 1939.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.ime.uerj.br/cake/hist%C3%B3ria/hist%C3%B3ria-do-ime/">http://www.ime.uerj.br/cake/hist%C3%B3ria/hist%C3%B3ria-do-ime/</a></p>	Faculty of Mathematics and Statistics	<p>The Department of Pure Mathematics and Mathematical <b>Statistics</b> (DPMMS) is one of two Mathematics Departments at the University of Cambridge, the other being the Department of Applied Mathematics and Theoretical Physics (DAMTP). The two departments together constitute the <b>Faculty of Mathematics</b>, and are responsible for the teaching of Mathematics and its applications within the Mathematical Tripos. The Statistical Laboratory is a sub-department of DPMMS.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.dpmms.cam.ac.uk/about/">http://www.dpmms.cam.ac.uk/about/</a></p>	

	UERJ		English Version		Observações
	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS	Instituto Politécnico (IPRJ)	O Instituto Politécnico do Rio de Janeiro foi incorporado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no dia 4 de maio de 1993, como <i>Campus</i> Regional – Instituto Politécnico (IPRJ), com um programa pioneiro de interiorização da Universidade (Decreto 18.641) no nosso Estado. Fonte: <a href="http://www.iprj.uerj.br/imprensa/historiaCampus.html">http://www.iprj.uerj.br/imprensa/historiaCampus.html</a>	Polytechnic Institute	<p>André F.Reynolds Castel-Branco da Silveira BA, MA PhD candidate André's research is concerned with processes of institutional change in governance structures of complex social-ecological systems, namely river basins. (...) Career</p> <p>■2002 to present date: Affiliated Researcher, International Institute of Macau; ■2004-05: Lecturer, Public Administration Department, Macau Polytechnic Institute;</p> <p>Fonte: <a href="http://www.geog.cam.ac.uk/people/silveira/">http://www.geog.cam.ac.uk/people/silveira/</a></p>	

	UERJ	English Version	Observações
--	------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO II - TECNOLOGIA E CIÊNCIAS	Instituto de Química (QUI)	<p>O Instituto de Química da UERJ oferece os cursos de Licenciatura em Química e de Engenharia Química em nível de graduação. Pós-Graduação: Especialização em Química Ambiental e Polímeros; Mestrado em Engenharia Química e Química; Doutorado em Química e em Meio Ambiente.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.iq.uerj.br/apresentacao.html">http://www.iq.uerj.br/apresentacao.html</a></p>	School of Chemistry	<p>We are one of the largest Schools of Chemistry in the UK, with around 650 undergraduates and more than 200 postgraduate research students. The School has comprehensive academic coverage across the chemical sciences, and excellence in depth in all the core sub-disciplines of chemistry, with over 80 postdoctoral researchers.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.chemistry.manchester.ac.uk/aboutus/">http://www.chemistry.manchester.ac.uk/aboutus/</a></p>	
CENTRO III - BIOMÉDICO	Faculdade de Ciências Médicas (FCM)	<p>O objetivo da Faculdade de Ciências Médicas é formar médicos habilitados para trabalhar na promoção de saúde, prevenção, diagnóstico e tratamento das doenças mais comuns do ser humano, conscientizados da importância de manter a educação permanente como uma das ferramentas de capacitação profissional, podendo atuar na assistência médica, no ensino e na pesquisa.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.srl.uerj.br/">http://www.srl.uerj.br/</a></p>	School of Medical Sciences	<p>The School of Life &amp; Medical Sciences (incorporating UCL Medical School) brings together one of the world's major concentrations of biomedical researchers, with ground breaking translational work underpinned by excellence in basic science.</p> <p><a href="http://www.medsci.ox.ac.uk/abou">http://www.medsci.ox.ac.uk/abou</a></p>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO III - BIOMÉDICO	Faculdade de Enfermagem (FENF)	A Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) é uma das unidades acadêmicas que compõe o Centro Biomédico da Universidade, fica localizada em Vila Isabel, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: <a href="http://www.facenf.uerj.br/">http://www.facenf.uerj.br/</a>	School of Nursing	Considering a career in Nursing? The School of Nursing, Midwifery and Social Work within the Faculty of Medical and Human Sciences at The University of Manchester has a well-established history of providing nursing courses, being the first School in England to offer a nursing degree and appoint a Professor of Nursing. Fonte: <a href="http://www.nursing.manchester.ac.uk/nursing/">http://www.nursing.manchester.ac.uk/nursing/</a>	
	Faculdade de Odontologia (ODO)	A Faculdade de Odontologia possui cursos de graduação, especialização, mestrado, doutorado e cursos de formação técnica. Fonte: <a href="http://www.odontologia.uerj.br/site/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=4&amp;Itemid=47">http://www.odontologia.uerj.br/site/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=4&amp;Itemid=47</a>	School of Dentistry	The School of Dentistry is consistently rated as one of the best in the UK. Situated on a bustling university campus it has a community focused on world-class developments in oral healthcare, research and education. Fonte: <a href="http://www.dentistry.manchester.ac.uk/aboutus/">http://www.dentistry.manchester.ac.uk/aboutus/</a>	

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO III - BIOMÉDICO	Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG)	O Curso de Graduação em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS é ministrado pelo Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes - IBRAG (...). O IBRAG está organizado em doze departamentos, tendo ainda vários laboratórios especiais, que atuam em todos os campos das Ciências Biológicas nas áreas biológica e biomédica, desenvolvendo atividades relacionadas ao ensino de graduação e pós-graduação, voltadas à pesquisa básica e aplicada e, projetos de extensão voltados para a comunidade. Fonte: <a href="http://www.srl.uerj.br/">http://www.srl.uerj.br/</a>	Roberto Alcântara Gomes Faculty of Biology	The Faculty of Biology is the larger of the two Faculties in the School of the Biological Sciences. The members of the Faculty are listed in the Cambridge University Reporter annually together with those of other Faculties in the University. Officers of the Faculty are also listed in the Reporter. Fonte: <a href="http://www.bio.cam.ac.uk/sbs/facbiol/">http://www.bio.cam.ac.uk/sbs/facbiol/</a>	
	Instituto de Medicina Social (IMS)	O IMS originou-se de uma proposta de modernização da disciplina de Higiene da Faculdade de Ciências Médicas, e é responsável até hoje pelas disciplinas ligadas à Saúde Coletiva no curso médico. Fonte: <a href="http://www.ims.uerj.br/i_pos_especializacao.php">http://www.ims.uerj.br/i_pos_especializacao.php</a>	Faculty of Social Medicine		Para a formação do termo, teremos o uso de Faculty of Medicine, mas Social para diferenciar as duas unidades e enfatizar o cunho mais específico do IMS. <i>The Faculty of Medicine</i> is one of Europe's largest medical institutions – in terms of its staff and student population and its research income. Established in 1997, it brings together all the major West London medical schools into one world-class institution. It maintains close links with a number of NHS Trusts with whom it collaborates in teaching and research activities. Fonte: <a href="http://www1.imperial.ac.uk/medicine/about/">http://www1.imperial.ac.uk/medicine/about/</a>

UERJ

English Version

Observações

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO III - BIOMÉDICO	Instituto de Nutrição (INU)	Através da Resolução 519/84, o Instituto de Nutrição da UERJ (INU), foi criado com autonomia acadêmica, didático-científica e administrativa. Composto pelos Departamentos de Nutrição Básica e Experimental (DNBE), Nutrição Aplicada (DNA) e Nutrição Social (DNS). Fonte: <a href="http://www.nutricao.uerj.br/">http://www.nutricao.uerj.br/</a>	Institute of Nutrition		<p>É curioso observar que os estudos de nutrição não estão concentrados em unidades específicas nas universidades estudadas. A nutrição é tratada como parte de pesquisas junto com medicina e outras disciplinas ou como parte da educação continuada para áreas médicas ou afins, como observamos neste exemplo:</p> <p>Nutrition and Weight Management in CVD prevention. Approved by the Royal College of Physicians for 24 credits</p> <p>This module explores in detail the evidence-base for nutrition and weight in the prevention of cardiovascular disease. There is a strong practical focus in the development of skills needed for safe and effective professional practice of dietary and weight management in the prevention of cardiovascular disease.</p> <p>Fonte: <a href="http://www3.imperial.ac.uk/cpd/courses/subject/medical/cardio/nutrition">http://www3.imperial.ac.uk/cpd/courses/subject/medical/cardio/nutrition</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO IV - CIÊNCIAS SOCIAIS	Faculdade de Administração e Finanças (FAF)	<p>O Curso de Graduação em Administração tem por objetivo preparar os estudantes para solucionar problemas no campo administrativo com ênfase no processo de tomada de decisões junto às pequenas, médias e grandes empresas dos setores públicos e privados. Reconhecido pelo Parecer 99/ECOE/GB – D.O.E.R.J. de 25/02/1965, o curso é ministrado pela Faculdade de Administração e Finanças que, desde 2006, implementou um novo projeto pedagógico visando aprimorar o padrão de qualidade conquistado ao longo de seus 44 anos.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.srl.uerj.br/">http://www.srl.uerj.br/</a></p>	School of Business and Finance		<p>Dois exemplos complementares dão rigem ao termo final, reunindo uma unidade acadêmica de Oxford e de uma unidade administrativa de Manchester:</p> <p>Established in 1996, Oxford University's <b>Saïd Business School</b> is one of Europe's youngest and most entrepreneurial business schools, with a reputation for innovative business education. The School combines the highest standards of academic rigour with a practical understanding of business and wealth creation. Our faculty are engaged in boundary-extending research on key management issues, in dialogue with the wider intellectual community and with practitioners.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.sbs.ox.ac.uk/about/Pages/overview.aspx">http://www.sbs.ox.ac.uk/about/Pages/overview.aspx</a></p> <p>I am pleased to announce the following organisation changes relating to the Directorate of Finance. All changes are planned to be completed by the end of December 2010.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.staffnet.manchester.ac.uk/news/display/?id=6234">http://www.staffnet.manchester.ac.uk/news/display/?id=6234</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO III - BIOMÉDICO	Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)	<p>A Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE/UERJ) foi fundada em 12 de outubro de 1930. (...) Missão Promover a integração de atividades de ensino, pesquisa e extensão, no âmbito das Ciências Econômicas.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.fce.uerj.br/a-faculdade/apresentacao/">http://www.fce.uerj.br/a-faculdade/apresentacao/</a></p>	Faculty of Economics		<p>Apesar de este termo definir um <i>department</i> que poderia ser o equivalente de nossa FCE, o termo <i>department</i>, para a hierarquia “uerjiana” equivaleria a um nível hierárquico logo abaixo da unidade acadêmica. Assim, embora este contraste com a colocação dos termos da UCL neste exemplo, optamos pelo equivalente <i>Faculty</i>.</p> <p>The <b>Department of Economics</b> has an outstanding international reputation in key areas of current research including applied theory, microeconometrics, game theory, labour economics, development economics, macroeconomics, industrial economics, experimental economics H73 and environmental economics.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ucl.ac.uk/economics/about">http://www.ucl.ac.uk/economics/about</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO IV - CIÊNCIAS SOCIAIS	Faculdade de Direito (DIR)	<p>... a Faculdade de Direito da UERJ proporciona oportunidades sem paralelo para o estudo do Direito, num ambiente de aprendizado dinâmico e criativo.</p> <p>Nossa Faculdade prepara os alunos para o sucesso na prática do Direito, graças ao estágio obrigatório realizado no Escritório Modelo, paradigma de assistência jurídica gratuita no País; no serviço público e no magistério.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.direitouerj.org.br/2005/index.php?id_pagina=1010000">http://www.direitouerj.org.br/2005/index.php?id_pagina=1010000</a></p>	Faculty of Law	<p>Law in Oxford  The Faculty of Law in the University of Oxford is the largest law school in the United Kingdom. It is a federation of thirty law schools in the colleges of the University.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.law.ox.ac.uk/about_the_faculty.php">http://www.law.ox.ac.uk/about_the_faculty.php</a></p>	
	Faculdade de Serviço Social (FSS)	<p>O Curso de Pós-graduação da Faculdade de Serviço Social em nível de Mestrado e Doutorado, com área de concentração em Trabalho e Política Social (PPG-SS) destina-se à formação de profissionais, pesquisadores e de docentes universitários, propiciando a obtenção do grau de mestre e doutor em Serviço Social.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.fss.uerj.br/posgraduacao/requisitos/deliberacao_pos-graduacao.pdf">http://www.fss.uerj.br/posgraduacao/requisitos/deliberacao_pos-graduacao.pdf</a></p>	School of Social Work		<p>Assim como acontece com a Nutrição, os estudos de serviço social não estão concentrados em uma unidade acadêmica única nas universidades estudadas. É tratada como parte de uma unidade, em conjunto com a Enfermagem, como observamos neste exemplo do qual partimos para a solução terminológica:</p> <p>Considering a career in Nursing?  The School of Nursing, Midwifery and Social Work within the Faculty of Medical and Human Sciences at The University of Manchester has a well-established history of providing nursing courses, being the first School in England to offer a nursing degree and appoint a Professor of Nursing.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.nursing.manchester.ac.uk/nursing/">http://www.nursing.manchester.ac.uk/nursing/</a></p>

UERJ	English Version	Observações
------	-----------------	-------------

	Termos	Exemplo	Terms	Example	
CENTRO IV - CIÊNCIAS SOCIAIS	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)	<p>O curso de Graduação em Filosofia é ministrado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –IFCH e foi reconhecido pelo Decreto Nº 17259/44 –D.O.U. de 07/12/1944. O curso conta com dois laboratórios: o Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o ensino de Filosofia (LLPEFIL) e o Noésis (Laboratório de Estudos sobre Filosofia Antiga); o Centro de Estudos de Ética e Sociedade , o Centro de Estudos de Fenomenologia, Hermenêutica e Personalismo.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.srl.uerj.br/">http://www.srl.uerj.br/</a></p>	Faculty of Philosophy and Humanities		<p>Não há, nas universidades do <i>corpus</i>, uma unidade que compreenda Filosofia e Humanidades (no caso do IFCH, os cursos de Ciências Sociais e História). Assim, para formar o termo definidor do IFCH, recorreremos ao termo que designa a unidade de Filosofia de Cambridge complementada pelo termo usado em Oxford para uma Academic Division: The Faculty of Philosophy today retains a strong commitment to this analytic tradition, combining it with study and teaching of the history of philosophy from Plato to the present day.</p> <p>Fonte:  <a href="http://www.phil.cam.ac.uk/pros_students/u_gradpros_2012-2013.html#Introduction">http://www.phil.cam.ac.uk/pros_students/u_gradpros_2012-2013.html#Introduction</a></p> <p>The <b>Humanities Division</b> is one of four academic divisions in the University of Oxford, bringing together the faculties of Classics; English; History; Linguistics, Philology and Phonetics; Medieval and Modern Languages; Music; Oriental Studies; Philosophy; and Theology, as well as the Ruskin School of Drawing and Fine Art. (...)</p> <p>Fonte:<a href="http://www.humanities.ox.ac.uk/about_us">http://www.humanities.ox.ac.uk/about_us</a></p>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RESULTADOS:

A construção de um glossário bilíngue dos termos institucionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi o objetivo geral deste trabalho de dissertação. Construí-lo significa ter criado uma ferramenta básica para o tradutor na produção de textos institucionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em língua inglesa. Além de sua importância para a tradução no caminho português-inglês, essa construção pode significar a institucionalização da estrutura da universidade em língua inglesa, ressaltando sua identidade e colaborando para preservar sua memória institucional universitária, por se tratar de um registro formal de sua constituição administrativa e acadêmica.

Para chegar ao glossário, o contexto foi nossa base. Primeiro analisamos a necessidade da construção do glossário para a redação dos textos sobre a UERJ no referido idioma.

A necessidade desse tipo de trabalho advém do impacto que o fenômeno da globalização teve sobre as universidades: a internacionalização. Esse impacto revelou a vocação internacional da universidade desde os primórdios de sua criação. A diferença é que, no passado, a língua franca era o latim, hoje é o inglês. Cada vez mais materiais impressos, *sites* e tudo o que diz respeito à divulgação da universidade, suas atividades e valores, ganha versões na língua inglesa para que a universidade se comunique com o mundo.

Definiu-se, também, no caminho da construção do glossário, os pressupostos teóricos que regem sua produção. Enumeramos brevemente as teorias da terminologia, enfatizando aquela que embasa a criação do glossário de termos institucionais da UERJ: a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que tem como princípio básico o termo e o contexto onde ele se encontra para a definição de seu equivalente. Com a TCT e o artigo de Ana Julia Perrotti-Garcia (2004) sobre as características do bom glossário como guia, nos preocupamos com a coerência e a coesão dos termos para que formassem um todo com sentido em conjunto, com a construção dos verbetes baseada no contexto e em exemplos de uso real na língua de chegada. Ainda que o exemplo não reflita uma definição exata do termo, com o significado proposicional explicitado, o contexto que o circunda oferece o caminho para a construção do sentido e do significado do termo.

Definidas a macro e a microestrutura do glossário, utilizando os pressupostos apresentados por Ana Julia Perrotti-Garcia (2004), iniciamos a pesquisa dos termos que comporiam o glossário. A seguir, comentamos os resultados encontrados, explicitando o modo como encontramos os equivalentes para os termos institucionais da UERJ.

Em primeiro lugar, listamos no programa Excel os termos da UERJ em português, com exemplos retirados do *site* da universidade e dos *sites* das Unidades Administrativas ou Acadêmicas a que pertencem, do seu estatuto e de documentos de sua legislação interna também disponível no portal da universidade ([www.uerj.br](http://www.uerj.br)). Nesta fase, algumas constatações foram importantes: (1) alguns *sites* de Unidades Acadêmicas não possuem informação alguma sobre si mesmas, sua história, seus cursos etc; (2) outras possuem informações completamente desatualizadas, como uma unidade que deu origem a outras três e ainda possui informação da época em que todos os cursos faziam parte da mesma Unidade Acadêmica; (3) unidades que constam do organograma, mas a documentação oficial destituiu seu poder na organização.

Mais uma vez a necessidade do glossário extrapola a tradução e se coloca na linha da preservação da memória institucional e da identidade da universidade. Ele atualiza e fortalece a identidade institucional na medida em que exemplifica seus setores organizacionais e cargos, lembrando e confirmando mudanças ocorridas no organograma da UERJ.

Ao proceder à próxima etapa, ou seja, a pesquisa de equivalentes, buscamos as seguintes universidades do Reino Unido: Cambridge, Oxford, University College London, Imperial College e Manchester. Listamos as estruturas administrativas e acadêmicas de cada uma em arquivo do Excel, assim como o da UERJ, localizando termos e exemplos do uso desses termos na estrutura universitária para assim definirmos os termos equivalentes em língua inglesa. Nossos critérios de escolha dos termos perpassam por observar estruturas parecidas com as da UERJ, o que, observamos, gerou equivalentes totais, outros parciais e outros ainda com equivalentes zero.

Observamos que a maioria dos verbetes é composta por um termo que identifica o seu lugar no organograma da universidade, como por exemplo *Faculty* ou *Directorate*, e um termo específico da disciplina ou da área em que atua, como *Education* ou *Finance*, em *Faculty of Education* ou *Directorate of Finance*. Observamos que as estruturas administrativas das universidades de nosso *corpus* possuem uma organização diferente da presente no organograma da nossa UERJ. Porém, há similaridades que nos ajudaram a resolver situações onde não encontramos diretamente o termo equivalente, como a estrutura acadêmica de Oxford explicitada no terceiro capítulo.

Com caminhos mais facilitados ou não, estruturas similares ou não, o fato é que o glossário bilíngue de termos institucionais universitários cumpre seus objetivos projetados neste trabalho, colocando à disposição da comunidade universitária cerca de setenta termos que refletem a estrutura da UERJ, suas Unidades Acadêmicas e Administrativas e seus respectivos cargos. Um trabalho como esse vai possibilitar a tradução de textos institucionais

## REFERÊNCIAS

ADELSTEIN, Andreína. ; CABRÉ, Maria Tereza. The specificity of units with specialized meaning: polysemy as explanatory factor. *D.E.L.T.A.*, 18 Especial, 2002.

ALMEIDA, Gladis de Barcellos. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006.

ALTBACH, Philip G. e TEICHLER, Ulrich. Internationalization and exchanges in a globalized university. *Journal of Studies in International Education*, 2001. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/cgi/content/abstract/5/1/5>>. Acesso em: nov. 2010.

AUBERT, Francis H. Introdução à metodologia de pesquisa terminológica bilíngüe, *Cadernos de Terminologia*, São Paulo, n.2, 2001.

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v.58, n. 2, abr./jun., 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200015&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200015&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: ago. 2010.

BAKER, Mona. *In other words*. London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. (Ed.). *Routledge encyclopedia for translation studies*. London: Routledge, 2001.

BARROS, Lidia. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Ed.da Universidade de São Paulo, 2004.

BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BENEVIDES, Ricardo. Uma nova proposta para a comunicação dirigida nas empresas. In: LUCAS, Luciane (Org.). *Com credibilidade não se brinca*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

CABRÉ, Maria Tereza. *La terminologia: representación y comunicación. elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Fabra: Barcelona, 1999.

\_\_\_\_\_. La Terminologia, una disciplina em evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. *Debate terminológico, Riterm*, n.1, 2005. Disponível em: <<http://riterm.net/revista/ojs/index.php/debateterminologico/article/view/23/45>>. Acesso em: ago.2010.

\_\_\_\_\_. Terminología y lingüística: la teoría de las puertas. In: *Estudios de lingüística española – EliEs*, 2002. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies16/Cabre.html>>. Acesso em: ago. 2010.

CASPER, Gerhard ; ISER, Wolfgang. *Futuro da universidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

\_\_\_\_\_ ; HUMBOLDT, Wilhelm Von. *Um mundo sem universidades?* Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

CRONIN, Michael. *Translation and globalization*. London: Routledge, 2003.

CRYSTAL, David. English worldwide. In: R. Hogg and D. Denison (eds). *A History of the English Language*. Cambridge: CUP, p. 420-39, 2006.

DEWEY, Martin. *English as a lingua franca: an empirical study of innovation in lexis and Gramma*, 2007. Unpublished PhD thesis, King's College London..

FERINI, Viviane do Amaral. *Dicionário terminológico bilíngue francês-português de termos jurídicos: tratamento terminográfico e reflexões sobre terminologia bilíngue*. 2006. 323f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2006.

FINATTO, Maria José B. ; KRIEGER, Maria da Graça. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

FREITAS, Guilherme. A Língua de Todo Mundo? *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jul. 2010. Caderno Prosa e Verso. p.1-2.

GIL, Beatriz Daruj. *Estudo léxico-semântico do amor-paixão em letras de Música: a predestinação*. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/bia\\_estudo\\_lexico.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/bia_estudo_lexico.pdf)> Acesso em: jan. 2011.

HENRIQUES, Claudio C. e SIMÕES, Darcilia (Orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

HOPKINSON, Sue. The Bologna Process. In: Link Newsletter 2006, nº 16. Disponível em: <[www.hist.headacademy.ac.uk](http://www.hist.headacademy.ac.uk)> Acesso em: set. 2010.

KNIGHT, Jane. Internationalisation of higher education. In: *Quality and internationalisation in higher education, organisation for economic co-operation and development*. Imhe: 1999.

KOSKINEN, Kaisa. *Translating institutions: an ethnographic study of EU translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2008.

KUNSCH, Margarida K. *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LANDULFO, Carolina. *Você conhece as diferenças entre faculdade, instituto e escola?* Disponível em: <<http://www4.usp.br/index.php/ciencias/14047>>. Acesso em :ago. 2010.

MAINGUENEAU, D. *Análise dos textos de comunicação*. São Paulo: Contexto, 2002.

MOSSOP, Brian. Translating institutions and 'idiomatic' translation. *Meta: Translators' Journal*, v. 35, n. 2, p. 343-355, 1990.

OLIVEIRA, Terezinha. A universidade medieval: uma memória. In: *Revista Mirabilia*, Universidade Estadual de Maringá, 2005, vol. 6. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num6/art5.html>>. Acesso em: dez.2010.

ORGANIZATION INTERNATIONALE DE NORMALIZATION. *Terminologie – Vocabulaire, (Norme Internationale ISO 1087: 1990)*. Genebra: ISSO, (E/F), 1990.

PAULA, Luciane M. A origem da universidade na idade média e sua constituição universalista. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/42902/1/A-origem-da-Universidade-na-Idade-Media-e-sua-constituicao-universalista/pagina1.html#ixzz1AocIcRj>>. Acesso em: out. 2010.

PAVEL, Silvia ; NOLET, Diane. *Manual de Terminologia*. Tradução de FAULSTICH, E. Disponível em: <[www.translatinbureau.gc.ca](http://www.translatinbureau.gc.ca)>. Acesso em: mar. 2010.

PERROTTI-GARCIA, Ana Julia. Reflexões sobre as qualidades de um bom glossário técnico: limites e limitações. *Confluências - Revista de Tradução Científica e Técnica*, Lisboa, n. 1, 2004.

PYM, Anthony. *Exploring translation theories*. New York: Routledge, 2010.

ROBERTSON, Roland. *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

ROCHA, Glaucia ; VILLELA, Francisco. O que se Deve Saber sobre Dicionários. In: *Leitura, leituras*, Rio de Janeiro, n. 3, 1999.

SMITH, Ross. Global English: gift or curse?: the case against English as the world's lingua franca. *English Today* 82, Cambridge, v.. 21, n. 2, 2005.

SHIYAB, Said M.; ROSE, Marilyn Gaddis; HOUSE, Juliane e DUVAL, John. *Globalization and aspects of translation*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

SNELL-HORNBY, Mary. Communicating in the global village: on language, translation and cultural identity. In: SHAFFNER, Christina (org.). *Translation on the global village*. Clavedon: Multilingual Matters, 2000.

TOMLINSON, John. *Globalization and culture*. Disponível em: <<http://www.nottingham.edu.cn/resources/documents/A10GZAVA.pdf>>. Acesso em: ago. 2010.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Estatuto da UERJ, 1989. Disponível em: <[http://www.boluerj.uerj.br/pdf/ae\\_00001989\\_00001989.pdf](http://www.boluerj.uerj.br/pdf/ae_00001989_00001989.pdf)>. Acesso em : jun.2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Estatuto da USP, 1988. Disponível em: <<http://www.usp.br/leginf/estatuto/estatuto.html>> Acesso em: nov. 2010.

WING, Shun NG. *What should internationalization of higher education aim at?*. Hong Kong Institute of Education. Disponível em: <[http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=Shun+Wing+NG+internationalization&lr=&as\\_ylo=&as\\_vis=0](http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=Shun+Wing+NG+internationalization&lr=&as_ylo=&as_vis=0)>. Acesso em: out. 2010.

ANEXO – Organograma da UERJ

ORGANOGRAMA – UERJ - 2008

